

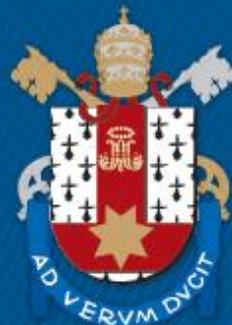
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

LINO ALAN RIBEIRO DA LUZ DAL PRÁ

**DO COLONIALISMO AO FASCISMO: RELIGIOSIDADE E NACIONALISMO A PARTIR  
DA ANÁLISE DO *IL CORRIERE D'ITALIA* (BENTO GONÇALVES/RS 1913 – 1927)**

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

LINO ALAN RIBEIRO DA LUZ DAL PRÁ

**DO COLONIALISMO AO FASCISMO: RELIGIOSIDADE E  
NACIONALISMO A PARTIR DA ANÁLISE DO IL CORRIERE D'ITALIA  
(BENTO GONÇALVES/RS 1913 – 1927)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em História, sob a orientação da prof. Dr. Antonio de Ruggiero.

**Porto Alegre  
2017**

## Ficha Catalográfica

D136d Dal Prá, Lino Alan Ribeiro da Luz

Do colonialismo ao fascismo : Religiosidade e nacionalismo a partir da análise do Il Corriere d'Italia (Bento Gonçalves/RS 1913 - 1927) / Lino Alan Ribeiro da Luz Dal Prá . – 2017.

163 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero.

1. Imigração italiana. 2. Nacionalismo. 3. Fascismo. 4. Religiosidade. 5. Identidade. I. de Ruggiero, Antonio. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecários responsáveis: Marcelo Votto Teixeira CRB-10/1974 e Michelângelo Viana CRB-10/1306

LINO ALAN RIBEIRO DA LUZ DAL PRÁ

**DO COLONIALISMO AO FASCISMO: RELIGIOSIDADE E  
NACIONALISMO A PARTIR DA ANÁLISE DO IL CORRIERE D'ITALIA  
(BENTO GONÇALVES/RS 1913 – 1927)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em História, sob a orientação da prof. Dr. Antonio de Ruggiero.

Aprovado em 11 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR. ANTONIO DE RUGGIERO  
(ORIENTADOR)

PROF. DR. ALBERTO BARAUSSE  
(UNIVERSITÁ DEGLI STUDI DEL MOLISE)

PROFA. DRA. TERCIANE ÂNGELA LUCHESE  
(UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL)

## AGRADECIMENTOS

Para o desenvolvimento desta dissertação, diversas pessoas e certas instituições foram significativas, contribuindo de maneiras diferentes para o sucesso do projeto de pesquisa descrito nas presentes páginas. Logo, nas poucas linhas destes agradecimentos, busquei relatar alguns destes indivíduos, muito importantes, tanto para este trabalho, como também para a minha vida de forma geral.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Doutor Antonio de Ruggiero, pelos direcionamentos, tempo disponível, obras cedidas e, principalmente, pela sua completa confiança no meu trabalho, em momentos que outros educadores não se prestariam a colaborar com as ideias de um jovem irresponsavelmente atarefado.

Ao Colégio Marista Assunção e sua direção, pela compreensão, paciência e pela remuneração concedida pelos meus serviços, recursos que inexistentes, inviabilizariam a realização deste mestrado e de tantos outros projetos colocados em prática entre os anos de 2014 a 2017.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, pelo investimento promovido por estes na formação da minha educação, base fundamental para a realização de qualquer pesquisa atual ou futura.

A Vicente Dalla Chiesa, parceiro que o mestrado me proporcionou e que, sem sua condução a pesquisa sobre os scalabrinianos em Bento Gonçalves, provavelmente não teria ganhado o corpo necessário para se efetivar como um trabalho plenamente satisfatório.

Aos funcionários do Arquivo Histórico de Caxias do Sul e do Museu Histórico Casa do Imigrante de Bento Gonçalves, que continuamente me disponibilizaram acervos de caráter variado.

A Gustavo Valduga, que me inspirou constantemente, por meio de suas produções e que desejo grande sucesso.

A Márcia Lorenzini, que disponibilizou edições valiosas do jornal *Il Corriere d'Italia*, volumes indisponíveis em qualquer centro de memória que eu possuísse conhecimento.

Além de fornecer este material, é importante ressaltar a forma hospitaleira como a mesma sempre me recebeu em sua casa, me fornecendo tudo que fosse necessário naquelas longas tardes de domingo, dias em que transformei sua residência em um verdadeiro laboratório de pesquisa.

E, por fim, à minha esposa, sua família e a minha vó, que sempre se mostraram presentes nos momentos que precisei, apesar de eu nunca ter agradecido a eles por estas ações maravilhosas.

E quando isso acontecer, quando permitirmos que a liberdade ressoe, quando a deixarmos ressoar de cada vila e cada lugar, de cada Estado e cada cidade, seremos capazes de fazer chegar mais rápido o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar-se as mãos e cantar as palavras da antiga canção espiritual negra:

Finalmente livres! Finalmente livres! Graças a Deus Todo Poderoso, somos livres, finalmente.

Martin Luther King Junior.

## **LISTA DE SIGLAS**

PSI: Partido Socialista Italiano.

PSR: Partido Socialista Reformista.

PCI: Partido Comunista Italiano.

PPI: Partido Popular Italiano.

FIC: Fasci Italini di Combattimento.

PNF: Partido Nacional Fascista.

## LISTA DE FIGURAS

### Sumário

<b>Figura 01</b> - Il Corriere d'Italia, 07 jun. de 1914 .....	49
<b>Figura 02</b> – Pintura de R. Legat, “Balalha de Calatafimi”, Itália, 1860 .....	54
<b>Figura 03</b> – Pintura de G. Induno. “Giuseppe Garibaldi”, Itália, 1870 .....	54
<b>Figura 04</b> – Pintura de S. de Albertis. “Encontro de Garibaldi e Vittorio Emanuele II em Teano”, Itália, 1870 .....	55
<b>Figura 05</b> – Fotografia do Fascio Hugo Pepe de Bento Gonçalves em 1930 .....	115
<b>Figura 06</b> – Fotografia de Gino Battochio e outros simpatizantes fascistas em 1935 .....	115
<b>Figura 07</b> – Fotografia de Pedro Tacchini, com representantes consulares italianos em Bento Gonçalves, 1936 .....	116
<b>Figura 08</b> – Publicação sobre o cinquentenário da imigração italiana .....	131
<b>Figura 09</b> – Livreto scalabriniano .....	135

## RESUMO

Ao longo do processo historiográfico regional, o jornalismo foi amplamente utilizado como objeto de pesquisa, visto que por meio dele é possível compreender aspectos identitários, culturais e religiosos das sociedades onde o mesmo foi desenvolvido e reproduzido para as massas, sejam elas localizadas nos centros políticos do Estado ou nas regiões coloniais. Outro uso para estes documentos ocorre ao se analisar os movimentos ideológicos articulados pelos editoriais destas publicações, que buscam conduzir a circulação de notícias segundo seus interesses particulares. Quanto a isso, o presente trabalho procura interpretar como ocorreu a consolidação das coletividades italianas em Bento Gonçalves e suas imediações, além de analisar sua atuação coletiva e interesses regionais e internacionais entre 1913 a 1927 através do jornal *Il Corriere d'Italia*, publicação que pelo seu caráter religioso e nacionalista, acabou por difundir uma perspectiva diferenciada quanto as relações do Estado Italiano com a Igreja, marcadas em outros semanários como inviáveis, mas recorrentemente incentivadas pelo segmento scalabriniano, detentor do jornal. Outro ponto significativo se centrou na análise do constante combate efetuado pela Ordem Carlista contra o Partido Nacional Fascista, detentor de uma ideologia relativamente aceita no nordeste do Rio Grande do Sul, composto por populações que acompanhavam a escalada eleitoral de lideranças do presente partido. Todavia, antes de serem abordados estes pontos, será efetuado um estudo sobre os processos migratórios articulados pelos italianos no século XIX, o desenvolvimento de suas colônias no estado gaúcho, a articulação dos primeiros editoriais étnicos e a consolidação dos seus pareceres e valores culturais.

Palavras-chave – Imigração Italiana, Nacionalismo, Fascismo, Religiosidade, Identidade.

## ABSTRACT

Throughout the regional historiographical process, journalism has been widely used as an object of research, since through it it is possible to understand identity, cultural and religious aspects of the societies in which it has been developed and reproduced for the masses, whether located in political centers of the State or in the colonial regions. Another use for these documents occurs when analyzing the ideological movements articulated by the editorials of these publications, that aim to lead the circulation of the news according to their particular interests. Regarding this, the present work seeks to interpret how the consolidation of the Italian collectivities in Bento Gonçalves and its surroundings occurred, besides analyzing its collective actions and regional and international interests between 1913 and 1927 through the newspaper *Il Corriere d'Italia*, publication that by its religious and nationalist character, eventually spread a different perspective on the relations between the Italian State and the Church, marked in other weekly newspapers as unfeasible, but recurrently encouraged by the scalabrinian segment, which owns the newspaper. Another significant point was centered in the analysis of the constant combat carried out by the Carlist Order against the National Fascist Party, which holds a relatively accepted ideology in the northeast of Rio Grande do Sul, made up of populations that accompanied the electoral escalation of the party's leaderships. However, before addressing these points, a study about the migratory processes articulated by the Italians in the nineteenth century, the development of their colonies in the state of Rio Grande do Sul, the articulation of the first ethnic publishers, and the consolidation of their opinions and cultural values will be made.

Keywords - Italian Immigration, Nationalism, Fascism, Religiosity, Identity

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O RETRATO DA COLÔNIA ANTES DA PRIMEIRA GUERRA E EM SEUS ÚLTIMOS ANOS (1875 A 1917):.....	19
1.1 Italianos em Bento Gonçalves. A imigração internacional no fim do século XIX e início do século XX. ....	19
1.1.1 Imigração e identidade italiana. ....	22
1.1.2 Os imigrantes e as questões da fé em Bento Gonçalves. ....	25
1.2 O papel da Igreja e o surgimento da imprensa serrana. ....	27
1.2.1 Igreja e imigração na serra gaúcha. ....	30
1.2.2 A Ordem scalabriniana no Brasil, antes de 1913. ....	32
1.2.3 Jornalismo: étnico e religioso.....	35
1.3 Os periódicos católicos como retratos da vida colonial e italiana. ....	37
1.3.1 Pátria e religião: O Surgimento do <i>Il Corriere d'Italia</i> . ....	40
1.3.2 As armas! Da Guerra Ítalo-Turca ao princípio da Grande Guerra.....	49
1.3.3 <i>Il Corriere d'Italia</i> : Motivações no estilo de produção. ....	52
1.3.4 A Grande Guerra: Impressões e articulações na serra gaúcha. ....	57
1.3.5 Conflitos étnicos: As rivalidades entre o <i>Il Corriere d'Italia</i> e o <i>Il Colono Italiano</i> . ....	66
1.3.6 Benito Mussolini e o socialismo em 1915: A reportagem “ <i>Socialismo Guerrafondaio</i> ”.....	71
2. TRANSFORMAÇÕES NO IL CORRIERE D’ITALIA E AS QUESTÕES POLÍTICAS ITALIANAS (DE 1918 A 1924)......	74
2.1 O fim dos anos 10 e o presságio de mudanças. ....	74
2.1.1 Itália e Serra Gaúcha: Um retrato da vinda da embaixada italiana para Bento Gonçalves e adjacências.....	75
2.1.2 1918: O fim da guerra e a vitória mutilada. ....	79
2.1.3 As perspectivas do <i>Il Corriere d'Italia</i> sobre a política italiana no final da década de 1910.....	84
2.2 A Itália no alvorecer da década de 1920, segundo a perspectiva do jornal <i>Il Corriere d'Italia</i> . ....	87
2.2.1 Crises institucionais e o apoio ao Partido Popular Italiano. ....	90

2.2.2 A articulação dos partidos socialista e comunista e o repúdio destas perspectivas ideológicas pelo <i>Il Corriere d'Italia</i> . .....	97
2.2.3 O fascismo de Benito Mussolini: A corrupção da ideologia liberal. ....	103
2.3 A Ascensão fascista e a crise da democracia italiana. ....	108
2.3.1 Os Escândalos do partido fascista e o repúdio do <i>Il Corriere d'Italia</i> . ....	110
2.3.2 Censura e a ampliação da perseguição na Itália. ....	113
2.3.3 O Rei e a fragilidade na democracia italiana. ....	122
3 COLÔNIA BRASILEIRA: O FOCO NO BRASIL E NA FÉ PELO <i>IL CORRIERE D'ITALIA</i> (1925 - 1927): .....	126
3.1 O Cinquentenário da Imigração italiana e as mudanças no <i>Il Corriere d'Italia</i> no fim do primeiro quinquênio da década de 1920. ....	126
3.1.1 As comemorações do cinquentenário em meio à crise italiana, segundo a perspectiva do <i>Il Corriere d'Italia</i> . ....	129
3.1.2 O interesse no Brasil e o aprofundamento nas novas tendências pelo jornal <i>Il Corriere d'Italia</i> . ....	134
3.2 O <i>Corriere D'Italia</i> no final da década de 1920. ....	137
3.2.1 Entre cristãos e protestantes: A conversão ao catolicismo como grande pauta em 1926 e 1927. ....	140
3.2.2 Entre a indiferença e a simpatia: A posição do <i>Il Corriere d'Italia</i> quanto ao fascismo em seus últimos anos de produção. ....	142
3.2.3 Queda repentina: As alegações oficiais para o fim do <i>Il Corriere d'Italia</i> . ....	145
CONCLUSÃO.....	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	152
JORNAIS CONSULTADOS (PERÍODO DE ANÁLISE).....	162
ARQUIVOS, MUSEUS E BIBLIOTECAS .....	162

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura desenvolver uma análise sobre a identidade italiana na região nordeste do Rio Grande do Sul, através do jornal *Il Corriere d'Italia*, entre os anos de 1913 a 1927, visto a influência do semanário dentro do período estudado. Concomitantemente, também buscou-se averiguar como o jornal em questão modificou a sua maneira de desenvolver e vincular notícias, devido às alterações no perfil político e cultural das comunidades locais.

A identidade é considerada um dos elementos fundamentais para os indivíduos, visto que a partir dela compreendemos melhor quem somos e onde estamos inseridos. Os elementos que compõe a identidade são diversos, podendo ter caráter linguístico, religioso, político, ideológico, entre outros, sendo a homogeneização destes fatores os permeadores das coletividades.

Todavia, tais uniformizações não possuem relação plena com a realidade, tendo em vista que, apesar das similaridades entre os pareceres promovidos pelos diferentes sujeitos, muitas particularidades são perceptíveis, como as variações presentes nos idiomas, as múltiplas maneiras de se professar a mesma fé ou, até mesmo, as divergências existentes nas práticas de determinadas orientações ideológicas.

Com isso, pode-se definir que a identidade coletiva é uma construção desenvolvida por múltiplos indivíduos, onde, segundo Stuart Hall, as pessoas e coletividades inseridas compactuariam de ideias similares, podendo ser inventadas<sup>1</sup> e, devido a sua porosidade, estarem em constante transformação.

As particularidades conflituosas e instáveis que permeiam as identidades coletivas tendem a favorecer os setores dominantes presentes nas sociedades, tendo em vista a sua aproximação com os pareceres identificados como fundamentais ou majoritários dentro de um agrupamento. Por outro lado, essa situação tende a ser um complicador para os demais grupos, muitas vezes rejeitados ou identificados como indivíduos de segunda classe pelos outros segmentos, como no caso de diversos contingentes de imigrantes que aportaram no Brasil ao longo do século XIX, muitas vezes relegados ao abandono<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> HALL, Stuart. **Identities culturais na pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997. p. 49.

<sup>2</sup> DE BONI, Luis. O catolicismo da imigração: Do triunfo a crise. In: DACANAL, José H. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 235.

Segundo Valduga, o imigrante “é o elemento de conflito na ordem estabelecida”<sup>3</sup>, ou seja, este seria o ser que não se encaixa em nenhuma realidade, tanto na receptora quanto na deixada em outros tempos, indivíduo em situação transitória, que acredita em uma adequação a longo prazo, mas que muitas vezes não busca plenamente a sua integração ou não tem a possibilidade de ser incluído pela falta de interesse do grupo que os recebe.

Conforme Sayad:

A imigração pode ser definida como a presença no seio da ordem nacional [...] de indivíduos não-nacionais (isto é, de estrangeiros, de nacionais de outras nações, de outra ordem nacional ou de outra nacionalidade) e a emigração, por simetria, como a ausência de ordem nacional (isto é, da nação, e se durar de mais da nacionalidade) de nacionais pertencentes a essa ordem; o imigrante é aquele que realiza essa presença estrangeira e corretivamente, o emigrante é aquele ausente que se encontra no estrangeiro.<sup>4</sup>

Os diversos grupos de imigrantes fixados na região nordeste do Rio Grande do Sul, muitos deles provenientes da nascente Itália, se encontravam imersos em tais condições. Nesta região pouco habitada e geograficamente hostil, em virtude da manutenção da mata densa, os europeus tentavam organizar suas comunidades, com poucos ou sem qualquer recurso enviado pelos governos locais.

Quanto à sua identidade, a própria perspectiva de ser italiano não era bem constituída, devido ao curto espaço de tempo entre a unificação dos reinos da península e a entrada nos navios em direção ao novo mundo. Como destacado por Bertonha, o Estado italiano investia muitos recursos em diferentes instâncias administrativas, com a finalidade de uniformizar o discurso sobre a italianidade<sup>5</sup>, todavia, a construção deste parecer cultural fora um projeto de longo prazo, levando muitos dos imigrantes a não desenvolverem uma ligação coerente com a nação de origem, fazendo com que estes, conseqüentemente, enxergassem a colônia como sua única pátria possível<sup>6</sup>, pelo menos inicialmente.

Devido a esta realidade, em certos momentos desconfortável e, em outros instantes, acolhedora, os imigrantes e seus descendentes passaram a organizar espaços de confraternização com o interesse de se fortalecer mutuamente. Entre os diversos locais

---

<sup>3</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 09.

<sup>4</sup> SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 266.

<sup>5</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 57.

<sup>6</sup> GIRON, Loraine Slomp. **Colônia: um conceito controverso**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p.23.

edificados, o das Igrejas foram os mais valorizados, sendo a religiosidade o segmento comum que mais aproximava as famílias provenientes da Itália.

A valorização da fé facilitou a articulação das ordens religiosas em diversas cidades serranas, existindo grande destaque para o segmento dos scalabrinianos, que por décadas possuiu significativa influência em diferentes espaços, tanto em Bento Gonçalves, como nas cidades circunvizinhas.

Devido ao seu grande potencial político e financeiro, a Ordem de São Carlos conseguiu manter, entre os anos de 1913 a 1927, o jornal religioso mais popular de sua cidade, o *Il Corriere d'Italia*, semanário reproduzido em italiano, de orientação católica e que possuía múltiplas finalidades. Entre esses objetivos, havia o de ampliar a capacidade evangelística da instituição, propagar a concepção de uma união entre Igreja e Estado na Itália e defender determinadas perspectivas éticas e morais.

Apesar de se manter firme em sua filosofia fundante, em diversos momentos o semanário carlista demonstrou alterações nas suas linhas editoriais, ampliando ou diminuindo suas bases de apoio a determinadas esferas políticas e/ou ideológicas, muito em virtude das variações de interesse dos seus leitores. A análise destas alterações é significativa para uma melhor compreensão da cosmovisão das populações locais, visto que, localmente não existiam outras motivações latentes para alterações tão expressivas nos assuntos abordados pelo jornal, como, por exemplo, na sua crítica à ideologia fascista, que possuiu uma variação considerável ao longo da década de 1920.

Diante de tal quadro, os objetivos deste trabalho são:

1º Identificar como ocorreu o processo de incorporação da identidade italiana pelos imigrantes provenientes da península itálica, compreendendo se a ascensão da ideologia fascista fora fundamental para a identificação dos mesmos com esta nação.

2º Definir como o jornal *Il Corriere d'Italia* desenvolveu o seu discurso ao longo do tempo, analisando as diferentes motivações locais e internacionais para as possíveis alterações dos seus pareceres.

Como problemáticas, impõem-se as seguintes questões norteadoras:

1 – Como ocorreu a evolução do sentimento de italianidade entre os colonos presentes na serra gaúcha?

2- A ideologia fascista fora fundamental para a consolidação desta perspectiva identitária?

3 – De que forma a imprensa carlista de Bento Gonçalves noticia o movimento fascista no período de circulação do *Il Corriere d'Italia*?

4 – As mudanças no perfil dos leitores do semanário Scalabrinano levaram a alterações nas produções articuladas por este jornal?

As fontes utilizadas para este trabalho são periódicos que circulavam ou circulam nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No caso do jornal carlista, *Il Corriere d'Italia*, objeto principal na realização desta pesquisa, parte da sua coleção foi consultada junto ao Museu Histórico Casa do Imigrante, em Bento Gonçalves. As edições faltantes no acervo foram analisadas na residência de Márcia Lorenzini, que detém os demais exemplares deste jornal sob sua posse. Por meio do acervo digital do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, foram consultados diversos volumes dos jornais *Il Colono Italiano* e *Il Giornale dell'Agricoltore*, *Staffetta Riograndense*, *La Libertà* e *Correio do Povo*. No Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi, analisou-se o jornal de inclinação fascista *La Nuova Itália* e, por fim, no acervo virtual da Biblioteca Pública de Santa Catarina, se obteve o acesso de alguns exemplares do jornal *O Estado*, que era produzido na cidade de Florianópolis. A edição do *Correio Riograndense* utilizada na pesquisa se encontra, até a publicação deste material, disponível para acesso público na internet.

A escolha temporal desta dissertação se deu a partir do período em que o presente semanário esteve em circulação sob a gerência da Ordem de São Carlos, sendo trabalhados todos os materiais produzidos por seu editorial enquanto este esteve em funcionamento. Tal semanário étnico, foi extremamente significativo para pesquisas sobre identidade, religiosidade, nacionalismo e outras temáticas referentes à imigração italiana, tendo em vista sua significância dentro da conjuntura colonial do Estado do Rio Grande do Sul, chegando a ter em circulação mais de 3000 exemplares no seu último ano de produção<sup>7</sup>, além de outros documentos produzidos, como calendários anuais e livretos religiosos.

Por ventura destas especificidades, ou seja, de receber relevantes auxílios financeiros de uma importante organização religiosa, afora a manutenção de um número relevante de leitores a longo prazo, o *Il Corriere d'Italia*, diferente da maioria das outras publicações desenvolvidas na região, circulando por mais de uma década, fato que possibilitou a realização de uma leitura mais clara dos acontecimentos ocorridos, tanto na Itália, como nas colônias italianas situadas em solo gaúcho.

Para o tratamento das fontes, fora utilizada como metodologia de pesquisa a análise de discurso, detendo-se a forma como se constitui as ideias presentes no texto, as alterações que

---

<sup>7</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 123.

este passa ao longo do tempo e os interesses inerentes dos seus autores sobre o que foi produzido. Em virtude das características da fonte de pesquisa e do que se buscou extrair delas, tal análise também se desenvolveu de forma qualitativa.

Entende-se como análise do discurso a perspectiva de que todo o texto que busca ser interpretado em uma pesquisa histórica é portador de discurso e que, por assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. Deste modo, se compreende que a forma com que o texto acaba sendo produzido, leva o autor a ter uma compreensão que pode ir além do próprio conteúdo apresentado, sendo necessário uma investigação minuciosa do que o vocabulário, enunciados e tempos verbais buscam comunicar ao seu público alvo, de forma direta ou indireta<sup>8</sup>.

Também considera-se que a análise qualitativa descreve variáveis em um processo, mas não as mede, não se preocupando em contabilizar os valores que tais variáveis adquirem, ainda que se possa estabelecer que há mudanças de valor entre elas. Com isso, busca-se analisar o discurso das fontes, conforme a estrutura do seu conteúdo, que permite decorrer sobre o estado da língua ou o uso de determinadas palavras, podendo aplicar modelos verbais em uma descrição de informação<sup>9</sup>.

Em virtude de determinadas informações não serem encontradas de forma explícita nas fontes de pesquisa, foi levado em conta, pelo historiador, o local e o momento em que os sujeitos e instituições desenvolvedoras se encontravam no período de produção dos documentos, objetivando obter uma compreensão melhor sobre o que, de fato, ocorreu.

Neste sentido, para melhor compreender as posições e os significados assumidos por essa imprensa, foi primeiramente necessário:

- Compreender o processo de unificação italiana e suas consequências para as relações entre o nascente reino da Itália e a Igreja católica.
- Identificar os posicionamentos centrais a nível regional da Ordem de São Carlos.
- Reconhecer qual era o papel da religiosidade na vida cotidiana dos imigrantes e descendentes na serra gaúcha.
- Analisar durante o período de 1913 a 1927, quais as posições do *Il Corriere d'Italia* diante da identidade local e determinar alterações na orientação de suas produções, averiguando principalmente como o fascismo é trabalhado, visando:

1º Interpretar como a ideologia é percebida pelo editorial ao longo do tempo.

---

<sup>8</sup> CARDOSO, Ciro. RONALDO, Vainfas. História e Análise de textos. In: CARDOSO, Ciro. RONALDO, Vainfas (org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier. 1997, p. 377.

<sup>9</sup> ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: Teoria e Método**. Bauru: Edusc, 2006, p. 515.

2° Delinear a existência, ou não, do fortalecimento do sentimento de italianidade com a ascensão do movimento fascista no reino italiano.

Para a concretização destes passos, o trabalho será estruturado em 3 capítulos, divisão que respeita uma lógica cronológica.

O primeiro capítulo corresponde ao período de 1875 a 1917. Nele, será analisado o processo de imigração realizado por italianos no final do século XIX e início do século XX, a configuração da identidade nacional deste país, a importância dada por imigrantes e descendentes à religiosidade na região serrana do Rio Grande do Sul, o processo de organização e expansão da Ordem scalabriniana em solo brasileiro, a criação do jornal *Il Corriere d'Italia* e a sua cobertura quanto aos aspectos da italianidade, socialismo e os eventos da Primeira Guerra Mundial. Em virtude de o período de cobertura ser maior, o primeiro capítulo acaba por abranger mais conteúdo que os demais.

O período de 1918 a 1924 é abordado dentro do segundo capítulo, onde trata-se mais especificamente dos acontecimentos ocorridos a partir do último ano da Grande Guerra, evento que trouxe instabilidades ao reino italiano, uma situação que ampliou as tensões políticas e semeou o terreno para os enfrentamentos ideológicos que marcaram a década de 1920 na Itália.

Devido a esta situação, será analisado a postura do *Il Corriere d'Italia* perante os principais elementos que povoaram o cenário político desta nação europeia, refletindo as melhores maneiras de se governar o reino, ou seja, questionando sobre as possibilidades do socialismo ou fascismo governarem a Itália, além da viabilidade de um partido de cunho católico realizar tal empreitada. Antes disso, também será realizado um estudo sobre a significância da vinda da embaixada italiana ao Rio Grande do Sul, destacando a importância que o evento tem para os imigrantes e descendentes que habitavam as cidades serranas, principalmente Bento Gonçalves, sede do *Il Corriere d'Italia*.

No último capítulo, correspondente aos anos de 1925 a 1927, deu-se foco nas alterações conjunturais promovidas pelo *Il Corriere d'Italia*, às celebrações do cinquentenário italiano e nas possibilidades do jornal estar alterando sua postura, devido a mudanças no perfil dos consumidores do seu produto.

Deste modo, percebe-se que o presente trabalho busca esclarecer apenas algumas facetas de assuntos relevantes ao campo das identidades. Para trabalhar o conceito de um modo geral, ou de forma específica, como o caso da imigração italiana, seria possível trilhar diferentes caminhos e, dependendo de qual fosse utilizado, determinadas fontes seriam mais interessantes do que outras. No que se propôs fazer na presente dissertação, escolheu-se o emprego do jornalismo religioso, em virtude da sua relevância para o público leitor do período.

Espera-se, com a conclusão desta pesquisa, de nenhum modo concluir os trabalhos referentes aos processos articulados por italianos no Rio Grande do Sul, mas auxiliar o desenvolvimento científico sobre este tema, sendo tal trabalho uma pequena parte de um projeto maior, já colaborado por outros pesquisadores, entre eles Gustavo Valduga e Terciane Luchese, que variando em sua lógica de pesquisa apresentaram significativos trabalhos referentes a imigração italiana utilizando-se do jornal *Il Corriere d'Italia*, o primeiro em sua dissertação de mestrado, intitulada "Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945), onde contextualizou o surgimento e desenvolvimento do jornal, além de seu posterior fim a partir da unificação com o semanário capuchinho, *Staffetta Riograndense*. Já Luchese, nos últimos anos, vem desenvolvendo produções sobre o presente jornal, identificando como este semanário foi utilizado como instrumento de ensino para os imigrantes, visando, deste modo, compensar as limitações enfrentadas pela Igreja nos primórdios da colonização em sua missão de evangelizar de forma direta estas comunidades<sup>10</sup>.

Ressalta-se, por fim, que todas as traduções, sejam elas do italiano ou do espanhol, para o português, foram realizadas pelo autor do presente trabalho.

---

<sup>10</sup> LUCHESE, Terciane Ângela. Catolicidade e Italianidade no Jornal *Il Corriere d'Italia*, RS, Brasil (1913 – 1927). In: DE RUGGIERO, Antonio. **Histórias e Narrativas Transculturais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017, p. 283 – 284.

## 1 O RETRATO DA COLÔNIA ANTES DA PRIMEIRA GUERRA E EM SEUS ÚLTIMOS ANOS (1875 A 1917):

### 1.1 Italianos em Bento Gonçalves. A imigração internacional no fim do século XIX e início do século XX.

Segundo Rela, o processo de imigração para a região nordeste do Rio Grande do Sul decorreu da própria situação sociopolítico-econômica da Itália e da Europa como um todo. Esta nação recém-unificada, em um contexto de expansão do capitalismo, possuía um significativo contingente de mão-de-obra excendente. Tal fato, aliado à política do governo brasileiro para substituição da mão-de-obra escrava, povoou parte da região sul e sudeste do país americano.<sup>11</sup>

Este processo migratório analisado no Rio Grande do Sul e protagonizado pelos imigrantes italianos, também pode ser observado em outras localidades globais, sejam elas presentes na Europa ou em outros continentes, fator que possibilitou a organização de diversas coletividades italianas espalhadas pelo mundo, tendo em vista que, em diversas situações, tais indivíduos permaneciam longas temporadas nas localidades receptoras que, em muitas situações, possuíam grande quantidade de espaços vazios (como no caso dos processos desencadeados em direção a América<sup>12</sup>).

Os promotores destes deslocamentos, o faziam em busca de melhores condições de vida, devido a situação precária que encontravam na península<sup>13</sup>. Ao mesmo tempo que, por meio do processo migratório, aliviavam-se as tensões políticas e sociais existentes no nascente país, tornando a situação benéfica para as duas partes envolvidas. Somava-se a este fato, a visão de que a imigração também era uma real possibilidade de crescimento econômico para o país<sup>14</sup>, por efeito das remessas de dinheiros enviados para os habitantes da nação pelos italianos no exterior: “Além da solução individual dos problemas econômicos, a saída dos italianos tornou-se um empreendimento altamente rentável para o reino”<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> RELA, Eliana. **Nossa fé, nossa vitória**: Igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p. 14

<sup>12</sup> PETRONE, Maria Tereza. Imigração. In: FAUSTO, Boris. **História geral da imigração brasileira**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 95.

<sup>13</sup> TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico**: Um Século da imigração italiana no Brasil. São Paulo: Studio Nobel. 1989, p. 30.

<sup>14</sup> RELA, Eliana. **Nossa fé, nossa vitória**: Igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p. 23.

<sup>15</sup> GIRON, Loraine. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 52.

Retornando à questão da imigração, é imprescindível citar que, em diversas circunstâncias, os imigrantes se deslocavam para outras regiões em busca da subsistência em curtas temporadas, contornando a falta de perspectivas existentes na Itália recém unificada<sup>16</sup>.

Emigração italiana (países)	Entre 1870 – 1970 (em milhões)
Estados Unidos	5,6
França	4,1
Suíça	3,0
Argentina	2,9
Alemanha	2,4
Brasil	1,5
Canadá	0,6

Fonte: BERTONHA, João. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto. 2014, p. 88.

Diferente do que muitas vezes era esperado pelos imigrantes, a vida em muitas das regiões receptoras era complexa, tendo em vista a desilusão com as promessas proporcionadas pelos governos locais e o subsequente abandono promovido posteriormente, fato apresentado na região serrana do Rio Grande do Sul<sup>17</sup>. Neste contexto, muitas vezes a religião acabou sendo utilizada para a constituição da união entre eles<sup>18</sup>, visto que a “quase totalidade confessava-se católica, e a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente, a existência”<sup>19</sup>, fator que levou ao desenvolvimento de uma significativa infraestrutura voltada para questões religiosas em diversos ambientes do seio colonial, muitas vezes administradas por ordens católicas, como a de São Carlos e a dos padres capuchinhos, que acabaram por receber um êxito significativo em suas funções.

Sobre o segmento scalabriniano, é significativo ressaltar a sua vocação referente ao trato com o público imigrante, sendo que esta era uma das diretrizes da Ordem em um contexto de

<sup>16</sup> BERTONHA, João. *Os Italianos*. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 100.

<sup>17</sup> DE BONI, Luis. O catolicismo da imigração: Do triunfo a crise. In: DACANAL, José H. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 235.

<sup>18</sup> Segundo Borges (em BORGES, João Baptista Pereira. **Italianos no mundo rural paulista**. São Paulo: Pioneira/ Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1974, p. 120), a religião e suas instituições se configurariam como uma zona de segurança para os colonos, que a utilizavam como referência em seu processo de compreensão das questões culturais da nova região habitada, sem perder os laços de caráter identitário promovidos nas terras de origem.

<sup>19</sup> BORGES, João Baptista Pereira. **Italianos no mundo rural paulista**. São Paulo: Pioneira/ Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1974, p. 120.

fortes movimentações promovidas pelos cidadãos italianos no século XIX, muitas vezes relegados, como citado anteriormente, à própria sorte nos seus destinos de viagem, tanto pelo governo local como pelo situado em Roma. De modo consonante, D. Scalabrini também era reticente em suas cobranças para uma maior presença do governo italiano quanto aos imigrantes fixados em diversas regiões do globo, enxergando estas coletividades como úteis, tanto para a causa nacional, com o fortalecimento da influência e poder econômico da Itália por meio das suas colônias, como da Igreja, a partir da civilização dos povos considerados bárbaros, promovendo, com isso, o *lobby* scalabriniano de vincular a causa religiosa com a nacional.

Segundo estes pareceres, pode-se destacar que os objetivos de D. Scalabrini convergiam em uma ação missionária voltada às levas de imigrantes que abandonavam a Itália, muitas vezes completamente desassistidos pelas autoridades governamentais<sup>20</sup>. Apesar de, segundo o mesmo, a Igreja possuir significativas funções dentro deste processo, devendo, deste modo, auxiliar as coletividades italianas na Europa e em outros continentes, também caberia ao Estado uma postura mais assertiva no processo migratório, contribuindo materialmente com os compatriotas presentes nas novas terras.<sup>21</sup>

Foi por meio do trabalho destas ordens e pela movimentação dos imigrantes italianos na serra gaúcha, que, segundo Rela, “a zona de imigração italiana buscou a continuidade de sua vivência religiosa, praticada nas aldeias rurais da Itália”<sup>22</sup> fator que levou os envolvidos a almejamem a consolidação de uma cidade santa, semelhante a Jerusalém, em solo gaúcho.<sup>23</sup>

Tal fato só demonstra como a fé foi significativa aos envolvidos, visto seu papel na formatação da identidade individual e coletiva do imigrante e, com isso, catalisadora da força destes na configuração das primeiras vilas, objetivadas segundo os padrões celestiais<sup>24</sup>, pelo menos conforme o seu imaginário<sup>25</sup>.

---

<sup>20</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 57.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>22</sup> RELA, Eliana. **Nossa fé, nossa vitória**: Igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p.31.

<sup>23</sup> BENEDUZI, Luís, Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 686.

<sup>24</sup> RELA, Eliana. **Nossa fé, nossa vitória**: Igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p. 31.

<sup>25</sup> SOARES, Caio. **Sartre e o pensamento mítico: Revelação arquetípica da liberdade em As Moscas**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, defendida na USP, 2005, p. 65.

### 1.1.1 Imigração e identidade italiana.

Segundo Bertonha, em seu livro “Os Italianos”, os povos da península itálica possuíam uma verdadeira vocação à imigração, visto a sua inserção em diferentes mercados globais, tanto nos espaços geograficamente próximos à pátria unificada em 1861<sup>26</sup>, quanto nos distantes destinos localizados fora do continente europeu.

O estilo de imigração proposto geralmente variava com o local de destino, podendo ter um caráter duradouro, ocorrido principalmente quando longas distâncias eram percorridas, ou de curta duração, voltada a trabalhos específicos com a finalidade de serem adquiridos capitais para o sustento dos familiares que haviam permanecido em solo pátrio.

Para o autor, tanto o primeiro quanto o segundo processo migratório levaram “à criação de coletividades italianas para todo o mundo”<sup>27</sup> fazendo com que em meados do século XX, fosse possível encontrar italianos e descendentes de italianos trabalhando nas mais variadas profissões na América Latina, colônias europeias da África e Ásia e no Leste europeu, além de grupos relevantes no norte da África, principalmente na Tunísia, Egito e na Austrália. A Europa, a América do Norte e o Cone Sul latino americano foram, porém, os destinos preferenciais dos italianos<sup>28</sup>.

Neste processo de organização das coletividades italianas, muito se questiona sobre a existência de uma identificação entre estes grupos e a pátria, tendo em vista as múltiplas problemáticas existentes na articulação da unificação nacional. Esse processo lidou com diferentes líderes com projetos de governo próprios<sup>29</sup>, a relutância da Igreja com os novos caminhos trilhados pelo nascente Estado e a situação dos indivíduos, que em suas penúrias se viam obrigados a deixar a Itália para obter recursos para sua subsistência, muitas vezes passando dificuldades nas novas terras habitadas, sem receber qualquer apoio por parte do governo italiano<sup>30</sup>. Este governo muitas vezes relegava qualquer suporte aos imigrantes às instituições privadas que atuavam na região que, em diversas situações, se utilizavam de jornais

---

<sup>26</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 53.

<sup>27</sup> Ibid, p. 86.

<sup>28</sup> Ibid, p. 88.

<sup>29</sup> Em “Os Italianos”, 2014, p. 51 - 52, Bertonha destaca três lógicas de se gerir o novo estado, fruto da unificação nacional, capitaneados por Giuseppe Manzzini e seu modelo republicano alicerçado na propriedade privada e na manutenção do *status quo* das elites italianas, por Camilo Benso e seu nacional liberalismo e, por fim, Giuseppe Garibaldi, que, em sua perspectiva, o nacionalismo republicano deveria ser alicerçado a uma luta pela melhoria da qualidade de vida dos indivíduos mais vulneráveis da sociedade, que deveriam ter direitos de atuar nos destinos da nascente nação, mesmo que estes não objetivassem um sistema republicano.

<sup>30</sup> DE RUGGIERO, Antonio. “Ouro e Sangue pela pátria”: a contribuição dos italo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: DE RUGGIERO, Antonio. **Vivências da Primeira Guerra Mundial**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015, p. 89.

para subsidiar os seus assistidos (quando o próprio setor midiático não se posicionava, majoritariamente, à favor do auxílio a estes segmentos vulneráveis), se configurando como verdadeiros “agentes de tutela”, fornecendo uma variedade de serviços, sendo eles administrativos, sindicais, gerais e pessoais, trabalhando no lugar de/ou em apoio a diplomatas e sociedades de ajuda italianos.<sup>31</sup>

Referente a esta reflexão, Bertonha aponta a existência de articulações governamentais que possuíam a finalidade de dar um caráter identitário aos italianos, fator que trouxe transformações culturais tanto para os indivíduos que permaneceram na península quanto para aqueles que a deixaram rumo ao além-mar.

Entre estes processos, é interessante citar a utilização de produções culturais, expressas tanto em pinturas que evidenciavam a valentia dos italianos e seus heróis, como também no desenvolvimento de espaços de memória<sup>32</sup>. Além disso, o desenvolvimento da imprensa foi relevante para a difusão ainda maior dos valores e sentimentos nacionais, geralmente vinculados com a figura do Estado, representado, em última análise, pela monarquia.

Neste processo de homogeneização cultural, é necessário destacar o papel das unidades educacionais estatais, que foram utilizadas com a intenção de servirem às necessidades de uma nação em construção, seja por meio da alfabetização, ou para a formação de especialistas, indivíduos que tinham condições de promover o *risorgimento* italiano<sup>33</sup>.

Tais transformações nas diferentes esferas sociais, permitiram que, em menos de 40 anos, a face italiana fosse fortemente modificada, onde, em virtude dos esforços do Estado e das elites italianas, divisões linguísticas, regionais e culturais foram rompidas, fazendo com que, se Massimo d’Azeglio, morto em 1866, tivesse ressuscitado em 1915, provavelmente este ficaria encantado com o aumento da consciência nacional entre italianos, o crescente domínio da língua italiana sobre o dialeto e a formação de uma economia nacional unificada.<sup>34</sup>

Aparentemente, estes esforços promovidos com o intuito de se formar uma identidade italiana, surtiram certo efeito, principalmente quando se destacam os resultados obtidos nos campos anteriormente citados, referentes às questões internas da nação. Quanto à perspectiva dos imigrantes, pode-se destacar o relato de Luigi de Valonara Toniazzo que, ao viajar rumo a

---

<sup>31</sup> SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell’immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.15.

<sup>32</sup> Como ocorrido por meio da aquisição de *Mole Antonelliana*, sinagoga transformada em espaço de representação da pátria italiana em 1878 (situada na cidade de Turin).

<sup>33</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 58.

<sup>34</sup> Ibid, p. 60.

América, já demonstrava relativo apreço pela sua pátria de origem, alardeando o pesar de não poder mais passar seus dias em sua querida Itália<sup>35</sup>.

No campo educacional, o Colégio São Carlos em Bento Gonçalves evidência resquícios deste processo cultural, visto que, durante uma significativa parcela de tempo, as aulas eram ministradas em idioma italiano<sup>36</sup>, fato destacado na publicação de 12 de dezembro de 1917 do *Il Corriere d'Italia*.

Já na década de 1930, Rech se utiliza de uma publicação do jornal *Correio do Povo*, datado de 13/04/1935, para demonstrar a manutenção da italianidade em determinadas escolas e sujeitos da cidade de Porto Alegre:

É compreensível, pois que, os filhos da tradicional pátria de Dante sintam-se em casa vivendo no Brasil, onde muitos têm constituído família sob este céu que a todos cumula de benção, sobre este solo que a todos oferece seus frutos. Pois como disse o maior dos brasileiros – Rui Barbosa – a pátria não é somente a terra em que nascemos, é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Os italianos estão aqui, em sua casa, os brasileiros são seus irmãos. Foi com grande simpatia que tivemos conhecimento de vossas intenções, logo postas em prática, de abrir cursos de língua italiana em nossos colégios – iniciativa essa que bem claramente traduz um duplo sentimento – amor por vossa terra natal e pela pátria de adoção. Por aquela, por ser a língua o mais belo apanágio de uma nação e é à luz dela que se revela a verdadeira índole de um povo. Sua cultura, portanto, se impõe como elemento mais enérgico de coesão da nacionalidade, da unidade desse mesmo povo, do seu grau de civilização da nobreza de seus ideais.<sup>37</sup>

Apesar da clara diferença temporal entre os primeiros processos migratórios e os fatos destacados, além das conseqüentes transformações políticas e sociais promovidas ao longo deste período, é significativo relatar a manutenção dos laços patrióticos entre os imigrados e a nação italiana, afora a surpreendente manutenção da diferenciação entre estes, os descendentes de italianos, e os ditos “brasileiros”.

Além disso, fatores que demonstram a existência da identidade italiana dentro do imaginário colonial na serra gaúcha se somam, havendo referências sobre isso tanto nas obras destacadas até aqui, como no trabalho de Belusso<sup>38</sup>, que relata a presença da italianidade no

<sup>35</sup> DE BONI, Luís. **La Mérica**: escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1971, p. 12.

<sup>36</sup> SIGNOR, Maria Lice. **Irmãs missionárias de São Carlos, Scalabrinianas**: 1895 -1934. Brasília: CSEM, 2005, p. 198.

<sup>37</sup> Correio do Povo In: RECH, Gelson. Professor Gino Battocchio e as aulas gratuitas de italiano nos ginásios da capital do RS. in: RADÚNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 122.

<sup>38</sup> BELUSSO, Gisele. Colégio Nossa Senhora de Lourdes, alternativa educacional através da fé para imigrantes italianos (1917 – 1943). In: RADÚNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 153.

Colégio Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Farroupilha, como no de Chiesa, que retrata, com muita coerência, os fatores simbólicos que ligavam os italianos do sul do Brasil aos localizados na península itálica.

Entre eles, podem ser citados as referências à uva e ao vinho, elementos muito presentes em ditados, provérbios e cantos da população de origem italiana no Rio Grande do Sul<sup>39</sup>. Um destes ditados, afirmava que “Se voi veder na fameia contenta, deghe vin, pan e polenta”, ou, em tradução livre, “Se queres ver uma família feliz, dê-lhes vinho, pão e polenta”. Logo, fica evidente que a uva e o vinho não apenas são símbolos da região, mas da italianidade e da história da colonização italiana, motivos pelos quais têm um lugar especial no *ethos* regional:<sup>40</sup>

Todos estes fatores identificam a construção da italianidade na Itália e na serra gaúcha, por ventura da linguagem, cultura, dos processos educacionais ou da imprensa convencional. Todavia, um destes segmentos fundamentais para a formação da identidade ainda não foi abordado, sendo ele a espiritualidade, institucionalizada, neste caso, pela Igreja Católica. Devido ao seu peso, tanto para os peninsulares como para os imigrantes, um sub-tópico foi empregado para a explicação deste fator, talvez o mais significativo para estas comunidades.

### 1.1.2 Os imigrantes e as questões da fé em Bento Gonçalves.

Em um dos seus artigos mais conhecidos sobre a história da imigração italiana na serra gaúcha, Luiz Fernando Beneduzi identificou que o principal anseio dos colonos desta etnia que chegavam em tal região, era promover uma localidade baseada em preceitos católicos, formando, com isso, cidades abençoadas<sup>41</sup>. Elas se manteriam nesta corrente religiosa por meio de diversas ações articuladas por missões religiosas e autoridades coloniais, focadas no desenvolvimento de jornais, escolas, centros religiosos e de associação, instrumentos centrais

<sup>39</sup> GARDELIN, apud, CHIESA, 2014, op. cit., p. 288.

<sup>40</sup> CHIESA, Vicente Martins Della. As vinhas da ira: o metodismo e a vitivinicultura na colônia italiana da serra gaúcha. In: RADÜNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015. p. 287 – 288.

<sup>41</sup> É importante destacar que os imigrantes tinham objetivos ainda maiores ao almejavam obter terra e alimento, tendo em vista a escassez de gêneros básicos para a sobrevivência em suas terras de origem, fato que os levava a passar intensa fome (TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico: Um Século da imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel. 1989, p. 30). Esta situação de infortúnio, segundo os escritos de Ismael Antônio Vannini, teria se mantido nos primeiros anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, apesar deste destacar que muitos colonos se utilizavam desta narrativa para desenvolver um fundo mitológico sobre o processo colonial promovido nesta região, desenvolvendo, com isso, o mito do imigrante herói (VANNINI, Ismael Antônio. **História, sexualidade e crime: imigrantes e descendentes na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1938/1958)**. Porto Alegre: Tese de Doutorado em História, defendida na PUCRS, 2008, p.51).

para a socialização das coletividades italianas no exterior<sup>42</sup> e que visavam desenvolver uma verdadeira Jerusalém fora do Oriente Médio<sup>43</sup>.

Como descreve Beneduzi, esta epopeia permeada por diversas referências bíblicas, demonstra o significado empregado pelos imigrantes à religião, tornando-a tão relevante quanto a própria melhora das suas condições de vida, que, para os colonos, deveria ser articulada de forma paralela. Além de estabelecer um motivo de existência para os imigrantes, a religiosidade também se evidenciou como um aspecto de coesão social<sup>44</sup>, tendo em vista que a unidade da fé aproximava pessoas com grandes particularidades, existentes pela própria questão humana e por diferentes pareceres ideológicos e regionais, demonstradas por um maior ou menor apoio ao governo italiano, ou se articulando na existência de diferenças linguísticas e comportamentais<sup>45</sup>.

A religiosidade que se constituiu na serra gaúcha foi emblemática e a maneira como as vilas foram organizadas<sup>46</sup> e as ações comunitárias articuladas, demonstram esta profunda ligação entre o ser e a espiritualidade, canalizada nos templos construídos<sup>47</sup> e a relação entre os colonos e as figuras religiosas centrais, indivíduos que possuíam uma relação mais estável e respeitosa com os imigrantes e seus descendentes do que as autoridades políticas regionais<sup>48</sup>.

Em concordância à citação produzida por Beneduzi (2008), Olívio Manfroi também destaca a significância que os centros religiosos possuíam na vida dos imigrantes e

---

<sup>42</sup> BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 51.

<sup>43</sup> BENEDUZI, Luís, Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 685.

<sup>44</sup> DE BONI, Luís. O catolicismo da imigração: Do triunfo a crise. In: DACANAL, José H. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 235.

<sup>45</sup> GIRON, Loraine. **As Sombras do Littorio**: O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlandia. 1994, p. 31. É importante destacar que essas diferenças regionais trabalhadas por Giron, ao meu ver, existem, mas não são tão significativas como demonstrado pela autora, alinhando-me ao que teria sido relatado por Mario Isnenghi, quando este destaca a existência da ideia de um território italiano anterior à própria unificação italiana, ocorrendo uma certa identificação entre os diferentes membros da península (ISNENGHI, Mario. **I luoghi della memoria**. Roma: Laterza, 1997, p. 8). No prosseguimento desta dissertação, este assunto será melhor trabalhado, em virtude do intenso debate sobre a relevância das particularidades regionais no seio da imigração italiana na serra gaúcha.

<sup>46</sup> BENEDUZI, Luís. **Imigração Italiana e Catolicismo**: Entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 58.

<sup>47</sup> Beneduzi também destaca a promoção de aspectos culturais visíveis na Itália nas coletividades permeadas na serra gaúcha, ao relatar a existência de fortes marcas religiosas nas “edificações de capelas e na vida em torno a elas, traços da cotidianidade da vida ainda na Itália. Somado a isso, tem-se a grande devoção aos santos, as ladainhas de nossa Senhora, aos atos reparadores, ou ainda aos selquérios. Toda esta devoção é trazida de uma Itália campesina para a região serrana gaúcha, uma cultura religiosa com forte marca do sacerdote, pastor ungido deste rebanho do Senhor” (BENEDUZI, Luís, Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 685).

<sup>48</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 107.

descendentes, se tornando o local aglutinador das demais instâncias da vida civil, como as relativas à atividade econômica<sup>49</sup>. Todavia, Corteze relata que estes ares de espiritualidade que buscavam a edificação da “nova Jerusalém”, como citado por Beneduzi (2001), não se mostravam tão sinceros por parte dos habitantes da serra gaúcha. Esta colocação se dá pelos interesses dos mesmos em obter capitais por meio da espiritualidade vigente, fato que sucinta a reflexão sobre as reais intenções do desenvolvimento de capelas nas vilas e municípios serranos, projetos, em determinadas situações, vinculados a objetivos individuais.<sup>50</sup>

Por fim, Giron complementa estes pareceres, ao alegar que “a liderança das comissões das capelas não era apenas símbolo da proibidade, da religiosidade dos componentes da comunidade, mas representavam também o maior sucesso econômico”<sup>51</sup>.

Em síntese a este caldeirão de informações, se pode concluir que a espiritualidade praticada na serra gaúcha era contraditória, onde as questões da fé não se findavam propriamente no âmbito da espiritualidade, influenciando outras instâncias, sejam elas políticas, econômicas, ou culturais. Além disso, foram utilizadas por interesses de caráter individual ou de pequenos grupos, onde estes sujeitos buscavam cooptar influência e ganhos materiais em meio aos demais membros da comunidade. Porém, independente destas questões, não pode ser ignorado a importância da religiosidade para estas comunidades, onde os espaços da Igreja e a autoridade das lideranças religiosas eram extremamente significativos para estes indivíduos<sup>52</sup>.

## **1.2 O papel da Igreja e o surgimento da imprensa serrana.**

Em virtude das diversas manifestações de espiritualidade, da infraestrutura religiosa desenvolvida e dos traços característicos da imigração promovida no nordeste do Rio Grande do Sul, Luis Alberto De Boni definiu estas terras como um Estado quase papal<sup>53</sup>. Esta lógica contou com os serviços e interesses particulares dos colonos, que enxergavam a religião como um fator de unidade e identidade dentro da vida articulada nestas terras que, por suas

---

<sup>49</sup> MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001, p. 126.

<sup>50</sup> CORTEZE, Dilse Piccin. **Ulisses va in America**: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo: Ediupf, 2002, p. 177.

<sup>51</sup> GIRON, Loraine. **As Sombras do Littorio**: O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda. 1994, p.53.

<sup>52</sup> MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001, p. 139.

<sup>53</sup> DE BONI, Luis. O catolicismo da imigração: Do triunfo a crise. In: DACANAL, José H. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 241 - 244.

particularidades, apresentavam desafios significativos para os indivíduos que lá haviam se estabelecido.

Todavia, apesar destes interesses e trabalhos particulares, se faz necessário salientar a influência que as ordens religiosas tiveram neste processo organizacional da fé católica em diferentes localidades da serra gaúcha, principalmente às pertencentes aos ramos capuchinho e carlista<sup>54</sup>, que, seja por meio do financiamento para a edificação de templos, para a articulação de pregações, ou até mesmo pelo desenvolvimento de jornais étnicos de cunho religioso, acabaram por marcar o cenário político, religioso e social das províncias onde estes se mantiveram ativos.

Dentre estas ordens, a carlista e a capuchinha foram as que tiveram maior protagonismo no Rio Grande do Sul; sendo as únicas a sustentar uma imprensa católica regional de grande influência (os carlistas, com *Il Corriere d'Italia* e os capuchinhos, com *o Correio Riograndense*). Esses jornais foram considerados, por eles próprios, como púlpitos ambulantes, levando a palavra missionária até aonde o padre não poderia chegar<sup>55</sup>, situação que se tornava ainda mais dramática em virtude da escassez de sacerdotes que acometia esta região do Brasil<sup>56</sup>.

A influência capuchinha e carlista variou dependendo da região do estado, existindo uma inserção mais significativa dos primeiros perante os segundos, seja pelo número de núcleos urbanos contemplados, ou pelo contingente de envolvidos empregados na missão. Todavia, independentemente deste grau de integração, ambas as ordens eram muito respeitadas em suas áreas de atuação<sup>57</sup>, obtendo apreço de boa parte dos membros das comunidades rio grandenses em que ocorreram contatos<sup>58</sup>.

Por ventura dos seus trabalhos, relatados em certas localidades pelos jornais mantidos e dirigidos de forma independente por estas ordens, a causa religiosa pode avançar de forma significativa. Os anseios populares remetiam, como dito anteriormente, favoravelmente a este

---

<sup>54</sup> Existem relatos referentes a participação de outras ordens nas localidades contempladas por estes segmentos, que, pela amplitude de seus trabalhos, acabaram por receber uma análise preponderante, como o caso dos Pequenos Irmãos de Maria e da ordem das Irmãs de São José de *Moûtiers*, que se fixaram em Conde D'Eu, atual Garibaldi, na década de 1900 (DE BONI, Luis. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 27).

<sup>55</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 10 – 11.

<sup>56</sup> SCARPIM, Fábio. **O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965)**. Curitiba: Tese de Doutorado, defendida na UFPR, 2017, p. 156.

<sup>57</sup> DE GILLONNAY, Bruno. Conde d'Eu, onde tudo começou: 1896. In: DE BONI. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 22.

<sup>58</sup> D'APREMONT, Bernardino. Convento de Nova Trento. In: DE BONI. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 51.

processo, tendo em vista o desejo da constituição de cidades que remetessem a uma fé sólida<sup>59</sup> e legítima, balizada nos preceitos bíblicos<sup>60</sup>. Estes procedimentos acabavam por acalmar os temores dos colonos, tendo em vista que os seus valores e perspectivas culturais ainda seriam defendidos, apesar da efetivação das distâncias de suas terras originárias, principalmente as localizadas em regiões rurais italianas, de onde partiu uma parte significativa dos imigrantes. Tais produções, como diversas vezes fora destacado, eram frutos do árduo trabalho promovido, tanto pelos colonos, como pelos líderes religiosos destacados para estas funções<sup>61</sup>.

Todavia, a fé não foi o único segmento instrumentalizado pelos imigrantes para sua melhor integração nas novas terras, visto o papel que a imprensa étnica também teve para estes grupos, seja ela desencadeada no Rio Grande do Sul ou em outros Estados do país, como por exemplo, São Paulo, grande centro receptor de italianos nas últimas décadas do século XIX e nos primeiros anos do século XX.

Nestas localidades, os jornais, do mesmo modo que a crença católica, efetivavam a ponte entre dois mundos, o das novas terras e o das deixadas para trás. Sobre as primeiramente citadas, a língua e a informação se configuravam como meio para a ampliação das relações entre os membros da comunidade, em um ambiente que se evidenciava, em diversos momentos, como hostil, além de se efetivarem como mecanismo de defesa quanto as políticas desencadeadas pelas autoridades brasileiras, tendo em vista a facilidade que estas ações poderiam ser estampadas nas páginas geridas por veículos de informação controlados por italianos. Já quanto a nação abandonada, a Itália, as vezes encarada como mãe<sup>62</sup>, em outras como madrasta<sup>63</sup>, os jornais mantinham a relação do colono com a cultura e os valores originais, fatores que os distinguiam dos demais membros das colônias onde estavam inseridos<sup>64</sup>.

De forma a concluir estes pontos abordados sobre os dois lados da ponte, o das terras deixadas e das desbravadas, pode-se afirmar que os objetivos sobre ambos foram alcançados, visto que as publicações jornalísticas obtiveram significativo sucesso em fazer os imigrantes compreenderem quem eram e onde estavam, por meio de suas publicações referentes aos

---

<sup>59</sup> D'APREMONT, Bernardino. Convento de Nova Trento. In: DE BONI. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 51.

<sup>60</sup> BENEDUZI, Luís, Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 686.

<sup>61</sup> D'APREMONT, Bernardino. Convento de Nova Trento. In: DE BONI. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 51.

<sup>62</sup> *Il Corriere d'Italia*, 14 ago. de 1914.

<sup>63</sup> DE RUGGIERO, Antonio. "Ouro e Sangue pela pátria": a contribuição dos italo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: DE RUGGIERO, Antonio. **Vivências da Primeira Guerra Mundial**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015, p. 89.

<sup>64</sup> *Il Corriere d'Italia*, 06 ago. de 1915.

eventos ocorridos na Itália e nas comunidades locais. Todavia, tais anseios ficaram muito longe do que os próprios colonos esperavam, visto que estes não mantiveram a cultura italiana, ao mesmo tempo que não se integraram plenamente nas sociedades locais.

### 1.2.1 Igreja e imigração na serra gaúcha.

Nas últimas décadas do século XX, os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul compunham “famílias predominantemente do Norte da Itália, católicas e majoritariamente formadas por camponeses pobres”<sup>65</sup> e trazendo consigo costumes e tradições reproduzidos na Europa<sup>66</sup>. Em solo gaúcho, estes indivíduos, como ressaltado por Beneduzi, buscavam desenvolver uma comunidade com fortes traços de religiosidade, quebrando os estigmas construídos ainda na Europa, de uma fé que estaria sendo arruinada pela modernidade<sup>67</sup>. Em virtude disso, os habitantes da colônia geralmente fiscalizam a conduta de seus pares, em sua busca pela manutenção dos preceitos bíblicos, apesar de em certas circunstâncias estes objetivos terem se perdido momentaneamente pelos desvios de conduta promovidos por estes mesmos cidadãos<sup>68</sup>. Concomitante a estes interesses, a Igreja fixada em solo colonial também trabalhou no processo de santificação desta terra<sup>69</sup>, seja por meio dos seus cultos, ações assistencialistas ou pela utilização de jornais que, articulados por meio dos preceitos católicos, deveriam se contrapor às ideias proferidas por uma imprensa má e que por sua natureza pecaminosa influenciava negativamente os imigrantes, fato que os levava a promover atos violentos e imorais, chegando ao ponto de ocasionarem a luta de classes<sup>70</sup> e, deste modo, significar a atuação da Igreja ao se contrapor a esta realidade.

Além de aludir a uma mentalidade santa e pura, que provocasse a consolidação de um padrão ético normativo entre os imigrantes, a imprensa católica também foi relevante na formação política dos colonos, seja ela referente a informar o indivíduo sobre o funcionamento

---

<sup>65</sup> ZANINI, Maria Catarina. Italo-brasileiros na Itália no século XXI: “retorno” à terra dos antepassados, impasses e expectativas. In: EQUIPE CSEM (Edit.). **Retorno e circularidade**. (Revista) REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, jul./dez. 2013, p. 144.

<sup>66</sup> CARNIERI, Christopher Augusto. **A italianidade em movimento: travessias e olhares**. Curitiba: Dissertação de Mestrado, defendida na UFRS, 2013, p. 42.

<sup>67</sup> BENEDUZI, Luís, Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 686.

<sup>68</sup> VALDUGA, Gustavo. **Para além do coronelismo: italianos e descendentes na administração dos poderes executivos da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1924-1945)** Porto Alegre: Tese de Doutorado, defendida na PUCRS em 2012, p. 64.

<sup>69</sup> Ibid., p. 122.

<sup>70</sup> SILVA Apud, LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Os bispos do Brasil e a imprensa. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983. p. 46-47.

do Estado e, com isso, inserindo-o indiretamente neste meio, como também articulando seus interesses na formação da opinião pública quanto a questão da unificação italiana.

Neste segundo parecer, ou seja, no que se refere as perspectivas sobre a organização da Itália como nação, é identificável uma clara dicotomia entre os membros da Igreja, que tendiam a ter opiniões díspares quanto a construção deste país, fato que levou certos imigrantes a apoiarem ou não o Estado constituído na península itálica. Esta divergência se tornava muito latente em virtude da situação em que se encontrava o Papa, que ao ser “mantido” refém dos governantes italianos, demonstrava seu profundo descontentamento quanto ao nascente país, ao mesmo tempo que segmentos católicos mais voltados ao nacionalismo tinham a tendência de serem mais conciliadores quanto a esta questão, apesar de não ignorarem a situação em que se encontrava o líder da cúria romana.

Expoentes destas linhas de pensamento divergentes, capuchinos (ligada também à própria corrente monarquista) e carlistas possuíram influência significativa no sul do Brasil, compondo, em conjunto com outras ordens religiosas, o espaço religioso cristão desta região<sup>71</sup>.

Em determinados momentos, a diversidade de ordens religiosas fixadas neste ambiente protagonizou diversos debates ideológicos sobre a situação papal, como também sobre outros temas de diferentes naturezas, como a emblemática discussão protagonizada pelo *Il Colono Italiano*, de vertente capuchinha, e o semanário *Il Corriere d'Italia*, de orientação carlista, que nos últimos meses de 1914 divergiram sobre o apoio destacado pelos editoriais à nação italiana, apoiando ou não seu posicionamento quanto ao jogo de alianças em meio a Primeira Guerra Mundial<sup>72</sup>, movimentos que acabaram por angariar significativa atenção do público leitor destas variantes, seja ele morador de Bento Gonçalves, Garibaldi ou demais comunidades serranas.

Ainda sobre os jornais católicos, anteriormente inferidos como significativos dentro do processo político colonial, é importante relatar os interesses das ordens na criação e manutenção deste material impresso, visto que sua finalidade ia muito além de qualquer amparo social que os mesmos poderiam proporcionar, contemplando também o palanque evangelístico de larga escala que as organizações religiosas careciam no contexto em questão, onde distâncias significativas deveriam ser compreendidas e grupos isolados, contemplados<sup>73</sup>.

---

<sup>71</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 34.

<sup>72</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 nov. de 1914.

<sup>73</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 11.

Dentro deste processo, como se espera, assuntos de ordem religiosa foram abordados, mas sempre com significativa interferência dos ideais fundantes ou norteadores do segmento religioso que os alardeavam. Isto pode ser percebido na prática scalabriniana, visto que em suas pregações ou práticas, em diversas circunstâncias, ficará explícito um pano de fundo nacionalista, principalmente em suas primeiras décadas de atuação no Rio Grande do Sul.

### 1.2.2 A Ordem scalabriniana no Brasil, antes de 1913.

A Ordem carlista, também denominada scalabriniana, foi fundada por Dom João Batista Scalabrini, sendo esta aprovada pelo Papa Leão XIII nos últimos dias de 1887, mais especificadamente, 15 de novembro. Sua lógica norteadora, como destacado reiteradamente por seu fundador, era findar as rupturas existentes no seio do Estado<sup>74</sup>, ponto que estava em situação crítica no contexto em questão, devido as divergências entre a Igreja e o governo italiano, onde os primeiros se sentiam lesados pelos segundos, por efeito da perda de territórios e influência política devido ao advento do fim dos Estados papais.

Buscando impedir que os imigrantes italianos tivessem que escolher entre a pátria ou a religião, Scalabrini promoveu significativos esforços para mediar a relação entre a Igreja e o Estado, acreditando que os valores que compunham a italianidade, entre eles o cristianismo, deveriam ser mantidos pelos imigrantes que abraçavam as terras do novo mundo.

Como destacado por Scarpim:

A própria premissa de Scalabrini que defendia a preservação da língua e dos costumes pátrios como meio de preservar a fé, bem como a fundação de várias sociedades de colonização coligadas com a Sociedade San Raffaele, poderia ser entendida como parte de um projeto nacionalista italiano que se estenderia a todos os cidadãos onde quer que estivessem<sup>75</sup>.

Cinco anos após sua fundação, a Ordem de São Carlos adquire a “Casa Mãe da congregação chamada Cristóvão Colombo, em homenagem ao descobridor da América, considerado o primeiro a levar a fé católica a este continente”<sup>76</sup>. Sua ligação com o além-mar

<sup>74</sup> SIGNOR, Maria Lize. **João Batista Scalabrini e a migração italiana: um projeto sóciopastoral**. Porto Alegre: Pallotti, 1986, p. 132.

<sup>75</sup> SCARPIM, Fábio. **O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965)**. Curitiba: Tese de Doutorado, defendida na UFPR, 2017, p. 156.

<sup>76</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 55.

seria ainda reforçada em 1895, em razão da fundação da Ordem das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu, articulada também por meio dos esforços de Dom Scalabrini, em consonância com Giuseppe e Assunta Marchetti. Esta organização de caráter feminino e com parceria da congregação dos Missionários de São Carlos, possuía um perfil assistencialista, voltado a dar suporte para as massas imigrantes que deixavam a Itália, muitas vezes desassistidas, tanto pelo Estado italiano, como pelos governos locais que as recebiam, sendo o Brasil o país pioneiro para estas irmãs.

Estes projetos assistencialistas articulados pelos missionários e irmãs das ordens de orientação scalabriniana, visavam (além do amparo aos compatriotas em terras estrangeiras), expandir a influência do catolicismo nas regiões habitadas por italianos, conseguindo, com isso, contemplar certos objetivos da Santa Sé, que visava estender a sua ação missionária pelo mundo. Esta ação, segundo Scalabrini, seria uma verdadeira “guerra de reconquista” em virtude dos desafios encontrados nas novas terras, onde imperavam preceitos incompatíveis com o catolicismo, entre eles a maçonaria, o protestantismo, o socialismo<sup>77</sup> e a descrença<sup>78</sup>, objetivando, deste modo, reconquistar as almas dispersas nas distantes terras do novo mundo<sup>79</sup>. Logo, os valores locais deveriam ser repreendidos e uma conduta condizente com a vista na Itália, defendida<sup>80</sup>, apesar de autores como Beneduzi alegarem que o pensamento colonial era de articular pareceres ainda mais conservadores aos vistos em solo europeu, por causa da fragilização da fé nestas terras, com os adventos da modernidade<sup>81</sup>.

Em terras brasileiras, os scalabrinianos iniciaram seus processos no Estado do Espírito Santo, abrangendo uma região que ao longo da década de 1890 passou a receber um número expressivo de imigrantes, principalmente das regiões do Vêneto e da Lombardia. Após, a Ordem carlista se expandiu para outras províncias, sempre com uma presença significativa de italianos, como Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, aonde, por ventura das características organizacionais da colonização do Estado, estes acabaram por ter uma presença mais

---

<sup>77</sup> SCARPIM, Fábio. **O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965)**. Curitiba: Tese de Doutorado, defendida na UFPR, 2017, p. 156.

<sup>78</sup> SCALABRINI, Joao Batista. **A emigração italiana na América**. Trad. Redovino Rizzardo. Porto Alegre: EST/CEPAM; Caxias do Sul: UCS, 1979. p. 27.

<sup>79</sup> ROSOLI, Gianfausto. L'opera della Chiesa a favore degli emigrati italiani nel mondo. In. MAFIOLETI, Gianmario; SANFILIPPO, Matteo (orgs). **Un grande viaggio. Oltre... Un secolo di emigrazione italiana**. Centro Studi Emigrazione: Roma, 2001. p.34.

<sup>80</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 57.

<sup>81</sup> BENEDUZI, Luís, Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 686.

abrangente em sua região nordeste, principalmente na área serrana e, com isso, acabaram por contemplar as cidades de Nova Bassano, Veranópolis, Nova Prata, Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, entre outras.

O amparo aos imigrantes destas localidades, em conjunto com a égide nacionalista dos missionários carlistas, ficou aparente tanto em relatos como em pregações, ganhando contornos midiáticos quando a Ordem passou a articular a imprensa segundo seus interesses, principalmente por meio do semanário religioso *Il Corriere d'Italia*, que durante quase duas décadas evidenciou os pareceres deste grupo, tanto na cidade de Bento Gonçalves, sede do jornal, como em outros municípios vizinhos.

Obviamente, a atuação da Ordem carlista recebeu contestações, tanto de grupos de colonos, como também por parte do clero intransigente, além da cúria romana, que em certas circunstâncias censurou os pareceres de Dom Scalabrini e de outros bispos e padres de orientação ultramontana transigente<sup>82</sup>. Os questionamentos desta posição nacionalista podem ser vistos tanto nas áreas de atuação scalabriniana, como em outras localidades, onde a relação entre colonos liberais e transigentes geralmente incutia tensões e, por ventura disso, símbolos e festividades nacionais acabaram por ser rechaçados por determinados segmentos religiosos, como relatado por Maria Inês Vendrame:

As manifestações patrióticas, como indicadores da exaltação da italianidade, receberam oposição por parte de alguns padres nos povoados coloniais que as viam como afronta ao poder da Igreja Católica na região. No povoado de Silveira Martins, surgiram disputas entre o pároco e os italianos garibaldinos – que podiam ser nacionalistas, liberais ou maçons – tendo esses últimos pendurado “bandeiras injuriosas” perante a casa paroquial. [...] Tais disputas ocorreram devido às diferenças ideológicas, expressando-se, principalmente, na oposição à realização de comemorações de datas oficiais italianas. De um lado se encontravam os apoiadores dos padres, contrários à realização das festividades, do outro, estavam os imigrantes de orientação liberal, que nos povoados foram os promotores das homenagens aos heróis italianos.<sup>83</sup>

Até mesmo nestas questões cotidianas os jornais regionais de caráter étnico, entre eles o *Il Corriere d'Italia*, acabaram angariando certa relevância, tendo em vista que por meio da imprensa, os colonos mais nacionalistas podiam se sentir inclusos em suas comunidades e apoiados em suas posturas, devido a defesa que estes veículos de informação forneciam

<sup>82</sup> SOUZA, Wlaumir Doniseti. Imigração italiana e Igreja: Ultramontanismo e Neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin Norberto. **500 anos de Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST/CEHILA, 2002, p. 288.

<sup>83</sup> VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil**. (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p. 36.

indiretamente a eles. Esta conduta, por parte destas mídias, de legitimar a manutenção do nacionalismo italiano, além de perpetuar uma forte relação entre Igreja e o Estado, possuía também um outro elemento ideológico com capacidade de dividir ainda mais as comunidades de presença italiana, que era a separação das massas imigrantes dos grupos nativos que habitassem a região.

Tal fato se dava, pelo menos segundo a cartilha scalabriniana, pela ideia de superioridade cultural dos italianos em comparação com a presente em solo brasileiro, tanto a permeada pelo povo, como dos membros da Igreja sediada no Brasil<sup>84</sup>. Em virtude destes fatos, não se estranha o pouco afinco demonstrado pelos membros da Ordem carlista em integrar os imigrantes nas comunidades locais, tendo em vista o interesse destes em desenvolver “pequenas Itálias”<sup>85</sup> nestas regiões coloniais, atrasando, de um modo geral, uma verdadeira e própria assimilação destes grupos dentro das esferas locais, realidade perceptível em outras localidades do estado brasileiro<sup>86</sup>.

### 1.2.3 Jornalismo: étnico e religioso.

Desenvolvido no final da década de 1890 e ganhando corpo, principalmente entre 1900 a 1930, a imprensa da região colonial italiana no Rio Grande do Sul acompanhou o crescimento populacional e o expansionismo destas comunidades, sendo utilizado como um significativo instrumento de informação e proteção dos imigrantes, que neste período se dividiam principalmente entre três grupos dominantes, sendo eles maçons, austríacos (provenientes de regiões posteriormente ocupadas pelo Estado italiano em virtude dos eventos da Primeira Guerra Mundial) e católicos<sup>87</sup>.

Sobre estas agremiações, comportamentos e posicionamentos podem ser citados, como a existência de uma maioria católica nas vilas coloniais da serra gaúcha, além de sua evidente aproximação com os interesses professados por suas ordens religiosas. Por outro lado, pode ser destacada a presença de uma minoria maçônica, que apesar do seu pequeno número,

<sup>84</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 59.

<sup>85</sup> AZZI, Riolando. *A Igreja e os Imigrantes: a imigração italiana e os primórdios da obra scalabriniana no Brasil (1904 – 1924)*. V. 2. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 319.

<sup>86</sup> SERGI, Pantaleone, *Stampa Migrante*. Giornali della diaspora italiana e dell'immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.62.

<sup>87</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 72.

comportava uma significativa influência política<sup>88</sup>, além de grupos de austríacos, provenientes principalmente da região trentina e geralmente falantes de dialetos germânicos.

Todavia, apesar destes grupos aparentarem significativa homogeneidade, tendo em vista as incompatibilidades inerentes entre as agremiações, em muitas circunstâncias fora perceptível quebras nestes pactos segregacionistas, visto a existência de relatos que evidenciaram a existência de indivíduos que transitavam entre estes diferentes grupos<sup>89</sup>, apesar de muitas vezes esconderem tais práticas de certos pares e lideranças sociais.

Além disso, divergindo dos pareceres de Valduga, que destacava um contundente posicionamento dos católicos locais em favorecer “à causa papal” e serem “abertamente contra o governo liberal italiano”<sup>90</sup>, pode-se ressaltar que, apesar desta conduta ser condizente com um número significativo de imigrantes, uma parcela expressiva destes indivíduos não se articulava desta maneira, defendendo, além das lógicas clericais, os pareceres do governo nacional consolidado em Roma, como era o caso dos imigrantes de orientação carlista que, como relatado anteriormente, buscavam a reconciliação do Estado italiano com as lideranças da Igreja Católica.

Apesar disso, da fluidez existente entre os diferentes grupos, disputas e rivalidades entre eles foram constantes, ocorrendo ocasiões em que maçons e católicos entraram em contradição por ventura de situações religiosas e políticas, além da ocorrência de conflitos por questões étnicas, principalmente entre católicos, em sua maior parte italianos, e os austríacos, situações ocasionadas principalmente após o advento da Primeira Guerra, movimento que amplificou as tensões nacionalistas.

Vetor destas desavenças, jornais tanto religiosos como étnicos, acabaram se tornando porta vozes destas comunidades, que os utilizavam tanto para acusar diferentes grupos, como também para defender seus segmentos sociais, fazendo desta mídia uma verdadeira mediadora das hostilidades, além de uma significativa prestadora de serviços<sup>91</sup>.

Dentro desta esfera, o jornal mensal *Il Colono Italiano*, que teria circulado em Caxias do Sul entre janeiro a agosto de 1898, detinha um caráter tanto religioso quanto étnico e, com isso, visava defender os grupos imigrantes das esferas políticas nativas (brasileiras) e de suas

---

<sup>88</sup> Ibid., p. 72.

<sup>89</sup> SCHMIDT, Guilherme Temp. **Maçonaria no Rio Grande do Sul: a relação com as religiões espírita e protestantes (1900-1930)**. Artigo publicado no xxii simpósio nacional de história: João Pessoa, 2003, p. 07.

<sup>90</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 73.

<sup>91</sup> SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell'immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.17.

articulações jornalísticas, como no caso dos seus embates contra o jornal *O Caxiense*, ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense<sup>92</sup>. Tal fato demonstra um consequente combate às variantes maçônicas<sup>93</sup>, enxergadas pelo editorial com significativa preocupação.

Nesta mesma lógica, o *Il Corriere d'Italia*, de parecer católico e italiano, por vezes também se articulou contra ideologias que considerava anticlericais, entre eles a maçonaria, fato recorrente entre os jornais de matriz religiosa. Além desta postura anti-maçom, o *Il Corriere d'Italia* também evidenciou seu desconforto quanto aos materiais produzidos por matrizes cristãs que não seguissem os preceitos católicos, como no caso dos documentos desenvolvidos por grupos de metodistas, aonde imigrantes italianos que fossem vistos consumindo produções desta orientação religiosa poderiam ser taxados como traidores das orientações católicas, defendidas tanto pelo papa como pela Ordem carlista<sup>94</sup>.

Em um anseio semelhante e sendo reproduzida em tempos anteriores ao *Il Corriere d'Italia*, o *La Libertà*, editado e reproduzido em Caxias do Sul a partir de 13 de fevereiro de 1909, também se preocupou em combater o desenvolvimento de materiais que pudessem desviar os colonos locais dos caminhos edificados pela Igreja Católica, articulando, para isso, uma imprensa boa<sup>95</sup> e genuinamente cristã.

Nesta conjuntura, explicitada por estas três produções católicas edificadas nos primórdios da imprensa étnica regional (sendo esta causalmente religiosa), pode-se verificar um constante anseio em se promover a defesa de valores religiosos, sociais e culturais, que fundamentassem a identidade dos imigrantes, sendo esta uma das marcas do processo de colonização da região serrana do Rio Grande do Sul, de outras localidades do Brasil e em países que receberam um número elevado de imigrantes desde o século XIX<sup>96</sup>

### 1.3 Os periódicos católicos como retratos da vida colonial e italiana.

No final do século XIX e início do século XX, a imprensa estruturada na região nordeste do Rio Grande do Sul floresceu de forma significativa, possuindo desenvolvimentos variados

<sup>92</sup> ADAMI, João. **História de Caxias do Sul: 1864-1962**. t. 1. Caxias do Sul: São Miguel, 1971, p. 84.

<sup>93</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 76.

<sup>94</sup> *Il Corriere d'Italia*, 14 dez. de 1923.

<sup>95</sup> *La Libertà*, 20 fev. de 1909.

<sup>96</sup> SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell'immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.19.

em decorrência da localidade aonde foi articulada, graças a um maior ou menor potencial econômico e populacional do município em questão.

Em Bento Gonçalves, a primeira publicação que se possui registro era homônima ao município e, apesar de possuir apenas uma edição, acabou por destacar de forma clara e direta os valores que buscava defender, sendo eles a maçonaria e o republicanismo. Este estilo de jornalismo, que se preocupava muito em ressaltar os interesses e objetivos do editorial, era muito comum nas produções promovidas na serra gaúcha, que, em diversas circunstâncias, dedicava a sua primeira edição, ou as primeiras unidades de cada ano, para verbalizar seus anseios para a política, sociedade e economia. Esta conjuntura pode ser percebida no jornal *Il Colono Italiano* de Caxias do Sul, que em 1º de janeiro 1898 destacou, entre seus interesses, a defesa do “imigrante católico italiano”, ou pelo *Il Corriere d'Italia* de Bento Gonçalves que, em 14 de janeiro de 1921, articulou suas bases lógicas nos campos relacionados ao nacionalismo e ao âmbito religioso, defendendo, em última análise, a união entre Estado e Igreja.

Fazendo corpo a esse universo de veículos de informação, também poderiam ser citados as publicações na tabela a seguir, que teriam a sua criação datada entre 1910 a 1930.

TÍTULO	INÍCIO	TÉRMINO	PERIODICIDADE	LOCAL	LINHA EDITORIAL
Bento Gonçalves	1910	1913	Semanal	Bento Gonçalves	Orgão dos interesses coloniais
A Thesoura	1911	1912	Semanal	Bento Gonçalves	Humorístico/crítico
Corriere d'Italia	1913	1928 <sup>97</sup>	Semanal	Bento Gonçalves	Católica
A Encrenca	1914	1915	Semanal	Caxias do Sul	Crítico/literário
O Echo da Serra	1914	1914	Desconhecida	Bento Gonçalves	Crítico/humor/notícias
L'Agricoltore	1914	1914	Desconhecida	Caxias do Sul	Interesses regionais
A União	1915	1915	Desconhecida	Caxias do Sul	Independente
O Evolucionista	1915	1916	Semanal	Caxias do Sul	Independente
O Estado	1915	1915	Semanal	Bento Gonçalves	Interesses da região
O Pradense	1916	1916	Desconhecida	Antônio Prado	Político/PRR
O Estímulo	1916	1918	Semanal	Caxias do Sul	Literário/crítica/noticiosa

<sup>97</sup> Apesar de Loraine citar que o *Il Corriere d'Italia* teria finalizado sua produção em 1928, o mesmo cita o fim de suas atividades na edição de 30 de junho de 1927, quando menciona a “L’União dei due settimanali cattolici della Colonia Italiana. “Il Corriere D’Italia” e Sttafetta Riograndense”

O Intruso	1916	1916	Semanal	Bento Gonçalves	Literário, crítico, humorístico e noticioso
La Staffeta Riograndense	1917	1941	Semanal	Garibaldi	Católica
Indústria e Comércio	1917	1917	Desconhecida	Caxias do Sul	Publicidade comercial
A Pérola	1918	1918	Semanal	Caxias do Sul	Humor/ciência/literatura
Olha o Poste	1918	1919	Desconhecida	Caxias do Sul	Humorístico
O Bisturi	1919	1920	Desconhecida	Alfredo Chaves	Crítico-literário
Farpa	1919	1920	Desconhecida	Alfredo Chaves	Crítico-literário
Metralha	1919	1920	Desconhecida	Alfredo Chaves	Crítico-literário
Micuíim	1919	1920	Desconhecida	Alfredo Chaves	Crítico-literário
A Tribuna	1920	1920	Bi-semanal	Caxias do Sul	Oposição
A Semana	1921	1921	Semanal	Bento Gonçalves	Desconhecida
O Sabe Tudo	1922	Desconhecido	Semanal	Bento Gonçalves	Crítica, literária e noticiosa
A Vanguarda	1922	1922	Quinzenal	Caxias do Sul	Independente
A Ordem	1922	1923	Semanal	Bento Gonçalves	Independente
O Democrata	1922	1923	Semanal	Caxias do Sul	Pró-Assis Brasil
A Resistência	1922	1922	Semanal	Caxias do Sul	Pró-Republicana
O Methodista	1922	1922	Mensal	Caxias do Sul	Religiosa
Correio Colonial	1924	1925	Semanal	Caxias do Sul	Independente
O Dia	1924	1924	Semanal	Nova Prata	Político-partidaria e literária
O Semanário	1925	1925	Semanal	Bento Gonçalves	Pró-Republicana
O Regional	1926	1928	Semanal	Caxias do Sul	Independente
O Popular	1927	1927	Desconhecida	Caxias do Sul	Patronato Agrícola - PRR
Caxias	1927	1932	Semanal	Caxias do Sul	Pró-Vargas
A Sentinella	1928	1928	Semanal	Antonio Prado	Literária/noticiosa
O Popular	1928	1930	Semanal	Caxias do Sul	Pró-Vargas

Fonte: GIRON, Loraine. 100 Anos de Imprensa Regional 1897 – 1997. Caxias do Sul: EDUCS. 2004, p. 75 – 76.

A quantidade e a variedade de jornais presentes nas colônias espalhadas nesta extensão geográfica demonstram como este instrumento de comunicação e troca de ideias era significativo para os seus habitantes. Conseqüentemente, este fato evidencia que o interesse de

muitos que vieram para estas terras não era simplesmente angariar recursos, mas também reforçar seus laços indentityários e religiosos nas novas localidades ocupadas, tendo em vista a amplitude dos temas abordados, sejam eles de caráter literário, científico, humorísticos e críticos, além daqueles que visavam apenas aspectos informativos.

Por muitos destes jornais terem caráter étnico, eventos e movimentos relacionados aos interesses italianos dentro e fora da serra gaúcha acabavam por receber grande destaque, sendo que algumas ocasiões acabaram por se tornar emblemáticas na história da imprensa local, visto a grandeza destes acontecimentos. Entre eles, é possível citar a participação italiana na Guerra Ítalo-Turca e na Primeira Guerra Mundial, as festividades cívicas ocorridas em 1914 e a vinda da embaixada italiana para o Brasil em 1918, situações que foram cobertas por praticamente todos os jornais étnicos em circulação na época destes acontecimentos.

Todavia, tendo em vista a variedade de percepções presentes sobre os mesmos acontecimentos, em algumas situações, as lideranças dos principais jornais acabavam por discutir seus pareceres por meio das páginas dos seus veículos de informação, circunstâncias que, em certos momentos, acabaram por se configurar como verdadeiros escândalos do período.

Entre estes acontecimentos, um dos mais marcantes foi protagonizado pelas lideranças dos jornais *Il Corriere d'Italia*, de Bento Gonçalves, e o *Il Colono Italiano*, da cidade de Garibaldi, que nesta conjuntura trocaram graves acusações durante os últimos meses de 1914, onde questões sobre italianidade e a possibilidade da inserção da Itália na Grande Guerra foram intensamente debatidos, demonstrando, com isso, como as questões italianas eram extremamente presentes nestas comunidades e os processos jornalísticos, articulados segundo as necessidades dos editores e membros da sociedade civil.

### **1.3.1 Pátria e religião: O Surgimento do *Il Corriere d'Itália*.**

*O Il Corriere d'Italia* surgiu em 1913, na cidade de Bento Gonçalves. Apesar de ocupar a lacuna de espaço aberta pelo fim da circulação do principal jornal da cidade (que possuía o mesmo nome do município) a publicação editada e redigida pelo padre Estevão Minetti e, posteriormente controlada por Henrique Domingos Poggi, teve grandes problemas administrativos, impossibilitando que a sua coordenação aproveitasse o nicho de mercado formado pela ausência de semanários influentes no seio municipal. Tal fato foi acarretado pela falta de capital inicial sofrido pela publicação, em consonância com a transição da direção do jornal em um curto período de tempo, fatores que dificultaram a manutenção do semanário.

Visto os problemas iniciais e com as perspectivas de um fim prematuro, Poggi pediu socorro aos membros da congregação scalabriniana, tendo em vista suporte financeiro, algo que logrou êxito por meio do auxílio oferecido pelo superior da congregação, padre Henrique Preti<sup>98</sup>, que sanou as dívidas iniciais do *Il Corriere d'Italia*, além de fornecer suporte organizacional por meio do padre João Costanzo, que passou a dividir a direção com Poggi<sup>99</sup>.

Com isso, ao mesmo tempo que o novo semanário católico de Bento Gonçalves passava a possuir as condições que o levariam a se tornar um dos mais influentes jornais na região, a Ordem de São Carlos adquiriria a possibilidade de perpetuar seus interesses na serra gaúcha por meios ainda não explorados por ela nesta localidade, ampliando, deste modo, seu leque de intervenções civis, fato que lhe trouxe uma visibilidade ainda maior até mesmo em longínquos ambientes coloniais<sup>100</sup>.

Composto por quatro páginas e circulando às sextas-feiras, o jornal trazia na folha inicial notícias da Itália; na segunda se ocupava com o informativo das cidades compostas por coletividades italianas gaúchas, e a terceira e quarta folhas eram reservadas aos anunciantes. No princípio, o *Il Corriere d'Italia* não se preocupou em destacar seus propósitos e objetivos da mesma forma que outros jornais já haviam feito no início de suas produções, como ocorrido com o *Il Colono Italiano*, que em 1898 declarou defender a religiosidade católica e os interesses da pátria italiana, respectivamente:

“Il Colono Italiano” será o amigo, o conselheiro, o guia, o advogado dos católicos italianos imigrados em Caxias e nas colônias circunvizinhas. Fornecerá a eles interessantes notícias da querida e bela Itália. Com tal propósito tem prazer de anunciar que tem um distinto correspondente em Roma e que encontrará outros nas principais cidades italianas. “Il Colono Italiano” não se ocupará de política, já que existe em Caxias “O Caxiense” – ao qual se envia uma saudação fraternal –, sem se ocupar de política “Il Colono Italiano” não cessará de recomendar a seus leitores a obediência às leis e às autoridades legitimamente constituídas. Dará a relação do desenvolvimento das Sociedades Católicas, de suas festas e ações a fim de que sirvam de exemplo de ânimo fervoroso aos covardes e aos indiferentes. Publicará novelas, contos, estórias e romances divertidos e honestos. “Il Colono Italiano” está jubiloso de ver a luz hoje, quando todo mundo católico festeja LX Aniversário da 1ª Missa do Pontífice Reinante o sapientíssimo Leão XIII, aos pés de seu trono a humilde felicitação e votos de homenagem e de seus leitores dizendo-lhe: Padre Santo, os católicos italianos imigrados em Caxias e nas colônias vizinhas vos juram devoção e obediência ilimitada e fazem votos para que o senhor Vos conserve por longos anos à frente da Igreja Católica que purifica a Itália, da qual sois a maior glória.<sup>101</sup>

<sup>98</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 86.

<sup>99</sup> DE BONI, Luis. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 42.

<sup>100</sup> SCALABRINI, apud, POSSAMAI, 2004, op. cit., p. 574.

<sup>101</sup> *Il Colono Italiano*, 01 jan. de 1898.

Todavia, apesar de não desenvolver esta chamada inicial, o *Il Corriere d'Italia* sempre deixou seus posicionamentos em favor do credo católico e a nação italiana a mostra, destacando constantemente seu apreço por estas questões nos próprios títulos de suas reportagens presentes na primeira página, batizadas de “A Itália colonial” e “A Grande Itália” e “A Itália no Exterior<sup>102</sup>” que, em sua escrita nacionalista, evocavam o orgulho de fazer parte da pátria mãe, apesar de muitos dos seus filhos estarem espalhados pelo mundo. Segundo o jornal, estas distâncias eram suprimidas pelas lembranças constantes dos italianos a sua terra amada, das cores tricolores da sua bandeira ou dos aspectos únicos da religião e literatura que selaram a alma dos desgarrados da pátria, tanto daqueles que emigraram para os grandes centros urbanos, como dos habitantes da serra gaúcha, que não se desprenderam da literatura Dantesca<sup>103</sup> e nem do fervor que sentiam ao recordar, com ternura, da sua pátria tão grande e bela. Além disso, de contemplar seus objetivos com tal retórica, o jornal também acabou se tornando um dos elos que ligava duas realidades distantes<sup>104</sup>, dando aporte aos imigrantes, informando sobre os fatos ocorridos na Itália, ao mesmo tempo que os integrava nas novas terras, sem que, em tese, a essência inerente ao italiano se perdesse:

Patriotismo! Santa e fatídica palavra que expressa o mais forte e mais nobre amor humano: o amor pela pouca terra que viu nascer a árvore da vida, onde eu pendurei o ninho da nossa família; um amor tão grande pela terra que ressoa a nossa língua, em que vivem os nossos irmãos, onde tremula nossa bandeira em frente ao sol mais bonito, com as mais belas cores.

Patriotismo, o amor abençoado e santificado por nossa fé antiga, redimido de glória pelo heroísmo de nossos pioneiros da liberdade, em virtude de nosso povo, da majestade de nossa ciência, a partir dos trabalhos sublimes de nossa sacerdotal caridade, pela heterogênea generosidade dos nossas vários povos; que transcenderam os séculos, que abraça e envolve homens e as coisas espalhadas através de uma epopeia milenar, que se parece com os seus monumentos, as criações mais magníficas do gênio humano, são chamados de São Pedro ou de Capitólio, a praça de São Marcos ou a Loggie de Lanzi, a Mone Antonelliana ou Santa Maria del Fiore, a Basílica de Superga ou o Aqueduto Pugliese, a lanterna de Génova ou a Catedral de Milão.<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> Coluna iniciada na edição de 20 de novembro, tem a intenção falar sobre os italianos no exterior em diversas localidades do mundo, ressaltando seus grandes feitos e a manutenção dos seus laços com a pátria italiana. Um exemplo desta prática consta na coluna “Inauguração do monumento a Verdi em São Francisco” presente no número 17 do ano 02, onde a publicação comenta sobre a exaltação promovida pelo município perante um importante homem do estado italiano (Giuseppe Verdi, personalidade cunhada em moeda na Itália e destacada no jornal *Corriere d'Italia* na edição de 19 de setembro de 1913). Nesse encontro se “cantou Tetrizzini acompanhada de um coro de crianças” algo que também era mantido nas colônias italianas do sul do Brasil como um mecanismo de fortalecimento do sentimento de pertencimento entre os colonos.

<sup>103</sup> *Il Corriere d'Italia*, 13 set. de 1913.

<sup>104</sup> SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell’immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.15.

<sup>105</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 jun. de 1914.

Esta relação entre os indivíduos e estes objetos, mitificados segundo os parâmetros nacionalistas, evidenciavam uma profunda construção de valores entre a comunidade e a nação, onde estes indivíduos teriam sido doutrinados a identificar sua pátria por meio de hinos e bandeiras<sup>106</sup>. Este processo seria tão bem internalizado que estes sujeitos não compreenderiam que tais fatores não eram intrínsecos a eles, dificilmente identificando a anormalidade de seus atos e anseios<sup>107</sup>, encarados como intrínsecos aos bons italianos.

Logo, neste processo, o mito e a realidade se misturaram com a intenção de fortalecer o sentimento de amor a Itália, abalada pelos fracassos bélicos ocorridos na Guerra da Abissínia de 1896, onde o mal comandado exército italiano se viu derrotado na batalha de Adwa, levando os italianos a serem desvalorizados como o único povo europeu que havia fracassado em suas ambições imperialistas, quando se colocou contra uma força africana independente<sup>108</sup>.

Nesta conjuntura, não era difícil identificar notícias que remontassem um poderoso império italiano, já existente ou de possível construção, a partir de transformações no padrão econômico nacional e a utilização dos milhares de nativos espalhados pelo mundo, sempre à serviço, em última análise, aos interesses da pátria, como destacado na publicação “A grandiosa Itália e a expansão comercial italiana” de 13 de setembro de 1913:

Nestes últimos dias o professor Pietro Garibaldi da Escola Superior de Comércio de Torino, que publicou um interessante volume chamado: A mais grande Itália. Nele escreveu sobre os italianos no exterior e as colônias italianas (Eritreia. Somália. Líbia). Neste livro, que porta um prefácio de Paolo Boselli, temos uma ideia clara e precisa de quantos filhos italianos existem nos confins da pátria. Segundo o livro, a Itália possui um império colonial de oito milhões e meio de quilômetros... existindo, com isso, mais de um milhão de seus filhos em todo o mundo. Cometemos, porém, um erro imperdoável, o comércio e a indústria italiana precisam promover um novo status de serviço, dando um maior impulso as exportações, com a intenção de criar uma Itália ainda maior politicamente, mas que necessita, primeiramente, se tornar em uma Itália maior economicamente.<sup>109</sup>

Este claro interesse pelo desenvolvimento econômico italiano também pode ser percebido em 29 de maio de 1914, na segunda página do semanário:

Esta estatística foi publicada pelos jornais do movimento comercial, referentes à economia italiana nos primeiros quatro meses deste ano. A importação caiu 33 milhões de liras, ao contrário das exportações que tiveram um aumento de 33 milhões.

<sup>106</sup> CATROGA, Fernando. **Nação, Mito e Rito**. Fortaleza: NUDOC-UFC. 2005, p. 24.

<sup>107</sup> SMITH, Anthony. **Identidade Nacional**. Tradução de Cláudia Britorev. Científica João Marques de Almeida. - 1ª edição - Lisboa: Gradiva, 1997, p. 187.

<sup>108</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 156.

<sup>109</sup> *Il Corriere d'Italia*, 13 set. de 1913.

O jornal está satisfeito com o progresso do comércio, da agricultura e da indústria do país, fator indicado pelos números reportados.<sup>110</sup>

Pode-se perceber pelas reportagens destacadas acima, que assuntos econômicos da pátria nativa eram constantemente trabalhados pelo jornal e as comparações entre a Itália com outras potências europeias apareciam frequentemente, com o claro interesse de demonstrar uma nação fortalecida e com um futuro glorioso pela frente, alcançada também, por meio da imigração e da ocupação de novas terras, fatores que possibilitavam a articulação de um poderoso império colonial, almejado por autoridades italianas, principalmente a partir do governo de Francesco Crispi<sup>111</sup>.

Em outras circunstâncias, mas sem desmerecer os intentos italianos, o semanário scalabriniano exaltava o que era desenvolvido por outras nações, como, por exemplo, ao se referir sobre os processos comerciais e industriais promovidos pelo império alemão<sup>112</sup>, um dos modelos a serem seguidos pelas demais civilizações ocidentais. Esta situação pode ter sido um reflexo do potencial destes Estados da Europa central e ocidental perante a Itália, que possuía um certo atraso militar e econômico em comparação outros países do continente, alcançando, no máximo, um sucesso relativo quanto a expansão do seu exército e do seu parque industrial<sup>113</sup>.

Apesar do *Il Corriere d'Italia* evidenciar em diversos momentos a relação afetuosa entre os italianos com a sua pátria natal, antes e depois da primeira década do século XX, diversas obras trazem pareceres contrários a esta alegação, como a produção “As Sombras do Littorio”, de Loraine Slomp Giron, que em 1994 afirmava que “o sentimento existente entre os imigrantes era o regional. A recente unificação da Itália, longe de unir os imigrantes, serviu para separá-los. O regionalismo permaneceu durante muitos anos, a “união” só parece ter sido alcançada após a Primeira Grande Guerra.”<sup>114</sup>. Em consonância a esta retórica, podem ser citados Carnieri (2013) e Beneduzi.

O primeiro destaca:

Os camponeses e outros estratos inferiores da sociedade não apenas haviam participado relativamente pouco das lutas pela unificação do país, como não se sentiam italianos, mas toscanos, vênnetos, sicilianos, etc. Sua consciência de grupo não

<sup>110</sup> *Il Corriere d'Italia*, 29 mai. de 1914

<sup>111</sup> IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder**. 2. ed, Caxias do Sul: EDUCS, 2001, p. 50-55.

<sup>112</sup> *Il Corriere d'Italia*, 13 set. de 1913.

<sup>113</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 154.

<sup>114</sup> GIRON, Loraine. **As Sombras do Littorio: O fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda. 1994, p.31.

ia muito além dos limites restritos do território em que viviam, o que representava um obstáculo à ideia de uma consciência nacional única.<sup>115</sup>

Segundo este teórico, a ideia de pertencimento seria mais presente nas elites letradas e urbanas, que ao verbalizar e escrever na língua italiana e se reconhecer culturalmente, acabavam por integrar um grupo comum. Deste modo, seria claramente deduzível que os colonos italianos provenientes das primeiras levas migratórias tenderiam a não se sentir parte da nação que haviam deixado, em virtude de serem, em sua maioria, provenientes dos âmbitos rurais da região do vêneto.

Já Beneduzi (2015), apontou que a construção de um sentimento de unidade proveniente da pátria só seria consolidada após o início da década de 1920, tendo em vista as comemorações ao cinquentenário da imigração italiana para o Rio Grande do Sul:

Se os imigrantes haviam chegado de espaços territoriais e culturais diferentes na Península Itálica e a ideia de nação era ainda muito incipiente, sobretudo considerando as proveniências majormente rurais, a década da comemoração dos cinquenta anos da imigração italiana (1920) era o momento propício para fundar/reforçar uma identidade étnico nacional.<sup>116</sup>

Estas colocações aparentemente contrariavam as informações promovidas pelos scalabrinianos, que defendiam o forte amor pátrio existente entre os membros das colônias da serra gaúcha. Entretanto, pelo teor altamente nacionalista dos apontamentos provenientes desta organização, estudiosos da Ordem de São Carlos, naturalmente, questionam a validade de seus argumentos, tendo em vista o interesse da agremiação em inflar a italianidade dos colonos, já que suas metas institucionais remetiam à defesa da causa italiana e da união entre este Estado e a Igreja, independente dos traumas provocados pela unificação deste país nas últimas décadas do século XIX.

Citações como estas se tornam ainda mais coerentes quando identificamos abordagens desenvolvidas por Antonio de Ruggiero e Angelo Trento que, em suas obras, destacam a existência de certas rusgas entre alguns imigrantes e a pátria natal, que os havia abandonado

---

<sup>115</sup> CARNIERI, Christopher Augusto. **A italianidade em movimento: travessias e olhares**. Curitiba: Dissertação de Mestrado, defendida na UFRS, 2013, p. 30.

<sup>116</sup> BENEDUZI, Luís. Staffetta Riograndense, fascismo e italianidade na Serra gaúcha. In: RADÜNZ, Roberto (org.). **Imigração e Sociedade: Fontes e acervos da imigração no Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 291.

em terras distantes, muitas vezes sem qualquer suporte consular e passando por inúmeras dificuldades na América<sup>117</sup>, além daquelas que já passavam em solo italiano<sup>118</sup>.

Ruggiero ainda salienta que, em virtude do sofrimento vivenciado em solo italiano, muitos colonos perdiam qualquer vontade de retornar ao solo pátrio, interesse que se tornava ainda menor quanto a perspectiva de defendê-lo, visto que o estado pouco se preocupou com seus nacionais em momentos de necessidade<sup>119</sup>, identificando-a como uma mãe degenerada, ou até mesmo uma madrasta pouco atenciosa.

Em uma contraparte aos posicionamentos anteriores e, conseqüentemente, mais inclinada aos pareceres desenvolvidos pelos scalabrinianos, Vendrame destacou em seu estudo sobre os imigrantes localizados em Silveira Martins, a existência de um forte amor pátrio entre seus habitantes já no período da Guerra da Líbia, aonde autoridades locais tinham a intenção de desenvolver monumentos em honra de militares mortos em combate, promover festividades pátrias e articular bandeiras italianas, buscando, indiretamente, reforçar os laços entre os italianos peninsulares e os de além-mar<sup>120</sup>, de maneira muito semelhante ao que era promovido por imigrantes de Bento Gonçalves, Caxias do Sul e imediações, como ressaltado por outros jornais serranos<sup>121</sup>.

Apesar da alegação de Beneduzi indicar uma formação étnico-nacional pouco desenvolvida, contrastando com as informações scalabrinianas produzidas na serra gaúcha, é interessante destacar que o mesmo teria afirmado, de forma coerente com os dizeres do *Il Corriere d'Italia* que a instituição responsável pela homogeneização patriótica na região colonial, seria a Igreja Católica, por ventura da sua criação simbólica de um espaço que remetesse a antiga pátria devido a uma intensa relação entre o ser e a espiritualidade<sup>122</sup>.

---

<sup>117</sup> TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico: Um Século da imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel. 1989, p. 47 e 48.

<sup>118</sup> VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil**. (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p. 25.

<sup>119</sup> DE RUGGIERO, Antonio. “Ouro e Sangue pela pátria”: a contribuição dos ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: DE RUGGIERO, Antonio. **Vivências da Primeira Guerra Mundial**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015, p. 89.

<sup>120</sup> VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil**. (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p. 31 – 33.

<sup>121</sup> *Staffetta Riograndense*, 08 ago. de 1918.

<sup>122</sup> BENEDUZI, Luís. **Imigração Italiana e Catolicismo: Entrecruzando olhares, discutindo mitos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 58.

Logo, por sua participação contínua perante a comunidade local, muito mais presente do que os oficiais do Estado gaúcho ou da antiga pátria distante, se assegura que a Igreja possuía um papel essencial para seus membros, sendo responsável por sua formação identitária, desde os elementos morais básicos, até as questões voltadas ao parecer nacional<sup>123</sup>, se tornando, junto com os jornais étnicos e instituições de ensino, setores extremamente significativos para a manutenção da italianidade na região, pelo menos segundo os padrões aspirados pelos colonos, que se configuravam em torno da fé<sup>124</sup>, do trabalho “do respeito à autoridade, [e] a disciplina”<sup>125</sup>.

Logo, pode-se concluir que, apesar da existirem diversas fissuras nos parâmetros nacionalistas defendidos pelos colonos e pelas organizações promotoras da italianidade<sup>126</sup>, tais problemáticas acabaram sendo maquiadas pela Igreja Católica, pelos jornais étnicos<sup>127</sup> e pela própria condição que estes indivíduos se encontravam. Esses fatos ocorreram visto que, devido as dificuldades inerentes ao contexto em questão, tais grupos tendiam a contornar disparidades regionais e culturais para conquistar uma melhor qualidade de vida, em virtude das melhores perspectivas que estes imigrantes poderiam obter por meio de uma luta coletiva.

Nos furores nacionalistas da primeira metade da década de 1910, podem ser citadas diversas ações em homenagem a nação italiana, sendo uma das mais significativas a que ocorreu durante as comemorações do “Statuto Albertino”, a constituição italiana de 1948, em meio a chamada “Grande Festa Nacional”, relatada pelo semanário scalabriniano no dia 07 de junho de 1914. Este documento teria servido para acabar com os elementos fragmentadores dentro da península itálica, fatores que impediam que a glória fosse alcançada por estas populações em períodos anteriores, pelo menos segundo o *Il Corriere d'Italia*:

Para nós, para a Itália o feriado nacional por excelência é o do Estatuto, a “Carta Magna” concedida por Carlo Alberto, que fez o nosso povo delirar de uma glória indescritível.

---

<sup>123</sup> VALDUGA, Gustavo. **Para além do coronelismo: italianos e descendentes na administração dos poderes executivos da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1924-1945)** Porto Alegre: Tese de Doutorado, defendida na PUCRS em 2012, p. 35.

<sup>124</sup> GIRON, Loraine. **As Sombras do Littorio: O fascismo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Parlenda. 1994, p.51.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p.15.

<sup>126</sup> Benedict Anderson, em sua obra *Comunidades Imaginadas*, relata que o próprio conceito de nacionalismo é naturalmente contraditório, em virtude do processo imaginativo, ou seja, irreal, de sua construção. Deste modo, não seria possível que os pareceres nacionalistas compreendessem tanto a localidade objetificada, como sua população, impedindo, com isso, a homogeneização cultural destas comunidades. ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo.** México, D. F.: Colección Popular. 1993, p. 23 – 26.

<sup>127</sup> SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante.** Giornali della diaspora italiana e dell’immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.15.

Foi então que, pela primeira vez, em todo o país fragmentado, ocorreram corridas, onde se combatia, como um, a febre irresistível de unidade. E cantou o poeta e as pessoas comuns:

Vamos irmãos, andaremos em consonância,

E lancem os tiranos no deserto

Ó minha nação, por Deus! Libertar.

O Estatuto, assim, foi a primeira etapa em nossa ascensão.<sup>128</sup>

Ainda na primeira página, novamente o “estatuto” é mencionado, enfatizando que, sem a existência deste documento, fruto da guerra pela “independência da Itália”, o bem-estar alcançado às populações italianas correria severo risco, sendo necessária a manutenção da carta constitucional para o futuro deste povo, simbolizando um dos elementos fundantes da nação, se não o principal<sup>129</sup>.



Figura 01 - Il Corriere d'Italia, 07 jun. de 1914. Jornal enfatiza as comemorações promovidas em nome da nação italiana.

Por fim, talvez o ponto mais impressionante da reportagem sobre o estatuto, é que se referia à própria mortalidade da nação Italiana, visto que sua constituição se perpetuava como um caminho para o ressurgimento de um gigante adormecido que nunca teria deixado de existir.

(...) Agora, gerações de italianos estão consagrando a imortalidade de todos os arquitetos do Risorgimento italiano;

<sup>128</sup> Il Corriere d'Italia, 07 jun. de 1914.

<sup>129</sup> Il Corriere d'Italia, 07 jun. de 1914.

"(...) A ideia de liberdade atravessou os séculos que passamos em servidão, sem que tenha sido extinta do coração do povo italiano, porque o princípio de liberdade é natural ao homem.<sup>130</sup>

A importância de refletir sobre este elemento, o do *Risorgimento*, se dá pela sua constante vinculação às políticas fascistas dos anos de 1920 e 1930. Entretanto, este conceito é apresentado em um jornal colonial de 1913, muito antes da experiência liderada por Benito Mussolini na Itália, demonstrando que essa compreensão, de uma Itália eterna e novamente poderosa, foi trabalhada em períodos muito anteriores ao do próprio governo fascista.

Outras questões, geralmente relacionadas com a experiência fascista, também são bem aparentes nas páginas do *Il Corriere d'Italia*, como o nacionalismo, o saudosismo e o militarismo, demonstrando que muitos dos anseios do partido nacional fascista, já possuíam lastro nas produções editoriais da Ordem de São Carlos em Bento Gonçalves.

### 1.3.2 As armas! Da Guerra Ítalo-Turca ao princípio da Grande Guerra.

Um estilo de publicação muito utilizado nos primeiros anos do *Il Corriere d'Italia*, fora o que remontara os confrontos travados pela Itália em território líbio na Guerra Ítalo-Turca (1911 – 1912). Essas reportagens se empenhavam em enfatizar a superioridade da pátria no confronto, o preparo dos soldados no fronte e a necessidade de mobilização dos colonos em apoiar financeiramente o Estado nesta empreitada colonialista.

Tais notícias só deixaram de circular com a estabilização da região, abrindo espaço para reportagens que exaltavam os feitos da conquista e o sentimento otimista da população colonial perante a sua pátria:

Esta palavra - patriotismo - que escrevemos hoje nessas páginas, se torna uma modesta homenagem a uma das datas mais importantes de nossa história, e que resume toda a nossa grandeza. Isto nos foi presenteado como recompensa de uma preparação longa e laboriosa através de tirania e da dor, da náusea e das magníficas rebeliões, e que protagonizou a nossa grandeza, que vai de Dante a Alfieri, consagrando os nossos soldados caídos em gloriosos campos de Novara, de Mageta, de San Marino, de Eritreia e de Líbia.<sup>131</sup>

Em virtude dos fatos apontados anteriormente, também é importante destacar o aparecimento de elementos civilizatórios nas colunas jornalísticas, que buscavam encobrir os efeitos negativos do neocolonialismo italiano. Em seu lugar destacava-se a libertação das

<sup>130</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 jun. de 1914.

<sup>131</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 jun. de 1914.

populações locais de sua barbárie por meio da sua evangelização<sup>132</sup>, feito encarado como um ganho para a humanidade.

Esta lógica só reforça o parecer sobre a força e a constância dos elementos religiosos e patrióticos no seio do *Il Corriere d'Italia*, sendo claro o interesse scalabriniano em relacioná-los. Porém, uma figura centralizadora ou aglutinadora se fazia necessária para fortalecer tais elos, sendo geralmente personificada na figura do rei Vítor Emanuel III, que construía sua imagem política e social nos elementos tradicionais trabalhados pelo jornal, como pode ser visto na reportagem “Viva il Re!”<sup>133</sup>, publicada em 26 de junho de 1914:

O povo italiano desta colônia forte e gloriosa, que, após uma hora de ansiedade e apreensão pelo país distante, se expressa em um momento magnífico, um verdadeiro impulso espontâneo do seu antigo afeto, do seu velho amor por sua terra natal, que nunca puderam ver, mas que sobrevive acima de qualquer outra recordação, doce ou amarga.

Parece, e realmente foi, um incêndio de ardor quente e santo, que de repente, ligou todos os corações, enquanto uma força misteriosa abraçou todos num piscar de olhos. Do balcão da Casa da Itália, que apareceu pálida acima da multidão, se agitou a bandeira patriótica, e dois jovens corajosos, se agarraram a vara e uma corda de carro até chegar a esta bandeira.

O sol estava se pondo, mas um sopro de vento inflou e sacudiu o pano sagrado ... foi o hálito quente da pátria distante.

A alegria tocou todos, e amando as notas do hino colocaram se a cantar com toda a sua alma.

Nada mais bonito, nada mais saudável, mais sublime do que essa espontaneidade franca das pessoas.

Viva a Itália! ... Viva a Casa de Saboia! ...<sup>134</sup>

Além disso, existia todo um esforço do semanário em edificar uma indumentária militarista em volta do rei, ao mesmo tempo em que se buscava evidenciá-lo como um ser a serviço das vontades italianas, tanto dos que se encontravam na península itálica, quanto aos que haviam emigrado, fazendo dele o cidadão ideal, prestativo e honroso, um exemplo a ser seguido e reverenciado<sup>135</sup>.

Tal fato evidencia o grande prestígio demonstrado pelo jornal a esta figura pública, possivelmente uma das mais exaltadas da história do *Il Corriere d'Italia*, que, por sua matriz scalabriniana, reverenciava a monarquia e se alinhava ou apoiava partidos de cunho democrata cristão, como no caso do partido popular nas décadas de 1910 e 1920, algo que posteriormente será trabalhado com maior profundidade.

<sup>132</sup> *Il Corriere d'Italia*, 12 fev. de 1914.

<sup>133</sup> Grifo do jornal.

<sup>134</sup> *Il Corriere d'Italia*, 26 jun. de 1914.

<sup>135</sup> *Il Corriere d'Italia*, 08 de out. de 1915.

Os traços de manutenção da italianidade também eram centrais nas práticas esportivas, com os jovens atletas sendo relacionados, preferencialmente, a uma pátria que não viveram e nunca viram ao invés de serem identificados como esportistas brasileiros. O nome da agremiação local “Juventude”, também dava margem a esta prática ao simbolizar a existência de uma juventude italiana em solo brasileiro, dando a entender que as tradições nacionais foram abraçadas pelas novas gerações que preferiam a terra de nascimento em sua vinculação aos antigos sentimentos patrióticos originários dos seus pais.

Em tal reportagem de capa, ilustrada com uma fotografia dos jogadores titulares do time, seguia o título “Juventus Italica”, com uma curta reportagem sobre o “valeroso time de Caxias do Sul que está na vanguarda do futebol colonial”. Esta reportagem ocorreu exatamente uma semana antes de uma das tiragens mais emblemáticas do *Il Corriere d'Italia*, que em 07 de agosto de 1914 noticiou o início da Primeira Guerra Mundial.

Apesar de não estar ligada diretamente ao conflito, o semanário cita a tensão em que a Itália se encontra, graças a proximidade que os deslocamento militares das outras potências ocorrem e da sua relação com as nações envolvidas.

Além disso, embora a Itália não tenha se pronunciado sobre qual posição iria tomar perante a Guerra, colunas apaixonadas pela pátria já estampavam a capa desta publicação, fornecendo pistas de como seria o comportamento do jornal ao longo do tempo, ou seja, que as demonstração de proatividade em favor da nação só tenderiam a se ampliar conforme o envolvimento com confronto internacional se tornasse mais complexo:

#### **Mãe Itália (grifo do jornal)**

Eu amo a Itália porque minha mãe é italiana, porque o sangue que corre nas minhas veias é italiano, pois italiana é a terra onde os mortos que foram enterrados levam minha mãe ao choro e meu pai a profundo orgulho, porque é onde fica a cidade onde nasci, a língua que eu falo, os livros que me educaram, porque é da onde veio minha irmã, meus companheiros, o grande povo com que convivo, local de uma bela natureza, e por que tudo o que vejo, que eu amo, que estudo, admiro, é italiano, Oh você não pode sequer acreditar em todo esse carinho! Você só vai sentir isso quando você é o homem que retorna, de uma longa viagem, depois de tanto tempo longe, e, finalmente, em uma manhã dentro de um navio, você vai ver no horizonte as grandes belezas do seu país; Sinto-me, em seguida, com uma impetuosa onda de ternura que enche meus olhos de lágrimas e rasga-lhe um grito do meu coração.<sup>136</sup>

Este estilo de escrita emocionalmente carregado, efetuado na contracapa de 14 de agosto de 1914, pode ser um exemplo do que foi citado anteriormente, sendo ela uma retórica constante em todas as guerras que a Itália travou na década de 1910, seja contra povos africanos ou

<sup>136</sup> *Il Corriere d'Italia*, 14 ago. de 1914.

Estados europeus, evidenciando que o sentimento nacionalista italiano, nutrido pelos colonos, pelo menos o que foi descrito pelo *Il Corriere d'Italia*, era significativo no período em questão.

Todavia, tal estilo de reportagem levanta a dúvida se a sua produção ocorreu por motivos ideológicos provenientes da direção scalabriniana, pelo forte sentimento de pertença ainda presente no seio colonial, ou graças a animação proveniente das vitórias em campo de batalhas, tanto na Guerra da Líbia, quanto na Primeira Guerra.

### **1.3.3 *Il Corriere d'Italia*: Motivações no estilo de produção.**

Segundo Gramsci “em cada indivíduo se encontram características postas em relevo em contradição com as de outros homens”<sup>137</sup>. Esta frase pode ser explicada pela máxima de que as particularidades díspares presentes entre os sujeitos levam os seres humanos a buscar objetivos específicos de maneiras particulares. O mesmo pode ser creditado às instituições comandadas por estes indivíduos, que possuem interesses ímpares e buscam a concretização destas especificidades de maneiras próprias.

Se referindo, particularmente, sobre a Ordem de São Carlos, parece inegável ressaltar o interesse da instituição em publicar notícias que reverenciavam práticas positivas do Estado italiano, construindo a imagem de uma civilização ancestral e poderosa, responsável por moralizar os povos incivilizados, graças a sua ligação histórica com a tradição cristã representada pela Igreja Apostólica Romana. Deste modo, os scalabrinianos aplicaram a retórica de união entre os elementos da fé e do Estado, algo que acaba se sobressaindo no que é produzido pelo jornal.

Porém, este interesse não era o único que levou o *Il Corriere d'Italia* a desenvolver este tipo de colunas e reportagens, pois a simples criação de oferta de produto sem uma demanda que se identifique com o que é ofertado não seria capaz de manter a venda dos semanários e a sua constante ampliação no período da Grande Guerra, sendo o orgulho baseado no nacionalismo vital neste processo.

Este sentimento perceptível na comunidade colonial já vinha sendo trabalhado com os nativos da península itálica desde as décadas finais do século XIX, por ventura da unificação italiana. Todavia, os processos de fomentação nacionalista possuíram grandes entraves na nascente nação, graças a vários elementos, entre eles a existência de diversas culturas

---

<sup>137</sup> GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991, p. 43

segmentadas em regiões existentes na península itálica, o analfabetismo massivo presente no povo, além da falta de conhecimento desta população sobre o idioma oficial instituído pelo governo<sup>138</sup>.

Neste interím os campos educacionais, militares e culturais foram de extrema importância para a criação da italianidade. No segmento da educação básica, o Estado italiano obteve resultados expressivos perante o objetivo de erradicar o analfabetismo, reduzindo-o de 74% da população em 1860 para 38% em 1914<sup>139</sup>, influenciando indiretamente no desenvolvimento científico nacional, idealizando, com isso, um Estado poderoso e que remetesse às glórias vividas no passado<sup>140</sup>, evocado pelo nome de *Risorgimento*<sup>141</sup>. A aplicação de recursos nesta área, além de melhoras nas condições econômicas italianas, também levou à expansão da imprensa em solo nacional, fator que reforçou ainda mais o uso do idioma italiano entre as massas, além de reforçar, concomitantemente, a identidade nacional<sup>142</sup>.

Já o serviço militar obrigatório era outra ferramenta na confecção dos valores de interesse do Estado, se tornando em um dos símbolos palpáveis que representavam a Itália (ao invés dos exércitos mercenários que anteriormente defendiam a pátria em tempos de guerra). Além disso, sua capacidade de interferir ideologicamente na maneira de pensar dos camponeses que o compunham era vital, visto que estes homens acabavam voltando às suas casas, em tempos de paz, com novas convicções, ajudando na costura dos princípios nacionalistas<sup>143</sup>.

Por fim, é importante destacar a importância das produções culturais neste processo, expressos tanto em construções, como em pinturas. Nas artes plásticas, pode-se perceber a ênfase na bravura dos revolucionários italianos na luta pela unificação, na honradez dos seus heróis envoltos em símbolos nacionais e a unidade entre os líderes da unificação que, apesar de propostas diferentes para a Itália, acabaram sendo retratados juntos como aliados ideológicos.

Entre estas figuras históricas, Giuseppe Garibaldi se tornou uma das mais devotadas, existindo registros de monumentos desenvolvidos em diversas cidades de presença italiana no Rio Grande do Sul, como Silveira Martins em 1915<sup>144</sup>, edificações muitas vezes construídas

<sup>138</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 54.

<sup>139</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 57.

<sup>140</sup> SMITH, Anthony. **Identidade Nacional**. Tradução de Cláudia Britorev. Científica João Marques de Almeida. - 1ª edição - Lisboa: Gradiva, 1997, p. 147 – 148,

<sup>141</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 58.

<sup>142</sup> BIONDI, Luigi. **Trento, Angelo**: Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX-XX. São Carlos: Ed. UFScar, 2013, p. 02.

<sup>143</sup> BAUER, Otto. A Nação. in: BALAKRISHNAN, Gopal (org). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1ª edição. 2000, p. 51.

<sup>144</sup> VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira**

com o intento de reforçar os laços identitários entre os imigrantes e seus descendentes da nação originária, simbolizada por este líder da unificação.

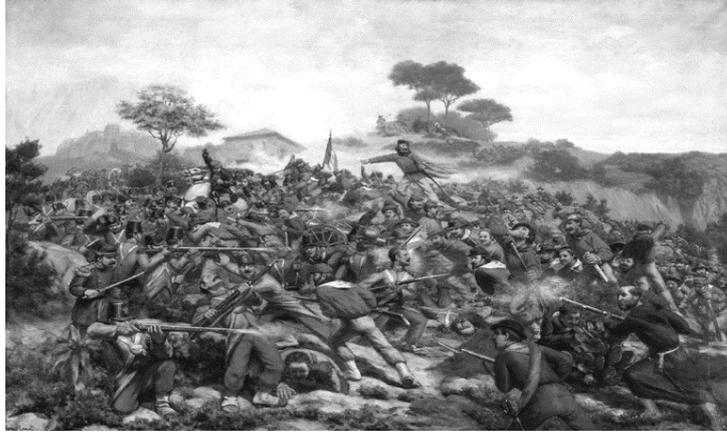


Figura 02 – Pintura de R. Legat, “Balalha de Calatafimi”, Itália, 1860



Figura 03 – Pintura de G. Induno. “Giuseppe Garibaldi”, Itália, 1870.

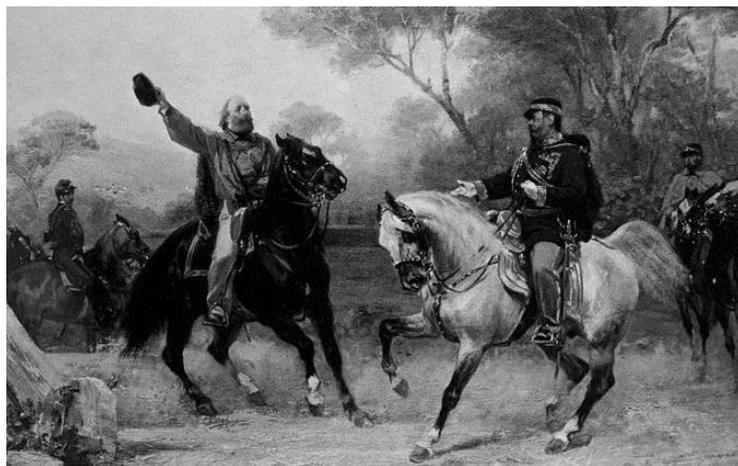


Figura 04 – Pintura de S. de Albertis. “Encontro de Garibaldi e Vittorio Emanuele II em Teano”, Itália, 1870.

Tais procedimentos possuíam a finalidade de promover o culto nacional<sup>145</sup>, tendo graus de efetividade questionáveis, mas os quais obviamente transformaram a face italiana<sup>146</sup> e se fizeram presente, de certo modo, no seio colonial, no momento em que o exaltava como símbolo da italianidade fora da península, como destacado por Biavaschi (2008):

O processo de construção simbólica em torno da italianidade, ocorrido no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, sustentou-se na ideologia positivista e no discurso de valorização exaustiva do imigrante e seus descendentes. Além disso, a criação de símbolos de representação da italianidade pode ser observada, por exemplo, na idealização da figura de Giuseppe Garibaldi, como o general unificador que passaria a servir como símbolo para a formação da coletividade imigrante.<sup>147</sup>

Todavia, até aqui, se faz perceptível que, tanto o interesse ideológico scalabriniano, quanto o sentimento de pertencimento italiano se fizeram necessários na articulação jornalística desenvolvida pelo *Il Corriere d'Italia*. Porém, não é possível desconsiderar os estímulos provenientes do campo de batalha, podendo ser eles positivos ou negativos na autoestima dos membros das populações coloniais.

Sobre os efeitos da derrota italiana na Guerra da Abissínia (1896), não é possível inferir como esta seria retratada pelo *Il Corriere d'Italia*, visto que o mesmo ainda não estava em circulação no período dos confrontos. Porém, a partir do que foi desenvolvido por Alexandre

<sup>145</sup> BERLIN, Isaiah. **Estudos sobre a Humanidade**: Uma antologia de Ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 595.

<sup>146</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto: 2014, p. 60.

<sup>147</sup> BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. **Relações de poder coronelistas na região colonial italiana do Rio Grande do Sul durante o período borgista (1903-1928)**. Porto Alegre: Tese de Doutorado em História, defendida na PUCRS, 2008, p. 56.

Kohlrausch Marques em sua dissertação “A Questão Ítalo-Abissínia”, acredita-se que os péssimos resultados encontrados em campo de batalha<sup>148</sup>, contra uma nação considerada incivilizada<sup>149</sup>, foram muito negativos para as populações italianas e seus dirigentes, que trabalhavam na construção de uma identidade superior para a nascente nação, fator que acabou diminuindo, exponencialmente, o apoio ao governo de Francesco Crispi, como demonstrado por Marques (2008):

A derrota italiana em Adwa tornou-se então a vergonha nacional da península. Manifestações de oposição ao governo Crispi explodiram em Roma, Milão e outras cidades. Em 5 de março, Crispi anunciou ao parlamento a demissão de seu governo. Muito mais que o estopim de uma crise política, a derrota para os exércitos abexis colocava em xeque as convicções de superioridade branca europeia e destruiu o sonho do império italiano na África Oriental, restando as pobres colônias na Somália e na Eritreia.<sup>150</sup>

Em sua contraparte, as vitórias na Guerra Ítalo-Turca (1911 – 1912), e a conseqüente anexação da Tripolitânia da Líbia e das ilhas do mar Egeu, tiveram efeito contrário, levando a população dos maiores centros urbanos e colônias a comemorar a vitória com festividades e edificações.

A mídia foi vital neste processo, como no caso do *Il Corriere d'Italia*, que enfatizou a ampliação da influência italiana no cenário europeu, graças ao fortalecimento de sua presença no território africano, imitando seus pares que já possuíam vastas regiões do continente desde o século XIX. Além disso, a conquista na guerra também melhorou as condições econômicas do Estado, que passou a expandir as suas exportações de capitais até os Balcãs<sup>151</sup>.

A partir destes três pareceres, pode-se destacar que tanto o sentimento de pertencimento italiano no seio popular, quanto as vitórias na Grande Guerra e os interesses scalabrinianos foram vitais no processo que deu forma ao *Il Corriere d'Italia*. Obviamente, estes não foram os únicos fatores que o levaram a desenvolver este estilo jornalístico, que mesclava nacionalismo e religião, porém pode-se destacar que eles formaram algumas de suas bases principais, direcionando-o a se tornar um dos principais semanários católicos locais em um curto espaço de tempo.

<sup>148</sup> Principalmente na batalha de Ádowa.

<sup>149</sup> MARQUES, Alexandre. “A Questão ítalo-abissínia”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p.34.

<sup>150</sup> Ibid. p. 37.

<sup>151</sup> VALDUGA, Gustavo. “Paz, Itália, Jesus”: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 87.

### 1.3.4 A Grande Guerra: Impressões e articulações na serra gaúcha.

Em julho de 1914, o mundo tremeu graças a uma crise com poucos precedentes para o período. Após alguns acidentes diplomáticos, diversas potências centrais se viam declarando guerras umas contra as outras e tratados de aliança acabaram levando algumas nações a estudar se deviam, ou não, entrar nesta guerra de proporções magnânimas. Neste contexto, a Itália acabou adotando a neutralidade<sup>152</sup>, apesar de fazer parte da chamada Tríplice Aliança.

Durante este período, que foi do início das hostilidades até a entrada oficial da Itália no confronto, o *Il Corriere d'Italia* manteve uma postura de análise, tanto dos eventos que marcaram o confronto, como dos motivos que levaram a nação italiana a manter seu posicionamento passivo perante a guerra. Tal posição, geralmente era explicada como uma tática que visava preparar o Estado para os problemas existentes no futuro, visto que a Itália, pela sua grandeza e terna coragem, não teria como evitar o conflito por muito tempo, ao mesmo tempo em que a nação não possuía motivos claros para se embrenhar na guerra no tempo presente.

Além disso, a edição de 04 de setembro de 1914 também destaca o alinhamento entre o povo italiano e os seus governantes, evidenciando como a sociedade apreciava as decisões das lideranças italianas neste ínterim de apreensão, assegurando que esta relação demonstrava os desígnios de Deus:

(...) O povo italiano está em perfeito acordo com os seus governantes e se as condições atuais mudarem o status atual da neutralidade, levando-nos ao estado de guerra, iremos ao campo de batalha com toda a abnegação, cujo valor não se mostrou dubio recentemente. Por hora, com armas ao pé, aguardamos vigilantes, calmos e confiantes (...)<sup>153</sup>

Visando encerrar as explicações sobre a neutralidade italiana na Grande Guerra, o *Il Corriere d'Italia*, dedicou um importante espaço na edição de 11 de setembro de 1914. Nesta produção, intitulada “O porquê da neutralidade”, o jornal reiterou os motivos já trabalhados anteriormente, que qualificavam a posição do Estado, apesar dos acordos firmados previamente com o império Alemão e Austro-húngaro, além de indicar a reportagem de outro seminário, este produzido na Itália, para que os leitores de Bento Gonçalves pudessem ter plena certeza

<sup>152</sup> BERTONHA, João. *Os Italianos*. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 164.

<sup>153</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 set. de 1914.

das boas intenções desencadeadas pelo governo italiano perante a sua articulação na Grande Guerra:

Várias vezes na nossa semana tivemos a oportunidade de explicar aos amigos, as razões pelas quais o nosso país mantém sua neutralidade neste conflito europeu, mesmo persistindo a sua aliança com outras duas nações. Até agora, até mesmo os mais surdos aparentam ter compreendido as razões para esta neutralidade. Apesar disso, pode ser interessante ler as informações presentes no "Corriere della Serra", de Milão, que possui um artigo sobre isso e se mostra competente sobre este propósito. Com isso, nossos leitores vão ver que as nossas posições estão em perfeita harmonia com os dos governantes e do povo do "Bel paese".<sup>154</sup>

Nos primeiros meses de 1915, a diplomacia italiana já acenava possíveis mudanças posturais, principalmente após o tratado de Londres de 26 de abril de 1915, visto que, a partir dele, a Itália passava a assumir compromissos com a tríplice entente e se desvinculava da tríplice aliança. Esta situação se consolidou em menos de 30 dias, com a entrada da Itália na Grande Guerra.

Tal movimentação teve repercussão tardia no *Il Corriere d'Italia*, sendo noticiada apenas na edição de 04 de junho de 1915. Antes disso, o semanário mantinha suas publicações sobre a guerra, demonstrando os pareceres da Igreja perante o conflito e a situação da armada italiana, que aguardava utilização pelo seu Estado Maior<sup>155</sup>.

Para noticiar a participação italiana no conflito, o *Il Corriere d'Italia*, desenvolveu a série denominada "Guerra de Reinvidicação", que perdurou de 04 de junho de 1915 até 19 de novembro do mesmo ano, possuindo outras nomenclaturas nos demais períodos da Grande Guerra. Este tipo de coluna, desenvolvida para os tempos de guerra, não foi uma exclusividade deste jornal de Bento Gonçalves, existindo articulações semelhantes tanto em jornais da região, como em outras publicações espalhadas pelo Brasil, que possuíam o interesse de relatar os passos da Itália e de seus exércitos no confronto mundial. Entre estes, talvez o mais significativo tenha sido o *Fanfulla* de São Paulo, jornal com altíssima tiragem para a época e que estimulou, quase cotidianamente, as atividades filantrópicas dos comitês italianos. Este, apresentava frequentemente artigos que enfatizavam a honra dos "nossos reservistas", as provas de coragem dos falecidos que lutaram para um grande ideal, os gestos heróicos e a dedicação quase sagrada à pátria.<sup>156</sup>

<sup>154</sup> *Il Corriere d'Italia*, 11 set. de 1914.

<sup>155</sup> *Il Corriere d'Italia*, 28 mai. de 1915.

<sup>156</sup> DE RUGGIERO, Antonio. "Ouro e Sangue pela pátria": a contribuição dos ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: DE RUGGIERO, Antonio. **Vivências da Primeira Guerra Mundial**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015, p. 95.

Na primeira unidade do “Guerra de Reinvidicação”, o jornal scalabriniano não dedicou um espaço excepcional para tratar da guerra, algo que só ganhou forma na edição subsequente, onde, com duas páginas dedicadas apenas para trabalhar as tratativas da guerra, o *Il Corriere d’Italia* demonstrava que outros assuntos, como os alusivos à situação regional, não teriam a mesma relevância como em outrora.

Neste primeiro trecho, foram noticiadas as conquistas italianas nas primeiras batalhas contra as forças austríacas, que possibilitaram a ocupação de boa parte da região trentina. Essa demonstração de força militar, foi contada de forma romantizada, do mesmo modo que a coluna “Poetas da Pátria” havia sido escrita<sup>157</sup>. Nela, se comemorou a anexação de uma região com significativa população italiana, fato que, para a diretoria do *Il Corriere de Italia*, tornava a nação ainda mais coesa e poderosa. Logo, para a visão dos editores do jornal, a guerra se fundamentava aos poucos e a recuperação dos territórios itálicos conferia sentido às mortes no campo de batalha.

Além disso, se buscava trazer outra mensagem aos leitores por meio do jornal, pelo menos nesses primeiros momentos de participação direta da Itália na guerra, a de que as vitórias seriam fáceis e as regiões conquistadas de modo natural, visto a superioridade do povo e da armada italiana, conferindo o sentimento de euforia nacionalista aos leitores da publicação.

Como afirmado anteriormente, muito deste sentimento já era existente e claramente perceptível nas produções scalabrinianas e, muitas vezes, o público leitor demonstrava o quanto se sentia pertencente à nação italiana. Todavia, as publicações jornalísticas e a própria guerra, pareceram aflorar ainda mais a ânsia nacionalista, levando grupos de populares a efetuarem dois movimentos distintos, porém com algumas particularidades em comum, um noticiado no dia 25 de junho de 1915 e outro em 09 de julho do mesmo ano.

O primeiro constatava o encaminhamento da terceira expedição de reservistas, composto por italianos, pelo menos conforme o editorial, para lutar nos fronts da Itália, saindo da cidade de Porto Alegre. Já o segundo, foi promovido por membros da elite<sup>158</sup> de Bento Gonçalves, que criaram o comitê pró-pátria, instituição que possuía a intenção de defender os interesses italianos na região colonial e de organizar a obtenção de recursos para os combatentes feridos em combate e para os seus familiares, assemelhando-se a outros que foram promovidos em demais localidades com forte presença italiana ou em suas adjacências, destacando-se os

---

<sup>157</sup> *Il Corriere d’Italia*, 11 jun. de 1915.

<sup>158</sup> Na edição de 09 de julho de 1915, foram efetuadas eleições para o comitê pró-pátria, sendo eleitos para presidente e vice-presidente, Giuseppe Cannavà e Ernesto Ronna, respectivamente, além de outros nomes para cargos menores, com a finalidade de se efetuar os demais segmentos da organização.

consolidados no Estado de São Paulo, principalmente o da capital paulista e de outros grandes centros gaúchos, como Caxias do Sul, Santa Maria e Pelotas<sup>159</sup>:

A terceira expedição de reservistas italianos.

Hoje ocorreu a partida do terceiro grupo de italianos, que vão entusiasmados para a guerra, combatendo pela justiça e reivindicando os direitos nacionais. Todos os colonos na capital repetiram a saudação patriótica aos bons reservistas, conscientes do dever sagrado que possuem.<sup>160</sup>

Os membros da comissão vão começar esta semana uma viagem de caridade para pegar todo o generoso dinheiro e os itens que serão leiloados no Leilão programado. Ninguém deve se afastar deste trabalho humanitário, que tem por objetivo sustentar as famílias dos envolvidos, dos feridos, e dos mortos na guerra atual, aliviar, com isso, tanta dor. Nosso jornal é posto à disposição do comitê para colocar a lista de ofertas e dos proponentes a doar.<sup>161</sup>

Sobre as movimentações articuladas por imigrantes e descendentes em solo brasileiro, é interessante destacar o que foi verbalizado pelo jornalista italiano Alfredo Cusano em sua obra *Il Brasile, gli italiani e la Guerra*. Nela, o profissional salientou o entusiasmo perante a guerra entre os italianos presentes em centros paulistas<sup>162</sup>, o que, em síntese, não deveria divergir com o que estaria ocorrendo em localidades habitadas por conterrâneos no sul do país, tendo em vista a similaridade entre o que foi descrito no *Il Corriere d'Italia* e outros jornais locais, com as produções de jornais paulistas, como, por exemplo o *Fanfulla*<sup>163</sup>, considerado por Pantaleone Sergi, um “baluarte”<sup>164</sup> da italianidade em solo brasileiro. Todavia, é importante ressaltar que este entusiasmo não cativou todos os imigrantes e descendentes, devido a existência de grupos contrários à guerra ou revoltados com a solicitação do Estado italiano para que filhos de imigrantes se alistassem no exército que lutava nos frentes espalhados na Europa<sup>165</sup>.

<sup>159</sup> DE RUGGIERO, Antonio. “Ouro e Sangue pela pátria”: a contribuição dos ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: DE RUGGIERO, Antonio. **Vivências da Primeira Guerra Mundial**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015, p. 90, 91 e 100.

<sup>160</sup> *Il Corriere d'Italia*, 25 jun. de 1915.

<sup>161</sup> *Il Corriere d'Italia*, 30 jul. de 1915.

<sup>162</sup> CUSANO, Alfredo. **Il Brasile, gli italiani e la guerra**. Roma/São Paulo/Buenos Aires: L'Italo-Sud-Americana, 1921, p. 147

<sup>163</sup> FRANZINA, Emilio. **Italiani del Brasile ed italo-brasiliani durante il Primo Conflitto Mondiale (1914 – 1918)**. Passo Fundo: História: Debates e Tendências, v. 5, n.1, 2004, p. 238.

<sup>164</sup> SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell’immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.63.

<sup>165</sup> VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil**. (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p. 37.

Ainda relatando o papel dos comitês Pró-Pátria, também se salienta os promovidos por mulheres no Estado de São Paulo, tendo como função, principalmente, o recolhimento de “roupas, tecidos e lençóis para o envio para além-oceano, além de medicamentos para as famílias mais pobres dos reservistas”<sup>166</sup>.

Os resultados obtidos pelos comitês, em destaque os femininos, sejam eles paulistas ou rio-grandenses<sup>167</sup>, foram agraciados pelo Estado italiano no final dos conflitos, por meio da exaltação do trabalho promovido por estes, ações que possibilitaram o recolhimento de cifras significativas aos cofres nacionais (em torno de 4 milhões de libras italianas)<sup>168</sup>.

Alguns destes comitês chegaram a investir na promoção de editoriais controlados por seus fundos, a partir do momento em que compreenderam a importância de desenvolver material impresso para defender seus posicionamentos sobre a guerra. Uma das localidades aonde este fato se comprova como verídico seria Porto Alegre, onde a organização sediada na capital gaúcha controlou, no período de guerra, o editorial denominado de *Italia*. Nele se fez, descaradamente, clara propaganda aos interesses italianos, enaltecendo tanto a pátria, como seus heróis envolvidos nas condições provocadas pela guerra, além de se combater indiretamente a “campanha de mentiras e difamações alimentadas pelos residentes alemães e austríacos”<sup>169</sup>.

Neste período de tensões étnicas afloradas, importantes lideranças de origem italiana se mobilizaram contra certas ofensas que estariam sofrendo por cidadãos de origem brasileira<sup>170</sup>, defesa que estaria ocorrendo por meio do boletim “Rebatendo Injúrias”. Este movimento, liderado por personalidades locais, como Bartolomeo Tacchini, Giuseppe Cannavà e Ernesto Ronna (entre outros), teria sido veiculado midiaticamente na contracapa da edição de 06 de agosto de 1915 do *Il Corriere d'Itália* e buscava demonstrar que as acusações desferidas ao grupo não possuiriam qualquer veracidade.

---

<sup>166</sup> DE RUGGIERO, Antonio. “Ouro e Sangue pela pátria”: a contribuição dos ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: DE RUGGIERO, Antonio. **Vivências da Primeira Guerra Mundial**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015, p. 92.

<sup>167</sup> Foram articulados diversos comitês pró-pátria, compostos e dirigidos por mulheres, existindo até mesmo imagens dos membros destes grupos na produção *Cinquentenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1872 – 1925* (v.1). Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

<sup>168</sup> CUSANO, Alfredo. **Il Brasile, gl'italiani e la guerra**. Roma/São Paulo/Buenos Aires: L'Italo-Sud-Americana, 1921, p. 158.

<sup>169</sup> *Cinquentenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1872 – 1925* (v.1). Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

<sup>170</sup> É importante citar que, apesar das especificidades do período e local aonde aconteceram este fato, situações semelhantes, que demonstraram animosidade entre imigrantes e nativos, foram reticentes, como nos casos apresentados por Bertanha, onde as tensões presentes na cidade de São Paulo chegaram a prejudicar as, até então, estáveis relações entre as nações do Brasil e da Itália (BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 59).

Todavia, este comunicado acabou ressaltando questões que foram muito além de uma contenda entre colonos em uma pequena cidade rio grandense, já que nele é perceptível a forte manutenção da italianidade entre as elites locais, visto que esta identidade é claramente defendida pelo grupo. Em segunda instância, os personagens deste imbróglia aparentam possuir um grande descontentamento com o governo brasileiro (possivelmente regional), por ele não ter efetuado qualquer medida contra os abusos que os “italianos” em Bento Gonçalves estariam sofrendo. Por fim, fica implícito a divisão entre “nós e eles” presente na publicação, aonde, em diversos momentos, os redatores envolvidos demonstraram que a vila seria habitada por italianos e brasileiros, como se as transições culturais articuladas através do tempo não tivessem alterado esse *status*, adquirido ao nascer na Itália e mantido aos demais membros da linhagem por meios consanguíneos, fato também aparente em outras cidades e comunidades, como a de Arroio Grande<sup>171</sup>:

Tendo sido frustrada a nossa expectativa de que o novo jornal local “O Estado”, na qualidade de órgão brasileiro desta região, afastasse de si qualquer solidariedade com o boletim “Rebatendo injúrias” publicado há poucos dias, embora não ignoremos que tal folhetim não merece resposta alguma, pois os responsáveis tiveram a coragem de esconder-se cuidadosamente sob o anonimato: usando uma linguagem que os autores do dito boletim mostraram não conhecer, a linguagem própria dos homens honestos e leais, tomamos a liberdade de pedir aos brasileiros honestos desta vila declararem se julgam que os italianos aqui residentes e representados pelos que a presente assinam, merecem as palavras injuriosas contínuas no boletim em questão.<sup>172</sup>

Obviamente, a percepção da Igreja Católica perante a guerra não poderia deixar de ser ressaltada pelo *Il Corriere d'Italia*, tendo a sua primeira publicação<sup>173</sup> datada de 20 de agosto de 1915. Como de costume, o jornal possuía a intenção de utilizar declarações papais para reafirmar a razão da Itália perante a Áustria, vista como a principal inimiga da pátria pelos colonos italianos de Bento Gonçalves, tanto pelas questões fronteiriças na Europa<sup>174</sup>, como pelas rivalidades étnicas presentes no contexto colonial.

Nesta declaração, o Papa indicou um desconforto em aceitar as ações do imperador austro-húngaro, que teria convulsionado as relações internacionais na Europa central, além de permitir o massacre de inocentes envolvidos pelas problemáticas da guerra:

<sup>171</sup> Segundo Vendrame “localizada a pouca distância do município de Santa Maria e próximo aos outros núcleos de colonização italiana” (VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil**. (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p. 24).

<sup>172</sup> *Il Corriere d'Italia*, 06 ago. de 1915.

<sup>173</sup> Após o início da participação italiana nos confrontos.

<sup>174</sup> Diversas regiões sob o controle austríaco eram reivindicadas pela Itália, como Trentino, Trieste e Alto Édige

Eu disse a ele - disse o Papa - que eu me recusei a benzer o imperador e, na verdade, eu deveria amaldiçoar quem tinha sido o responsável por fazer esta enorme bagunça. Minha bênção, não pode ir para as pobres crianças que, obrigadas pelo dever, vão ser massacradas, mas, para as pessoas que as lhes enviaram a este fim, encaminho toda a minha reprovação!<sup>175</sup>

Dando prosseguimento à reportagem, pode-se perceber uma problemática na retórica papal, quer era a de criticar negativamente a Áustria, uma nação com grande população cristã e que afirmava defender os valores do cristianismo. Sobre isso, o papa teria condenado as incoerências entre os valores e as ações austríacas, afirmando que o catolicismo deste Estado não seria real, se configurando apenas como um subterfúgio quando sua aplicação fosse vantajosa à nação:

Não, Áustria, nação católica, tu tens dado um triste espetáculo. Os governantes vêm demonstrando que têm um conceito pagão da Igreja Católica e não cristão, usando-a apenas como uma força moral, quando isso é vantajoso e, em seguida, o desconsidera quando se deve exercer seu trabalho de paz e amor.<sup>176</sup>

Todavia, existe um fato importante que deve ser ressaltado sobre esta opinião. Ela não teria sido desenvolvida pelo arcebispo de Roma em exercício, Bento XV, mas pelo seu antecessor, Pio X, falecido um ano antes da edição em questão ter sido desenvolvida. O fato deste papa não estar mais vivo e, conseqüentemente, não promover suas funções, foi relatada pelo semanário no final da publicação. Porém, estas nuances temporais aparentemente não possuíram grande interferência quanto a visão da Santa Sé, que permaneceria afirmando as mesmas coisas, pelo menos segundo o ponto de vista do editorial do *Il Corriere d'Italia*.

Obviamente, poderiam existir divergências entre os papas e as noções sobre o papel da Áustria no conflito poderiam ter sido alteradas ao longo do tempo, porém essas possíveis mudanças não eram interessantes para o semanário bento gonçalvense, que buscava, por todos os meios, o apoio da opinião pública perante sua causa nacionalista.

Alguns membros deste círculo comunitário, possivelmente inteirados das informações provenientes do velho mundo por meio da imprensa, acabaram por participar mais ativamente do confronto a partir do alistamento ao exército italiano. Sobre estes processos, poucos materiais se encontram tão bem redigidos como os de Olyntho Sanmartin, itálo-gaúcho, que, em 1955, deixou em sua obra autobiográfica, *Escola da Morte*, relatos sobre sua experiência na Grande Guerra, momento que teria sido marcado por períodos de entusiasmo, ao integrar as

---

<sup>175</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 ago. de 1915.

<sup>176</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 ago. de 1915.

forças de combate e o posterior arrependimento por ter se colocado em uma situação tão delicada e, em certos momentos, incompreensível<sup>177</sup>.

É interessante perceber também, ainda na obra de Sanmartin, que para muitos dos voluntários, o ardor nacionalista era muito mais presente na hora de levar os indivíduos a se alistarem ao exército, mas que dificilmente esta sensação perdurava no período dos combates<sup>178</sup>, fato que possivelmente possui relação com as deserções, posteriormente noticiadas pelo *Il Corriere d'Italia*.

Com o fim de 1915, o *Il Corriere d'Italia* inicia o novo ano bombardeando seus leitores com muitas publicações do Estado Maior Italiano, que perduraram por todo o mês de janeiro de 1916. Os comunicados visavam informar os cidadãos da colônia sobre a participação italiana na guerra e sobre a situação política e econômica do Estado. No decorrer de todo este ano, mais mensagens emocionadas foram desenvolvidas, sempre com uma retórica de paixão nacionalista.

Quebrando a retórica das notícias até então construídas pelo *Il Corriere d'Italia*, a edição de 20 de abril de 1917, buscou falar sobre os casos de deserções para a causa italiana na guerra. Porém, diferente do esperado, onde o recado seria encaminhado aos homens do fronte de guerra ou de novos voluntários para esta tarefa, o semanário direcionou seu apelo aos grandes detentores de capital na serra gaúcha, que deveriam dispor de um volume maior de dinheiro ao Estado italiano.

Não deserte!

O convite é dirigido ao rico, aqueles que possuem capital. Para aqueles, também, que possuem poupança ainda que laboriosamente acumulada, para cada um dele que não se sentem obrigados a subscrever empréstimo a Receita Nacional, o empréstimo da vitória e da paz, este, é um desertor.<sup>179</sup>

A mensagem busca alcançar o seu objetivo de maneira sutil, que se articula por meio da ampliação da verba aos esforços de guerra, sem que a elite financeira da colônia se sentisse discriminada pelo jornal. Ao mesmo tempo que faz este pedido, o *Il Corriere d'Italia* não deixa claro se os capitais fornecidos por este grupo social se mostravam ineficientes, até aquele momento, fato que justificaria a publicação.

<sup>177</sup> SANMARTIN, Olyntho. **Escola da Morte**. Porto Alegre: Globo. 1957, p 11.

<sup>178</sup> Ibid, p 36.

<sup>179</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 abr. de 1917.

No segundo parágrafo da coluna, o editorial se utiliza de um mecanismo eficiente para o convencimento da comunidade, ao demonstrar que o fornecimento de dinheiro para a manutenção da Itália na guerra era tão importante quanto o de ser soldado nos campos de batalha, injetando adrenalina em uma função burocrática do confronto. Além disso, também trabalha a contrapartida de não participar efetivamente da guerra, um sinônimo de traição da pátria e um comportamento irrepreensível por parte de um italiano de verdade.

Temos de convencer todos sobre esta verdade: que, do mesmo modo que o soldado defende a pátria segurando um rifle, o cidadão em que a Pátria pede dinheiro para fabricar o rifle têm o dever moral de não virar as costas para ela neste convite.<sup>180</sup>

No fim desta produção, o autor da coluna propôs uma análise imaginativa da situação, ao contar a história de uma pessoa preocupada com o futuro da Itália e do sofrimento das crianças que, ao não ter nem dinheiro ou seu pai, sofria com a falta de caridade alheia. Para solucionar a problemática, a notícia apelava novamente para a caridade, propondo que os leitores pensassem em como seria a Itália após estas doações, como funcionariam o comércio e a indústria, outra vez pujantes graças às riquezas dos contribuintes, como agiriam os soldados, agora que possuiriam fardas e armamentos mais eficientes e, claro, como seria a alegria das famílias, que estariam novamente reunidas, graças a paz e a harmonia alcançados nos campos de batalha.

Nas edições subsequentes, o *Il Corriere d'Italia* demonstrou que a notícia publicada proporcionou frutos, visto a ampliação da contribuição financeira aos esforços italianos, em um momento da guerra em que a nação e os seus soldados já demonstravam certo desgaste. Tal fato desconstruiu a utopia de uma guerra rápida, com vitória garantida, visto que, após dois anos de incessantes combates, poucos poderiam afirmar que os esforços empregados eram diminutos. Para manter a moral alta ante estas perspectivas tenebrosas, o semanário bento gonçalves desenvolveu notícias sobre o bi aniversário da participação italiana na Primeira Guerra Mundial em 26 de maio de 1917.

Na coluna principal, denominada “*II° anniversario della nostra guerra*”, o jornal inicia a notícia com uma informação que, aparentemente, já era compreendida pelo público leitor, de que a Itália não havia ampliado muito o seu território desde o início dos confrontos, fator que poderia demonstrar diversas coisas, desde as fragilidades econômicas e militares da nação, até o fracasso político evidenciado pelo envolvimento em uma guerra que não trouxe os frutos esperados até o presente momento. Todavia, o *Il Corriere d'Italia*, trabalha respostas para a

---

<sup>180</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 abr. de 1917.

problemática em questão no mesmo momento em que demonstra a sua existência, ao declarar que, apesar das conquistas serem menores do que popularmente se esperava, tais localidades possuíam importância ímpar para a nação, visto a sua história, riqueza e população italiana presente no território.

No meio da coluna, o autor passa a demonstrar o valor da presença italiana para os seus aliados no fronte, ao destacar que, antes da entrada da nação na guerra, a Alemanha e a Áustria estariam vencendo os principais confrontos e, conseqüentemente, colocando a entente em uma posição desfavorável.

Por fim, o jornal se dedica em apresentar aos leitores o panorama da guerra naquele momento, destacando uma realidade favorável para ingleses, franceses e italianos, que estariam reposicionando suas tropas para coloca-las em uma condição mais ofensiva. Esta nova situação possibilitaria que a Itália e seus aliados desferissem os últimos golpes e se direcionassem ao fim dos confrontos que, segundo o jornal, poderiam ser concluídos ainda no decorrer daquele ano.

Com isso e como demonstrado na edição de 13 de julho de 1917, o *Il Corriere d'Italia* visava reforçar a relevância de manter a nação na guerra, visto que ela estaria em sua fase terminal e possuiria um desfecho satisfatório, possibilitando a manutenção da Itália dentro do *hall* das grandes nações da Europa, nutrida por suas conquistas que, como dito anteriormente, ainda eram pequenas em suas dimensões, mas muito significativas, simbólica e socialmente<sup>181</sup>, para o fortalecimento do país.

### **1.3.5 Conflitos étnicos: As rivalidades entre o *Il Corriere d'Italia* e o *Il Colono Italiano*.**

A guerra, em diversos momentos e localidades, remonta a conflitos que vão muito além das esferas bélicas entre duas ou diversas nações, levando setores da sociedade civil a desenvolverem processos ou objetos que defendam as suas causas. Esta situação é perceptível nas ações desencadeadas por setores da indústria cultural, que desenvolvem filmes, peças teatrais e colunas jornalísticas, com a intenção de difundir as posições dos editoriais referentes aos assuntos de interesse das massas.

Sobre esta interferência de setores desvinculados aos segmentos militares no posicionamento de comunidades perante a guerra, já foram citadas algumas reportagens

---

<sup>181</sup> Pela aglutinação das populações italianas sob uma mesma governança, segundo a edição de 26 de maio de 1917 do *Il Corriere d'Italia*.

desenvolvidas pelo *Il Corriere d'Italia*, que possuía a intenção de construir uma imagem positiva da Itália para as comunidades imigrantes presentes na serra gaúcha, como se a nação estivesse certa em confrontar os países pertencentes à tríplice aliança.

Neste movimento ideológico, as rivalidades entre países também ganharam forma nas relações inter-étnicas existentes entre os membros das colônias serranas, possuindo grande visibilidade após as reportagens do *Il Corriere d'Italia* contra o jornal étnico *Il Colono Italiano*, da cidade de Garibaldi.

Na primeira delas, presente na edição de 18 de setembro de 1914, anterior a própria entrada italiana na Grande Guerra, o *Il Corriere d'Italia* inicia seu texto questionando a identidade do semanário garibaldiano, alegando que sua nomenclatura, que aparentaria a defesa dos interesses da pátria e dos seus imigrantes, deveria ser reformulada, sendo transposta por algo em favor a Austrália, tornando mais clara a sua vocação jornalística, pelo menos segundo o jornal de Bento Gonçalves.

Nós nos perguntamos: É lícito o semanário que é publicado na Villa Garibaldi, persistir enganados os nossos compatriotas, com o título "Colono italiano"? Não, absolutamente não.

Porque se o chamado "Colono Italiano", que anda publicando material apoiando o Agente imperial da Áustria Hungria, Don Giovanni Fron, fosse chamado de "Colono Austriaco" não haveria nada surpreendente a dizer. Claro, cada um é livre de pensar como quiser, dependendo das inclinações naturais dos fatos e estudos de ambiente no qual ele nasceu e cresceu. No nosso caso, então ele iria responder plenamente ao princípio da sinceridade e honestidade, digno de admiração e louvor.<sup>182</sup>

Este elemento de engano, proveniente de utilização de terminologias com a alcunha italiana, mas sem corresponder às expectativas de trabalhar em favor da causa da Itália, foram novamente ressaltadas na edição de 02 de outubro de 1914, na qual as explicações desenvolvidas pelo *Il Colono Italiano* para as acusações do *Il Corriere d'Italia* foram desconsideradas pelo semanário de Bento Gonçalves.

Católico e brasileiro-rio-grandense em língua italiana para quem fala e entende o idioma e se interessa pela prosperidade, progresso e bem-estar moral e material daquela parte do glorioso Estado do Rio Grande do Sul que é habitado pela boa, laboriosa e industriosa gente falante da língua italiana, seja ela nascida aqui ou vinda da Itália, Trentino, Trieste ou de qualquer outra parte da Europa ou do mundo.<sup>183</sup>

Já o *Il Corriere d'Italia* respondia:

<sup>182</sup> *Il Corriere d'Italia*, 18 set. de 1914.

<sup>183</sup> *Il Colono Italiano*, 24 set. de 1914.

Querem fazer crer, ao falar e escrever para aqueles que entendem italiano, que ignorem o etnológico significado destas palavras: "Colônia italiana" "Colono italiano". Por favor senhores, elas significam unicamente: Colono, Colono da Itália (...). Porém você sabe muito bem disso, raposa austríaca, mas você tentou adulterar o significado destas palavras.<sup>184</sup>

Dando prosseguimento à reportagem de 18 de setembro de 1914, o *Il Corriere d'Italia* questiona os interesses austríacos na região de Trento, posse italiana, indicando que este movimento buscaria a desestabilização da região. Tal fato, segundo o jornal de Bento Gonçalves, deveria remeter a uma crítica generalizada à nação austríaca por parte de todos os jornais étnicos italianos, algo que não teria sido visto pelo *Il Colono Italiano*, que teria defendido as práticas austríacas, evidenciando sua falta de compromisso com a Itália e o seu interesse em enganar seus imigrantes.

Como normalmente publicado pelos scalabrinianos, esta articulação pró-Austria não lograria sucesso, graças ao forte nacionalismo dos imigrantes italianos, que estariam, naturalmente, contrários às ações austríacas, se estas contrastassem com as italianas, principalmente no afloramento deste contexto de guerra em 1915<sup>185</sup>.

Este enredo nacionalista seria novamente enfatizado em dois outros momentos desta publicação. No primeiro, como em outras oportunidades na década de 1910, a defesa da Itália e do Brasil estariam em pauta para os scalabrinianos, mas, como de costume, a questão italiana teve certa preponderância.

E é por isso que nós sentimos o dever de falar em nome de todos os italianos que honram a primeira e segunda pátria, a Itália e o Brasil, com seus trabalhos, e protestar contra as insinuações insidiosas e mentiras que ponham em causa o seu idealismo e suas esperanças. É por isso que nos sentimos prontos para reagir de qualquer forma, sempre que esta publicação ultrajar o nosso país, nossa caríssima Itália.<sup>186</sup>

Em segunda instância, o jornal trabalhou um discurso semelhante ao de Johann Fichte em "Discursos a Nação Alemã", que evidencia um alinhamento entre o fator biológico e o sentimento nacionalista, como se fosse impossível um grupo abdicar dos seus valores patrióticos, evidenciados por meio da raça e da língua<sup>187</sup>, com o intuito de adotar uma nova nacionalidade. Exemplificando esta maneira de pensar, o *Il Corriere d'Italia* condenou a ação

<sup>184</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 out. de 1914.

<sup>185</sup> VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil**. (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p. 37.

<sup>186</sup> *Il Corriere d'Italia*, 18 set. de 1914.

<sup>187</sup> FICHTE, Johann. **Discursos à Nação Alemã**. Lisboa: Circulo de Leitores / Temas e debates. 2009, p. 97 – 99.

dos filo-austriacos que reivindicavam o fim do controle italiano na região de Trento, apesar de compreender que este posicionamento era natural para estes indivíduos.

Que se mova para a desgraça a ação de alguns renegados, mais merecedores de pena do que de desprezo, sendo nauseante ver que, mesmo educados e inteligentes, estes não se submetem aos nossos valores, simplesmente com base no caso, natural, imutável e étnicos das razões biológicas.<sup>188</sup>

Por fim, dentro desta primeira reportagem com enfoque nas críticas ao *Il Colono Italiano*, os scalabrinianos remontaram a contínua dualidade entre pátria e religião, trazendo também novos elementos necessários ao contexto de crítica à Áustria, como a questão latina em contraponto ao elemento germânico e o sentimento unitário em negação aos movimentos separatistas, que poderiam desmembrar o território trentino, controlado a um curto período de tempo pela Itália.

Repetimos em voz alta, o Trentino continua a viver conosco em uma grande unidade e não poderia ser diferente, porque contra decretos políticos está a força de nossa história, a infinita durabilidade dos nossos costumes latinos e o vigor da fé.<sup>189</sup>

Como destacado anteriormente, uma nova reportagem sobre o “problema austríaco” presente no *Il Colono Italiano*, só seria novamente salientado duas edições depois<sup>190</sup>, falha de tempo necessária para que a réplica de Garibaldi pudesse ser publicada e rebatida pelo *Il Corriere d'Italia*. Esta resposta, longe de solucionar as desavenças de opinião dos dois semanários, só agravou o impasse, visto que os redatores scalabrinianos não se convenceram dos pareceres pró-Itália defendidos pelo *Il Colono Italiano*, além da ampliação do desconforto entre os dois jornais, devido as críticas garibaldianas referentes ao secterismo que seria promovido pelos carlistas entre os colonos da região<sup>191</sup>, separados pelo jornal a partir de suas especificidades étnicas, religiosas e culturais.

Além disso, novos conteúdos foram acrescentados aos anteriormente abordados, entre elas o fundamento histórico e a cristalização da identidade por meio das instituições coloniais.

Quanto ao fundamento histórico, sua utilização buscou reforçar os dogmas apresentados nas questões nacionalistas, identificando elementos que trouxessem glória à nação defendida, remetendo-a às pessoas que, com suas obras e ações, deixaram legados ímpares para a

---

<sup>188</sup> *Il Corriere d'Italia*, 18 set. de 1914.

<sup>189</sup> *Il Corriere d'Italia*, 18 set. de 1914.

<sup>190</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 out. de 1914.

<sup>191</sup> *Il Colono Italiano*, 24 set. de 1914.

humanidade. Sobre esta questão, vários personagens já foram citados nesta unidade e em outros momentos desta dissertação, como Cristovão Colombo, Leonardo Da Vinci ou Dante Alighieri.

Os nomes destas personalidades italianas se tornaram elementos identitários, tanto dos imigrantes que se dispersaram pelo globo durante os movimentos migratórios do século XIX e XX, como dos indivíduos que permaneceram na Itália.

Estas designações geralmente eram empregadas no processo de nomeação de instituições que buscavam dar suporte aos imigrantes, como a Dante Alighieri, organização que, em seu estatuto erigido em 1893, destacava o interesse em “tutelar e difundir a língua e a cultura italiana no mundo, mantendo em todos os lugares elevado senso de italianidade, reavivando as ligações espirituais dos compatriotas no exterior com a pátria mãe e alimentando entre os estrangeiros o amor e o culto à civilização italiana”.

Em defesa destas e outras instituições, o *Il Corriere d'Italia* constantemente desenvolvia reportagens divulgando suas ações e se posicionando de maneira contrária aos veículos que se mostrassem anti-italianos, como no caso abordado, o *Il Colono Italiano*.

Finalizando a reportagem de 02 de outubro de 1914, o *Il Corriere d'Italia* buscou concluir a discussão com o semanário garibaldiano, sendimentando a preferência dos leitores por sua publicação e, deste modo, se colocando como o legítimo veículo de informação referente a assuntos vinculados à Itália, visto a sua integridade e responsabilidade com a questão italiana, algo que não seria perceptível nas reportagens do *Il Colono Italiano*, apesar deste semanário divulgar cartas de leitores que defendessem a relevância do jornal para a causa italiana e a ética do seu produtor.

Podem seguir a sua linha de conduta "Colono Austriaco" se é isso que você acredita ser honesto. Nós seguiremos os nossos valores, buscando a valorização e o afeto de nossos amigos e leitores. Aprovação e carinho de todos que utilizam direito à palavra italiano, significando-a como algo grandioso e sublime, (...) todos filhos da Itália, em uma sensação única de fé para o belo destino de nosso país.<sup>192</sup>

E duas semanas depois:

Sabemos, antes de tudo, que a Vossa Reverência trabalha há mais de um decênio em prol dos italianos vindos a esta terra. Fronchetti foi um dos poucos sacerdotes que exerceu aqui o ministério nos anos mais difíceis, quando as colônias eram novas e pobres, quando havia ainda tudo por fazer, no tempo em que as dificuldades sacerdotais, seja pela falta de sacerdotes, seja pela falta de boas estradas, era duríssima. (...) Somos leitores do “Colono”, desde a sua fundação e esse sempre manteve seu caráter católico e patriótico italiano.<sup>193</sup>

<sup>192</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 out. de 1914.

<sup>193</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 out. de 1914.

Em virtude do que foi apresentado, pode-se destacar o interesse massivo dos veículos de informação em cooptar o público colonial, as ferramentas utilizadas pelos dois diferentes semanários étnicos e o elemento nacionalista, sempre presente, mas alinhado de diferentes maneiras segundo as particularidades dos editoriais.

Após o fim da guerra e a concretização das conquistas de Tirol e de Trentino pela nação italiana, as discussões entre as duas publicações arrifeceram e, poucos anos depois, o pivô das discussões entre o *Il Corriere d'Italia* e o *Il Colono d'Italia*, o padre de descendência austríaca, diretor João Fronchetti, acabou vendendo sua parte do jornal para a Ordem capuchinha, que em 1921 passou a gerir exclusivamente o antigo *Il Colono d'Italia*, que desde 1917 já utilizava a alcunha de *Staffetta Riograndense*.

### **1.3.6 Benito Mussolini e o socialismo em 1915: A reportagem “*Socialismo Guerrafondaio*”.**

Em 1915, as grandes nações da Europa se confrontavam, motivadas pela possível ampliação das suas colônias, mercados consumidores e, conseqüentemente, da sua influência política em escala global. Nesta guerra, homens que entrariam para a história décadas depois, também se colocavam em diferentes lados do conflito, determinados, em suas posições, a alcançar a glória para as suas nações. Entre eles, é indispensável destacar a participação de Benito Mussolini, que teria participado dos confrontos entre os anos de 1916 e 1917, chegando a ocupar a posição de cabo no exército italiano<sup>194</sup> fato registrado em sua obra *Diario Di Guerra* de 1923.

Todavia, Mussolini não se tornou conhecido pelos leitores do jornal *Il Corriere D'Italia* pelo seu heroísmo em campo de batalha, pelas suas teorias fascistas desenvolvidas posteriormente ao confronto ou pela mística desenvolvida em torno do seu nome no período em que o mesmo liderava o Estado italiano<sup>195</sup>, mas por uma longa reportagem de capa, desenvolvida em 15 de janeiro de 1915, em que foram abordadas críticas para o que viria a ser uma das figuras políticas italianas mais influentes da década seguinte.

Neste trecho significativo do jornal, intitulado em letras garrafais com os dizeres *Socialismo Guerrafondaio*, o *Il Corriere d'Italia* inicia o texto destacando uma nova

<sup>194</sup> ROWE, Harper. **Mediterranean Fascism 1919-1945**. Tradução Charles F. Delzel. 1970, p.4.

<sup>195</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945**. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 50.

turbulência no mundo socialista, desta vez ocorrida graças a saída de Benito Mussolini da direção do jornal *Avanti!* e a conseqüente reação da publicação a este movimento.

A postura do *Avanti!* foi retratada como brusca, visto que Mussolini não teria sido poupado, seja de forma escrita, ou pelas caricaturas do jornal, que retrataram seu ex-editor como uma figura odiosa, repulsiva e permeada por total desconfiança.

(...) e as injúrias se seguiam após a renúncia de Mussolini, tendo o jornal se mantido alinhado a pessoa de Costantino Lazzari: Uma série de insultos; de injúrias, de ameaças e, claro, das lamentações sobre a impossibilidade de destruir o passado e manter, por força lógica das coisas, o tempo que se mantiveram unidos.<sup>196</sup>

Tal agressividade fez com que o *Il Corriere d'Italia* trabalhasse a imagem do partido socialista italiano como algo negativo, remontando as críticas da Igreja e sua matriz ideológica, fato que já vinha ocorrendo nos últimos tempos e que ganharia ainda mais força após a Primeira Guerra Mundial.

Nestas problemáticas evidenciadas, foram destacados os embates entre as figuras centrais do movimento socialista na Itália, como se estes travassem uma guerra interna. O resultado destes confrontos, segundo o *Il Corriere d'Italia*, seria a própria destruição dos envolvidos e dos territórios onde ocorresse esta guerra, colocando em risco a estabilidade italiana.

Eles matam uns aos outros, tanto os socialistas jovens quanto os velhos, grandes e pequenos, no belo reino italiano - neste teatro da guerra interna socialista, se renova a história relatada no conto dos dois leões, que, depois de terem comido uns aos outros, abandonaram, como todos nós ensinaram, o terreno da luta feroz e as suas duas caudas arrancadas!<sup>197</sup>

Por ter demonstrado as ditas incoerências socialistas ao desmascarar aspectos indecorosos da diretoria do *Avanti!*, o *Il Corriere d'Italia* se questiona sobre a figura de Mussolini, inicialmente refletindo se ele fosse um herói ou mártir italiano. Todavia, sua herança socialista continuava sendo um problema para os editores scalabrinianos que, apesar de acreditarem que o mesmo não se configurasse como “um ladrão, um assaltante dos povos, ou promotor de massacres contra velhos e crianças”, também não o enxergavam com um ser merecedor de glórias, visto que o mesmo possuiria princípios divergentes aos da Ordem scalabriniana dos da Igreja Católica, pelo menos segundo a perspectiva do *Il Corriere d'Italia*.

<sup>196</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 jan. de 1915.

<sup>197</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 jan. de 1915.

Por conseguinte a esta análise, a reportagem foi finalizada com a afirmação de que todas as acusações feitas pelo *Avanti!* não possuiriam qualquer lógica, visto que Mussolini não seria um “traidor, nem um infiel”, ou seja, não seria uma pessoa má. Sua melhor definição, para o *Il Corriere d'Italia*, seria a de “um bobo da corte como muitos de seus companheiros e colegas”. Logo, é possível destacar certas questões sobre o que foi apresentado em 15 de janeiro de 1915.

A primeira delas é o desprezo scalabriniano quanto à causa socialista, sentimento que ia muito além da figura de Mussolini e já se fazia presente no meio da década de 1910, se tornando cada vez mais constante após 1920, onde alcançou seu auge. Estas críticas se davam, pois segundo a perspectiva do *Il Corriere d'Italia*, os princípios socialistas eram danosos às bases éticas e morais do Estado e as lideranças das instituições socialistas tendiam para o mal, demonstrando, com isso, a incompatibilidade do catolicismo com esta ideologia.

Uma segunda questão que deve ser ressaltada é a ideia de herança maldita, fator que acompanharia ex-membros de instituições socialistas mesmo que estas pessoas se desvinculassem destes segmentos.

Neste caso, Benito Mussolini pode ser citado como um exemplo clássico, visto que sua imagem permaneceria chamuscada por seu papel no *Avanti!*, até mesmo após um longo período de distância das ideias marxistas. Isto é perceptível em publicações dos anos 1920, onde, apesar de liderar o partido fascista, o *Il Corriere d'Italia* mantinha a linha de produções anteriores, mas de maneira mais incisiva, onde aquele “bobo da corte” poderia ter se tornando um homem perigoso.

Tal lógica pode ser vista na publicação de 15 de abril de 1921, edição em que o jornal scalabriniano enfatizou seu apoio à ideia respaldada pelos Fasci Italini di Combattimento (FIC), de não aceitar as “humilhações” sofridas pela Itália com o fim da Grande Guerra<sup>198</sup>, apesar de ressaltar suas dúvidas quanto as lideranças do partido, entre elas Mussolini, sem que existisse um motivo claro para este temor, a não ser o seu passado socialista.

Este panorama demonstra que as sementes de oposição ao socialismo já estão presentes de forma clara em 1915, nas páginas do *Il Corriere d'Italia*. Já o mosaico que permeia a perspectiva perante Mussolini ainda está no princípio do seu desenvolvimento, apesar de seus contornos sempre remeterem aos seus trabalhos pela causa socialista.

---

<sup>198</sup> Assunto que será trabalhado no capítulo subsequente.

## 2. TRANSFORMAÇÕES NO IL CORRIERE D'ITALIA E AS QUESTÕES POLÍTICAS ITALIANAS (DE 1918 A 1924).

### 2.1 O fim dos anos 10 e o presságio de mudanças.

Os últimos anos da década de 1910 sinalizavam grandes alterações no panorama europeu, principalmente para as pátrias que protagonizaram os eventos ocorridos ao longo de toda a Primeira Guerra Mundial, muito em virtude do caos e destruição sofrido tanto por vencidos como por vencedores no decorrer dos combates.

Entre os países envolvidos na conflagração, é interessante citar o caso da nação italiana, Estado que acabou triunfando no conflito, apesar de não ter recebido os júbilos por sua vitória, muito em virtude das poucas conquistas consolidadas no pós-guerra<sup>199</sup>. Este fato fez com que vários dos seus habitantes, como também dos inúmeros imigrantes que passaram a compor diversas populações ao redor do globo, considerassem que os aliados da Itália no conflito teriam maculado a vitória do país, fato que gerou grande desconforto em diversos segmentos sociais, além da queda de confiança dos cidadãos na classe política tradicional, composta principalmente por liberais, fato que se manteve nos anos seguintes<sup>200</sup>.

Esta Itália caótica, imersa em uma forte crise política e econômica, também foi palco de significativos embates promovidos por seguidores de novas e antigas correntes ideológicas, capitaneadas, principalmente, por fascistas e socialistas. Tais enfrentamentos convulsionaram diversas localidades da nação no pós-guerra<sup>201</sup>, criando um verdadeiro temor sobre as perspectivas futuras do Estado italiano, fatos que seriam narrados pelo jornal carlista *Il Corriere d'Italia*.

Os enredos noticiados pelo semanário, apesar de permeados por pareceres positivos sobre a força natural italiana (fato que impediria que determinados elementos mantivessem a nação nas trevas)<sup>202</sup>, mostravam, em diversos momentos, a grandeza dos problemas que abatiam o país. Tal situação de apreensão, contrastava grandemente com a alegria vivida pelo jornal em tempos anteriores, principalmente com a vinda da embaixada italiana para o Rio Grande do Sul.

---

<sup>199</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945.** Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 29.

<sup>200</sup> *Il Corriere d'Italia*, 03 nov. de 1922.

<sup>201</sup> *Il Corriere d'Italia*, 01 abr. de 1921.

<sup>202</sup>

Nesta visita, o jornal se preocupou em demonstrar o apreço que a pátria mãe teria com os imigrantes que habitavam estas terras, parecer que seria perceptível ao ser destacado que italianos e descendentes presentes na serra gaúcha e na capital não haviam sido abandonados, ou seja, que a ligação entre os peninsulares e os desgarrados da pátria havia sido mantida, graças os valores fundamentados no sangue, sendo estes muito mais poderosos que as instabilidades provocadas tanto pelas distâncias geográficas, como por questões temporais.

### **2.1.1 Itália e Serra Gaúcha: Um retrato da vinda da embaixada italiana para Bento Gonçalves e adjacências.**

Durante boa parte do primeiro cinquentenário da imigração italiana para o Rio Grande do Sul, os colonos desta etnia que se fixaram no Estado, possuíam uma grande reverência aos feitos promovidos por seus conterrâneos, sejam estes desenvolvidos na Itália ou em outras regiões que receberam ondas migratórias provenientes deste país<sup>203</sup>.

Todavia, a vinda da embaixada da Itália para Bento Gonçalves e adjacências, em agosto de 1918, possuiu um apelo ainda mais dramático para os imigrantes e descendentes residentes na serra gaúcha, fato que ficou gravado nas edições desenvolvidas pelo *Il Corriere d'Italia* durante todo este mês e em outras publicações independentes<sup>204</sup>, demonstrando o júbilo popular com a honra de receber estas autoridades, explicitando a ideia de que imigrantes fixados na serra gaúcha não haviam sido abandonados pelo governo da sua nação, tendo em vista a clara conexão entre os indivíduos que saíram da Itália e dos habitantes que permaneceram neste país.

Porém, um fato interessante, se não contraditório, dentro desta retórica de manutenção dos laços, apesar do distanciamento geográfico, é a ideia de que estas comunidades, a imigrante e a nativa italiana, pertenciam a povos diferentes, apesar de possuírem valores semelhantes. Este argumento foi salientada por diferentes membros desta entidade governamental italiana.

Sobre isso, duas questões se tornam latentes: A primeira se evidenciaria com a clara contradição presente na ideia de os italianos no Rio Grande do Sul fazerem parte do povo gaúcho, mas, ao mesmo tempo, sustentarem o discurso de serem diferentes e, muitas vezes, superiores aos brasileiros residentes nesta localidade, como se estivessem à parte desta

---

<sup>203</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 nov. de 1913.

<sup>204</sup> Como na publicação intitulada “Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul”, que buscou demonstrar o potencial econômico da região colonial italiana no Rio Grande do Sul, além de destacar a relação harmoniosa entre a comunidade local e as autoridades provenientes da Itália, os valores compartilhados entre as partes e, a consequente, manutenção da italianidade em solo gaúcho.

comunidade. Este fato foi destacado em diferentes momentos pelo *Il Corriere d'Italia*, como nas problemáticas existentes em Bento Gonçalves no decorrer de agosto de 1915<sup>205</sup>, ou em outras publicações, como no livro “Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul”<sup>206</sup>, produção patrocinada por diversas intendências<sup>207</sup> e instituições privadas gaúchas que, em incontáveis momentos, diferenciou a prosperidade encontrada nas regiões colonizadas por italianos, das cidades desenvolvidas pela mão de obra considerada brasileira:

E são exatamente essas pequenas indústrias incipientes, que em não raros casos têm chegado, em curto espaço de tempo, a transformar-se em grandes fábricas, que nos dão a melhor prova da tenacidade, do trabalho, do espírito de iniciativa que distinguem as populações que habitam a nossa chamada região colonial italiana.<sup>208</sup>

Entretanto, como destacado anteriormente, nem sempre as ditas diferenças entre brasileiros e italianos, remontavam uma conotação negativa aos primeiros, apesar desta divisão ser visível até mesmo em discursos com um viés mais diplomático:

Com a sua visita à Caxias, o embaixador veria os maravilhosos resultados obtidos com os admiráveis predicados do trabalhador italiano. E quando regressar à Itália, o embaixador e seus companheiros podem ir confiantes de que os italianos aqui, como em qualquer ponto do Brasil, ficam entregues à amizade dos brasileiros [...] O embaixador Luciani, respondendo, disse que agradecia a manifestação do povo e do governo do município, onde tão fraternalmente convivem brasileiros e italianos.<sup>209</sup>

A segunda problemática perceptível, é a falta de identidade existente nos homens que deixaram a Itália nas diversas ondas migratórias pós 1875. Estes imigrantes, como destacado por Pantaleone Sergi, são indivíduos que possuem uma compreensão tênue sobre quem eles são e a qual sociedade estão integrados, visto a situação complexa em que se encontram, em uma região com traços culturais e sociais, muitas vezes, diferentes das quais estão habituados, ao mesmo tempo que não pertencem mais a sua comunidade de origem, ou a de seus antepassados<sup>210</sup>.

Para os imigrantes italianos de primeira geração no Rio Grande do Sul, este abalo foi, sem dúvida, significativo, porém nada se compara com a realidade apresentada aos filhos destes colonos, que em muitas situações não sabiam se eram brasileiros pelo nascimento, ou italianos

<sup>205</sup> *Il Corriere d'Italia*, 06 ago. de 1915.

<sup>206</sup> Apesar de destacar os autores dos textos presentes na obra, todos eles possuíam seus nomes assinados, ao invés de datilografados, fator que dificulta a plena compreensão de quem efetuou as produções.

<sup>207</sup> Como Garibaldi e Bento Gonçalves.

<sup>208</sup> **Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. 1918, p. 06.

<sup>209</sup> **Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. 1918, p. 30, 31.

<sup>210</sup> SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell’immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.14.

pelo sangue. Esta situação poderia se agravar ainda mais com a presente retórica dos dois povos existentes na serra gaúcha, onde estes descendentes de italianos não poderiam, sem uma severa contradição, se situar em nenhum destes dois grupos. Além disso, as próprias representatividades governamentais poderiam tornar ainda mais complexas estas relações, ao não enxergarem o indivíduo da maneira que este se considera ou anseia, como pode ser visualizado no diálogo entre o descendente de italianos Antonio Lorenzoni e o embaixador da Itália Victor Luciani:

No recinto da exposição, o embaixador foi saudado, em italiano, pelo Sr. Antonio Lorenzoni, que disse que, nascido neste Estado, sentia-se feliz, por haver sido educado por seus pais pelo santo entusiasmo da sua terra natal.

Ao mesmo tempo, admirava a prática dos seus pais, tão grande na história, nas artes e nas ciências.

O colono italiano, com o eterno sorriso nos lábios, aclama a Itália, da qual guarda grata lembrança e abençoa o Brasil, terra que lhe acolheu e lhe dá o pão cotidiano.

O embaixador Luciani respondeu dizendo que lhe fora grato ouvir um brasileiro falar com tão puro sotaque a língua italiana.

Disse que era virtude das mais dignas a de guardar afeto à memória dos seus pais ao mesmo tempo que amar e a cultivar a pátria do seu nascimento.<sup>211</sup>

Neste diálogo, diversas questões foram apresentadas. Sobre elas, não se pode destacar como Antonio Lorenzoni reagiu a esta conversa, se ele possuía mais afinidade à causa brasileira ou a italiana, ou se ouviu o que estava esperando. Porém, um fato mais fácil de ser analisado é o que foi destacado pelo embaixador Victor Luciani, que enfatizou a nacionalidade deste descendente de italianos com um brasileiro que, com o tempo, aprenderia a cultivar a sua pátria de nascimento.

Esta situação pode ou não ter desconcertado o seu interlocutor, algo que não é perceptível com o fim deste diálogo, todavia, ele teria capacidade de causar severos efeitos negativos na autoestima dos imigrantes e descendentes que ainda nutrissem o parecer de fazerem parte da nação italiana, fator com um grande potencial de desmoralizar estes grupos populares residentes na serra gaúcha. Tal situação só foi trabalhada posteriormente pelo *Il Corriere d'Italia*, em um período em que Benito Mussolini visou angariar o apoio das comunidades imigrantes espalhadas pela América Latina, considerando elas compostas por cidadãos “italianos no exterior”, além de serem incentivadas à criação e ampliação dos *fasci all'estero*, dos *dopolavoro all'estero* e das *Casa d'Italia*. Estas instituições possuíam a função de ressocializar italianos residentes em outros países, com sua pátria mãe, através de

---

<sup>211</sup> **Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul.** Porto Alegre. 1918, p. 32, 33.

festividades, cultos fascistas e obras assistencialistas, disponibilizando ambulatórios, maternidades, refeitórios e colônia de férias.<sup>212</sup>

Estes movimentos articulados por Mussolini, demonstram a existência de interesse por parte dele quanto a questão da imigração, seja ela promovida na América ou em outras localidades do globo, tendo em vista sua possível utilização para o fortalecimento da causa fascista<sup>213</sup>. Este tipo de preocupação, desprendida aos imigrantes<sup>214</sup>, agradou muitos colonos ao longo do tempo, sejam eles presentes na serra gaúcha, salientado no *Il Corriere d'Italia*, como também em outras regiões da América Latina, fato ressaltado pelo jornal caxiense *Il Giornale Dell Agricoltore*, que em 1935 relatou a exaltação do *Duce* pela comunidade italiana presente em Buenos Aires<sup>215</sup>:

Mussolini enviou uma mensagem aos italianos na América Latina, convidando-os a cooperar para a grandeza da pátria. Além disso, Mussolini enviou mensagens aos italianos residentes no exterior, convidando calorosamente todos eles para se reunir mais e mais entorno da pátria italiana. Muito embora, o mandatário não pede que estes italianos coloquem fim à pátria que estão residindo.<sup>216</sup>

Porém, é importante ressaltar circunstâncias aonde Mussolini reiterou os problemas inerentes à imigração que, segundo a sua percepção nacionalista, enfraqueciam a Itália<sup>217</sup>. Apesar disso, suas movimentações, em muitos momentos, se mantiveram favoráveis aos deslocamentos, ao percebê-los como necessários, até mesmo inevitáveis, existindo, é claro, alterações nestes posicionamentos pelo partido ao longo da década de 1920<sup>218</sup>.

Também é importante destacar as movimentações promovidas pelo Partido Nacional Fascista (PNF), que visavam manter em funcionamento a política migratória vigente em tempos

<sup>212</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 59.

<sup>213</sup> BERTONHA, João Nacionalismos e Impérios: o caso da Itália fascista. In: PAREDES, Marçal (org). **Dimensões do Poder**: História, Política e Relações Internacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 97 – 114.

<sup>214</sup> Trento relata, em sua obra “Do Outro lado do atlântico”, o interesse de Mussolini no patriotismo demonstrado por italianos e descendentes no Brasil, fato que demonstra que o líder italiano, ou sua cúpula política, estavam atentos ao que se passava em terras brasileiras ou latino americanas (TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico**: Um Século da imigração italiana no Brasil. São Paulo: Studio Nobel. 1989, p. 344)., apesar desta região ser secundária segundo os interesses italianos, que voltavam suas atenções, principalmente aos movimentos dos italianos no exterior, dentro de países da bacia do mediterrâneo ou em nações mais significativas em um contexto global, como no caso dos Estados Unidos da América.

<sup>215</sup> *Il Giornale Dell Agricoltore*, 19 nov. de 1935.

<sup>216</sup> *Il Corriere d'Italia*, 17 nov. de 1922.

<sup>217</sup> Prefácio de Mussolini em *Rapporto del Commissario Generale italiano per l'emigrazione per gli anni 1924-1925*, citado em: CRESCIANI, Gianfausto. **Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945**. Roma, Bonacci, 1979, p. 11.

<sup>218</sup> BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 30-31.

anteriores, possibilitando, com isso, o fluxo de italianos para outros Estado-Nação<sup>219</sup>, apesar de muitos países restringirem o acesso de imigrantes aos seus territórios no decorrer da década de 1920<sup>220</sup>.

Retornando aos assuntos referentes à vinda da embaixada italiana para a serra gaúcha, uma reportagem inusitada acabou ocorrendo por ventura desta movimentação. No dia 16 de agosto de 1918 o *Il Corriere d'Italia* acabou destacando sua percepção sobre as diferentes festividades promovidas em nome da comitiva italiana, alegando que cada uma delas possuía certas particularidades.

A que foi desencadeada em Porto alegre foi definida como algo “grandioso e cheio de luxo”. Já em Caxias do Sul, foi desenvolvido algo “muito bem organizado e brilhante”. Porém, apenas Bento Gonçalves conseguiu articular uma ação “triumfante de coração”, um fator que demonstrou todos os aspectos da italianidade presente no sangue de seus cidadãos.

Deve-se deixar claro que em nenhum momento o jornal destacou que estas comparações fomentavam qualquer competição entre as cidades, entretanto o *Il Corriere d'Italia* aparentou favorecer sua cidade natal ao defender seu triunfo quanto a demonstração de apreço à Itália, como se dentre os imigrantes, os residentes no município fossem os seres que mais tivessem preservado as tradições e os laços com as suas origens.

Neste contexto, se destaca um claro paradoxo vivido pelos imigrantes e descendentes em Bento Gonçalves, que era querer, talvez mais do que tudo, ser italiano, mas, ao mesmo tempo, saber que nunca antes haviam sido tão brasileiros.

### **2.1.2 1918: O fim da guerra e a vitória mutilada.**

Além de ser a data da inédita vinda da embaixada italiana para a serra gaúcha, 1918 também, e principalmente, marcou o fim do maior conflito da história do ocidente, pelo menos até aquele período. Neste ano, a entente, fortalecida com tropas e recursos americanos, se via em uma posição favorável, fator comemorado pelo *Il Corriere d'Italia* que, como de costume, destacava seu ardente amor pátrio. Recitar suas declarações, como a que ocupou mais de um terço da primeira página do jornal do dia 15 de fevereiro de 1918, parece, e é, repetitivo, visto que este tipo de demonstração pública foi recorrente desde o início dos trabalhos do editorial,

---

<sup>219</sup> BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 28.

<sup>220</sup> FRANZINA, Emilio. **Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America latina (1876-1902)**. Nord est: Cierre Edizioni, 1994, p. 236 – 237.

ganhando contornos ainda mais dramáticos durante toda a participação italiana na Primeira Guerra Mundial. Porém, esta postura estava prestes a mudar.

O fim da guerra e suas consequências, acabaram por redefinir relações entre as nações, povos e comunidades. O *Il Corriere d'Italia*, apesar de se configurar como um mero instrumento incluso nesta lógica e situado a milhares de quilômetros do epicentro político italiano, foi afetado em cheio por esta e outras mudanças, remodelando, com isso, seus pensamentos e opiniões sobre o seu devoto país, seu sistema político e suas relações internacionais. Obviamente, tais transformações não ocorreram de maneira devastadora e, consequentemente, suas mudanças não foram sentidas de maneira profunda em 1918 ou ainda no final da década de 1910, se intensificando apenas no desenrolar deste processo, culminando em pareceres incomuns no fim da década de 1920, pelo menos se comparados aos tipos de colunas e reportagens que vinham sendo desenvolvidas até aqui.

Voltando a focar no desenrolar da primeira Grande Guerra Mundial, é importante citar que, apesar de se encontrar em uma situação mais confortável que em outros momentos do confronto, a manutenção da Itália neste meio gerava aflição, visto a estrutura da guerra que, por envolver muitas nações bem armadas e devotas ao modelo de trincheiras, acabava por ser lenta, custosa e com poucos resultados. Esta realidade fez com que o jornal abordasse, novamente, citações papais para demonstrar o apoio da Igreja e de Deus à causa italiana, destacando que nada poderia desgraçar o esplendoroso futuro do país:

Todos os corações dos italianos estão unidos como se fossem um só coração, clamando a Deus: Meu Deus, abençoe e salve a Itália!  
E todos juntos - de qualquer partido e de qualquer fé - pedem a Deus a força para ser invencível. [...] Fala o Papa Pio IX e diz:  
Abençoe, grande Deus, a Itália, e conserva sempre o mais precioso que é a fé!  
Abençoe-a com a bênção que encaminhou aos santos que deram a sua vida; envia a Rainha dos santos para protegê-la e os apóstolos que guardam as relíquias gloriosas.<sup>221</sup>

Entretanto, como ocorrido em edições anteriores, a fala não foi promovida pelo papa em exercício, Bento XV, mas pelo pontífice Pio IX, que liderou a Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de junho de 1846 até 7 de fevereiro de 1878. Esta utilização de citações de pontífices anteriores com o intuito de confundir o leitor carlista, já havia sido vista em outras edições do semanário bento gonçalvense, como no volume de 20 de agosto de 1915, onde as ideias de Pio IX foram utilizadas para exaltar a Itália.

---

<sup>221</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 nov. de 1918

Porém, apesar da fala de Pio IX aparentar clareza em sua declaração, é necessário destacar que tal pronunciamento pode ter sido conduzido pelos scalabrinianos segundo interesses privados, visto que o papa em questão havia afirmado, reiteradamente, ser prisioneiro dos líderes políticos italianos<sup>222</sup>.

Com isso, seu clamor a favor da causa italiana pode ter sido conduzido de forma subjetiva, tendo em vista que seria mais lógico que o mesmo estivesse se referindo apenas ao povo que habitava o referido país e não ao Estado propriamente dito. Outra possibilidade mais provável, é que o discurso reproduzido do referido papa pode ter sido articulado antes de 1870, onde as rusgas entre ele e o governo italiano acabaram se acentuando significativamente<sup>223</sup>. Este parecer é consonante com os estudos de Lacouture, que reforça a ampliação do conservadorismo da instituição<sup>224</sup>, demonstradas por suas atitudes anti-modernas<sup>225</sup>, isolacionistas e no fortalecimento das hierarquias católicas<sup>226</sup>, alterações ocorridas muito em virtude das práticas protagonizadas pelo novo governo ao longo da década de 1960, e acentuadas nos primórdios dos anos 1870.

Para se compreender melhor esta postura do jornal, é importante compreender um pouco melhor as ações do papa vigente, denominado Bento XV. Este líder católico, como o seu predecessor citado anteriormente, era italiano<sup>227</sup>, porém se encontrava em uma conjuntura sócio histórica diferente, visto que ele exercia o cargo no período da Grande Guerra, situando-se entre várias nações que compactuavam religiosamente com o catolicismo, mas que se enfrentavam no âmbito militar. Evitando alvoroços entre os Estados, a Igreja declarou neutralidade, uma ação que não favorecia claramente os interesses italianos e, conseqüentemente, não poderia ser utilizada pelo *Il Corriere d'Italia*, que, como demonstrando anteriormente, possuía uma forte pauta nacionalista.

Logo, se percebe a necessidade de utilizar argumentos promovidos por autoridades católicas para o convencimento do público leitor, que deveria apoiar a pátria na guerra. Porém, a utilização destas personalidades deveria ser previamente selecionada, possibilitando que os interesses do jornal pudessem ser efetivados a partir de falas favoráveis à Itália, ou pelo menos,

---

<sup>222</sup> CARNIERI, Christopher Augusto. **A italianidade em movimento: travessias e olhares**. Curitiba: Dissertação de Mestrado, defendida na UFRS, 2013, p. 29.

<sup>223</sup> COELHO, Tatiana. **Discurso ultramontano no Brasil do século XIX: Os bispos de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro**. Niterói: Tese de doutorado, defendida na UFF, 2016, p. 61.

<sup>224</sup> Muitos destes processos teriam ocorrido no Concílio Vaticano I.

<sup>225</sup> LACOUTURE, JEAN. **Os Jesuítas: Os conquistadores**. Vol 1, Porto Alegre: L&PM, p. 195.

<sup>226</sup> CASALI, Alípio. **Elite Intelectual e restauração da Igreja**. Petrópolis: Vozes. 1995, p. 47.

<sup>227</sup> O papa Bento XV nasceu na cidade de Gênova, na Itália. Já Pio IX e Pio X, nasceram em Senigália e Riese, respectivamente.

que aparentassem possuir este posicionamento, angariando, deste modo, o apoio dos colonos à sua causa nacionalista.

Ainda nesta edição, se destaca a coluna *La Guerra*, que visava informar semanalmente, os movimentos das tropas nos frentes de batalha. Na unidade daquele dia, as linhas de frente italianas e francesas são citadas, destacando as vitórias do exército italiano na Albânia, fato que possibilitou a aquisição de mais de 1900 prisioneiros e de vastos territórios, ocupação que se prolongou com a conclusão da guerra. As hostilidades teriam sido finalizadas poucos meses depois, em 11 de novembro de 1918, com o Armistício de Compiègne<sup>228</sup>.

O fim dos confrontos nesta região da Europa foi comemorado pelo *Il Corriere d'Italia*, todavia, este período de entusiasmo logo perdeu espaço para ansiedade e frustração, por ventura das tratativas de paz e dos novos recortes territoriais propostos pelas nações aliadas. Tal fato deixou o governo italiano decepcionado com suas conquistas pós-guerra, visto que estas foram taxadas de precárias em comparação com o que havia sido prometido pela Inglaterra e França em momentos anteriores às confrontações, ficando muito aquém das perdas de combatentes italianos durante o conflito, estimadas em mais de 400 mil baixas.<sup>229</sup>

Em virtude de tal situação, a tese de “vitória mutilada” se populariza, disseminando a insatisfação e a sensação de injustiça imputada à nação, tanto entre os italianos presentes na península, como também para aqueles que se encontravam na serra gaúcha. Além disso, naquele momento, o amado país passa a viver à beira do colapso social, devido ao retorno das tropas de soldados<sup>230</sup> inválidos e não adaptados às novas formas de produção e de relações sociais, modificadas ao longo do período belicoso<sup>231</sup>, sem ter como contraponto, alguma benesse proveniente do confronto, trunfo que teria condições de acalmar os ânimos destes súditos do reino.

Para trabalhar estas desilusões, a edição de 7 de fevereiro de 1919 do *Il Corriere d'Italia*, destacou todas as problemáticas centrais existentes nas mesas de negociação, indo desde a questão iugoslava, até as dificuldades de manter as conquistas no sul da antiga Austro-Hungria.

---

<sup>228</sup> Pelo menos no fronte ocidental.

<sup>229</sup> O tratado de Londres (1915) foi substituído pelos tratados desenvolvidos na Conferência de paz de Paris (1919), frustrando as autoridades italianas que buscavam controlar a costa da Dalmácia e regiões do Tirol, além de reter posições favoráveis no mar Adriático e a obter colônias na África, objetivos parcialmente conquistados (BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo, Editora Contexto, 2014, p. 166).

<sup>230</sup> Angelo Trento também destaca que os soldados, ao atuar em outras regiões do país e da Europa, acabaram por ampliar suas visões sobre diferentes aspectos e princípios, levando-o, naturalmente, a buscar alterações na conjuntura vigente quando estes voltavam para os seus locais de origem (TRENTO, Angelo. **Fascismo Italiano**. São Paulo: Ática S.A, 1986, p.6.).

<sup>231</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 29.

Entre estes pontos, fica latente a alteração do humor do jornal, que afirma estar em comum acordo com a comunidade global ao se encontrar imerso em uma situação de medo e frustração, temendo o reacender dos confrontos após tantos anos de guerra:

#### Curta alegria

A alegria com que o mundo inteiro saudou a madrugada de 11 de novembro - a alegria em que se firmou o armistício com a Alemanha, em que a guerra poderia ser considerada, se não oficialmente finalizada, finalizada de fato - é agora apenas uma recordação.

Desapareceu da face da terra o espectro que a fez tremer durante quatro longos anos - outros espectros tomaram o seu lugar e o das pessoas, impedindo que os vitoriosos aliados encontrassem soluções para os problemas que a cada dia estão preocupando ainda mais os governos e os povos. E tais problemas existentes complicam as difíceis relações daqueles que - por força do hábito - não podem ver outras maneiras de resolver suas diferenças, sem o que foi utilizado até o dia de ontem, ou seja, a guerra.<sup>232</sup>

Este sentimento de temor e indignação se prolongou por todo o ano de 1919 e não era incomum identificar reportagens semelhantes a esta, seja ela desenvolvida pelo *Il Corriere d'Italia* ou por outros jornais locais. Até mesmo a insatisfação com a paz foi destacada<sup>233</sup>, pois, aparentemente era melhor continuar lutando e almejando recompensas maiores do que se satisfazer com o que já havia sido conquistado por meio da diplomacia entre os povos, demonstrando, provavelmente, o sentimento que os habitantes da colônia nutriam com os resultados obtidos com tanto sacrifício.

Na contramão do otimismo do fim da guerra, tal situação não se amenizou com o tempo, se tornando ainda mais latente com o alvorecer da década de 1920, impulsionando, deste modo, ainda mais o avanço fascista e sua retórica do reestabelecimento da Itália no *hall* das grandes nações, lugar destinado a ela desde as suas fundações, visto que, apesar do ambiente de fracasso instaurado, a Itália permaneceria grandiosa, necessitando apenas de um fio condutor que aflorasse o seu verdadeiro potencial<sup>234</sup>.

Em virtude destes sentimentos aparentarem semelhança entre os imigrantes localizados dos dois lados do Atlântico, ou seja, entre os italianos peninsulares e os presentes na serra gaúcha, não seria de se estranhar que ideias envoltas neste ideal ganhassem força entre os cidadãos de Bento Gonçalves e em outros municípios com forte presença itálica no estado,

<sup>232</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 fev. de 1917.

<sup>233</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 jul. de 1919

<sup>234</sup> MARQUES, Alexandre. “A Questão ítalo-abissínia”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 53.

localidades onde ideias extremistas possuíam solo fértil devido a ansiedade provocada pelos fracassos obtidos pela Itália nas mesas de discussão do pós-guerra.

### **2.1.3 As perspectivas do *Il Corriere d'Italia* sobre a política italiana no final da década de 1910.**

No final da década de 1910, a palavra chave para retratar a realidade interna e as relações internacionais dos países europeus era incerteza, em virtude do alto grau de destruição e das inúmeras perdas humanas causadas pela guerra. Este efeito causava repercussão em um vasto campo de nações, tanto as consideradas vencedoras como as definidas como derrotadas e, dentre elas, o caso italiano era emblemático.

Junto com outros Estados da Europa Ocidental, como França e Inglaterra, a Itália havia vencido a guerra e angariado, com isso, uma porcentagem significativa de territórios Austro-húngaro e dos Balcãs. Além disso, permaneceu menos tempo no confronto em comparação com os aliados citados anteriormente, perdeu um número menor de tropas e possuiu gastos de guerra inferiores. Porém, as fragilidades econômicas desta nação em comparação com as demais, a perda de potencial industrial e de mão de obra com a guerra e os poucos resultados alcançados após os tratados de paz, criaram uma situação de desamparo e profunda frustração, realidade que levou ao questionamento das capacidades italianas, remontando a situação ocorrida na primeira Guerra da Abissínia<sup>235</sup> (1895 – 1896).

Além disso, em meio as turbulências perpetuadas pelos eventos da Grande Guerra, o governo do Czar Nicolau II da Rússia foi finalizado por meio das ações bolcheviques, que posteriormente instauraram um governo de inclinação socialista no maior Estado, em questões territoriais, do continente europeu. Esta ação amedrontou os governos das nações liberais do ocidente e das instituições ligadas a Igreja Católica, visto que muitas delas, como a Ordem dos scalabrinianos, enxergavam a ideologia “bolchevique” como negativa a moral dos devotos cristãos e, conseqüentemente, incompatível com esta religiosidade.

No âmbito nacional, o histórico de ações provocadas por socialistas e sindicalistas em grandes centros industriais de São Paulo podem ter deixado a direção do *Il Corriere d'Italia* ainda mais preocupada, tendo em vista que as ações promovidas nas cidades paulistas, muitas

---

<sup>235</sup> MARQUES, Alexandre. “A Questão ítalo-abissínia”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 34.

vezes incitadas por italianos e descendentes, poderiam ser reproduzidas no solo colonial rio grandense.

Entre estes fatos ocorridos em território paulista, destacam-se os ocorridos entre os anos de 1912 e 1913, onde um movimento grevista partindo das fazendas de café santistas se juntou a protestos e motins de funcionários de indústrias de Ribeirão Preto<sup>236</sup>, demonstrando como os trabalhadores organizados tinham condições de promover ações encaradas, muitas vezes, como subversivas por ordens relacionadas com a Igreja.

Obviamente, existiam múltiplas diferenças entre a presença italiana no Estado de São Paulo, região que concentrou os protestos protagonizados por esta etnia; e a que se consolidou em diferentes localidades do Rio Grande do Sul. Em solo paulista, o formato de organização trabalhista se baseou em atividades operárias, enquanto que no sul do país, os colonos se organizaram em pequenas propriedades<sup>237</sup>, que passaram por um processo de industrialização menor e mais tardio ao da experiência promovida nesta região do sudeste brasileiro.

Além destas particularidades, também podem ser citadas diferenças na presença da Igreja nestas localidades, as minúcias na participação política destes grupos nas esferas regionais e nacionais e os objetivos distintos destas comunidades<sup>238</sup>, fatores que permitiram uma maior inserção das teorias socialistas em cidades paulistas do que nos municípios gaúchos.

Porém, apesar de todas estas questões impeditivas e da improbabilidade do socialismo ter força entre os imigrantes da serra gaúcha, o *Il Corriere d'Italia* acabou por tomar todas as medidas possíveis para trabalhar projetos antagônicos aos marxistas. Estas medidas não ficavam restritas ao campo político brasileiro, visto que o jornal, ao mesmo tempo que dissertava sobre as ações que deveriam ser aplicadas no Brasil, também destacava o que achava ser mais interessante para as possibilidades futuras dos italianos ainda residentes na península.

Neste campo, segundo o jornal, a maneira de se chegar aos objetivos de prosperidade pela via política, seria apoiando o Partido Popular Italiano (PPI), legenda de inclinação democrática cristã e fundado pelo padre católico Luigi Sturzo, que teria todas as condições de alçar a Itália ao patamar das grandes nações mundiais.

---

<sup>236</sup> BIONDI, Luigi. **Classe e Nação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p.284.

<sup>237</sup> ZANINI, Maria Catarina. **Italianidade no Brasil Meridional: A Construção da identidade Étnica na Região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Editoraufsm. 2006, p. 47.

<sup>238</sup> Beneduzi destaca a intensa religiosidade presente nos grupos localizados ao sul do Brasil em seu trabalho “Nem Jerusalém nem Sodoma” presente na obra *Etnias & Carismas* organizado por Antonio Suliani em 2006, em que o autor relatou a intenção destes grupos em desenvolver uma utópica “Nova Jerusalém” na região colonial da serra gaúcha em virtude das particularidades da colonização da região e dos indivíduos que promoveram esta ação, extremamente influenciados pela igreja localizada em Roma p. 686 - 692.

Para isso, o PPI visava manter a estabilidade política na Itália a partir de métodos liberais, contrastando com as intenções dos partidos socialista e comunista italiano, que possuíam pautas que reforçavam o controle do Estado no funcionamento da economia. Posteriormente, o PPI também se contrapôs aos ideais do FIC<sup>239</sup> na década de 1920, período em que as publicações sobre estes partidos se tornaram ainda mais constantes nas páginas do *Il Corriere d'Italia*.

Entretanto, ainda em 1919, muito antes da aplicação da política fascista, o jornal de Bento Gonçalves dedicou parte da sua página de capa para apresentar ao público o programa do PPI e, em consonância, demonstrou grande apoio à legenda, que visava abordar problemas mundanos com uma ótica cristã:

O novo programa do partido, que relatamos a seguir, responde com soluções, pode-se dizer, com plena certeza, às necessidades que a Itália atravessa atualmente. Há muito tempo, o Movimento Democrata Cristão, sentiu a necessidade de se organizar na forma de um partido, todavia, obstáculos de várias naturezas, internas e externas, tinham impedido a integração deste desejo, sentido por todos aqueles que compreenderam a necessidade de um completo sucesso no campo político; possibilitado por um partido que abraçasse, em sua vastidão, os complexos problemas religiosos, econômicos, sociais e políticos poderiam, promovendo, por meio das leis humanas, a justiça eterna, a caridade e a integração social (...) <sup>240</sup>

Após este parágrafo inicial e da utilização de outros textos desenvolvidos para apresentar o PPI, o *Il Corriere d'Italia* trouxe para os seus leitores o programa deste partido político, dividido em 12 segmentos, que iam desde a relação do governo com o sistema educacional à promoção de uma profunda reforma eleitoral que incluía a possibilidade das mulheres participarem dos processos de votação. Apesar deste movimento progressista, aparentemente as bases principais do novo partido estavam vinculadas a um certo conservadorismo, como ressaltado na parte inicial do seu programa, onde se apelava para a “Integridade da família”, ou seja, a defesa dela contra todas as formas de dissolução ou corrupção, além da proteção da moral pública, assistência e proteção da criança e reconhecimento da paternidade”<sup>241</sup>.

Quanto a isso, é importante destacar que o desprendimento de tanto espaço para relatar a originalidade do PPI, demonstra que os interesses do *Il Corriere d'Italia* no partido não ficavam apenas na esfera italiana, tendo em vista que a missão do jornal, em última análise, era

---

<sup>239</sup> Partido que posteriormente foi reformulado em conjunto com a união com os grupos italianos de combate, que em 09 de novembro de 1921 deram origem ao Partido Nacional Fascista (PNF).

<sup>240</sup> *Il Corriere d'Italia*, 25 abr. de 1919.

<sup>241</sup> *Il Corriere d'Italia*, 25 abr. de 1919.

influenciar seu público leitor presente, majoritariamente, na região nordeste do Rio Grande do Sul.

Logo, se acredita que o trabalho desenvolvido sobre a imagem do PPI não tenha a finalidade única de indicar o que o jornal considerava mais coerente para os italianos residentes na península itálica, ou de simplesmente ampliar a visibilidade deste partido para os habitantes de Bento Gonçalves e regiões circunvizinhas, mas buscar sua reprodução, pelo menos do espectro ideológico, na serra gaúcha, onde os colonos teriam a possibilidade de compreender melhor os princípios desta legenda e, devido a isso, se inspirar no que estava sendo proposto.

Tal conclusão ocorre, visto que dificilmente habitantes presentes na Itália teriam acesso ao *Il Corriere d'Italia*, fazendo muito mais sentido que o jornal buscase uma transformação no ambiente político colonial, por meio do exemplo ocorrido em suas terras ancestrais e afastando, deste modo, os imigrantes e descendentes de culturas políticas potencialmente danosas, identificadas nas linhas socialistas, comunistas e anarquistas e que, com a ascensão da nova década, passariam a ter, em sua composição, as perspectivas de cunho fascista.

## **2.2 A Itália no alvorecer da década de 1920, segundo a perspectiva do jornal *Il Corriere d'Italia*.**

A Itália, segundo a maioria dos semanários de orientação italiana da serra gaúcha e de Porto Alegre, como o *Staffeta Rio Grandense*, *Il Corriere d'Italia* ou *Stella d'Italia*, estava em uma situação delicada no alvorecer da década de 1920, seja pela sua fragilidade econômica, ressaltada pelos gastos provenientes ao seu envolvimento na Grande Guerra Mundial<sup>242</sup>, ou pela crise política, ocorrida graças a insatisfação com as conquistas obtidas na Grande Guerra e pela queda na qualidade de vida da população<sup>243</sup>.

Além disso, a ascensão de novos partidos também levava a um maior desgaste da sociedade italiana, seja ele de ideologia marxista (como o partido socialista e comunista italiano) e, por si só, temerosos para diversos grupos populares conservadores da nação, como os de extrema direita.

Esta realidade que se apresentava para os cidadãos que permaneceram na Itália, provocava o interesse das comunidades de imigrantes italianos na serra gaúcha, que

---

<sup>242</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 166.

<sup>243</sup> MARQUES, Alexandre. “**A Questão ítalo-abissínia**”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 50.

acompanhavam este impasse por meio dos diversos veículos de informação étnicos existentes nas cidades de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi, entre outras. Estas publicações, além de noticiar os problemas existentes na Itália, também apresentaram pareceres que, segundo os editoriais, possuiriam a capacidade de pôr fim à crise em que o Estado italiano havia se envolvido.

Entre estas opiniões, temos as declarações do *Il Corriere d'Italia* que, durante o ano de 1920, ensaiou diversas publicações relacionando questões religiosas com a situação político-econômica vigente na nação. Segundo esta linha de pensamento, o aprofundamento do Estado e da população no cristianismo seria o melhor viés para restaurar a estabilidade do governo e da sociedade e, com isso, possibilitar uma melhor qualidade de vida aos cidadãos italianos, que conseguiriam, por meio de Cristo, recuperar a paz retirada pela guerra e pelo materialismo, sendo este um conselho que deveria ser seguido não apenas pelos italianos, mas por toda a humanidade, sequelada pela modernidade e pelas crises humanitárias da década de 1910:

Sem dúvida, estamos em um período muito grave na história do povo e da humanidade inteira.

Diversas regiões foram marcadas pela guerra, que com suas consequências, terríveis e dolorosas, afetaram o processo de evolução da qualidade de vida. E assim ele corroe e empurrou este movimento ascendente da sociedade, quase mais do que o processo de evolução que se propôs chamar de revolução, que se popularizou pela rapidez que transformou a forma de viver a vida, especialmente a coletiva, por meio da promoção da democracia e da liberdade [...] O nosso trabalho se concentra nas fundações morais da sociedade, que por sua corrupção e a lama do seu materialismo brutal, encontra-se em decadência e destruição de si mesmo! Vamos voltar para Cristo entre as pessoas, porque só em Cristo, podemos encontrar paz e tranquilidade, que hoje buscamos em vão, nos envolvendo em agitações e em lutas sangrentas.<sup>244</sup>

Apesar de fazer uma franca alusão à situação provocada pela guerra, na nação italiana, a mensagem do *Il Corriere d'Italia* também carrega diversos elementos direcionados para a população colonial, que teria edificado cidades com o interesse de lhes assemelhar a uma lógica celestial<sup>245</sup> e que, em virtude da modernidade, passava a ter seus objetivos espirituais colocados em significativo risco, algo inadmissível para o editorial. Devido a estes fatos, não se estranha o alarmismo promovido pelo jornal, que buscava, por diferentes meios, impedir o afastamento dos seus leitores de Cristo, antes que tal situação fosse irreversível e a fé dos mesmos acabasse por ser maculada por princípios ideológicos analisados como antirreligiosos.

<sup>244</sup> *Il Corriere d'Italia*, 23 jul. de 1920.

<sup>245</sup> BENEDUZI, Luís, Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 686.

Este tipo de argumentação, crítica aos preceitos provenientes da modernidade e do secularismo, fora constantemente abordada durante todo o ano de 1920, período em que reportagens envolvendo a religião cristã passaram a ter ainda mais espaço nas produções do *Il Corriere d'Italia*.

Quanto as questões inerentes a política, o cristianismo também foi utilizado como um entrave ao avanço da ideologia socialista perante as comunidades italianas presentes nos mais variados contextos sociais e geográficos, onde o editorial do *Il Corriere d'Italia*, chegou a declarar a incompatibilidade entre as duas partes, na edição de 20 de agosto de 1920:

Em toda a história humana sempre tivemos de nos afastar de alguma coisa e o dilema sempre foi este:  
 Ou Deus ou o Diabo;  
 Ou religião ou dissolução;  
 ou religião ou revolução  
 ou religião ou anarquia.  
 E agora vamos adicionar esta outra questão (nome novo, mas coisas velha).  
*Ou Cristianismo ou bolchevismo!*<sup>246</sup>  
 Não há nada para rir. A humanidade caminha em torno destas duas vias. Quem anda no caminho justo? Adivinha quem?  
 A antiga experiência e a nova, a do presente, ensina de um modo bastante claro. Quem é estúpido o suficiente para não vê-lo?<sup>247</sup>

Esta conjuntura de destacar a superioridade do cristianismo perante outras vertentes ideológicas (principalmente as de cunho marxistas) e religiosas era algo praticado por imigrantes, autoridades públicas e representantes de organizações privadas, muito antes destes relatos produzidos na década de 1920 pelo *Il Corriere d'Italia*. Um exemplo disso, são as produções existentes sobre as manifestações articuladas em Santa Maria, que ocorreram em virtude dos confrontos na Líbia em julho de 1913, onde foi verbalizado, indiretamente, a ideia de a incivilidade estar ligada, aprioristicamente, a outros credos que destoassem da religião pertencente à pátria. Um exemplo de tais posicionamentos teria ocorrido por ventura da fala de Andrea Pozzobon que, ao relatar os acontecimentos na Guerra da Líbia, teria enaltecido o progresso da nação italiana, em contraposição à ferocidade existente entre os líbios muçulmanos<sup>248</sup>, algo que deveria ser mantido pelos colonos espalhados em diferentes continentes.

---

<sup>246</sup> Grifo do jornal.

<sup>247</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 ago. de 1920.

<sup>248</sup> VENDRAME, Maria Inês. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil**. (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p.34.

### 2.2.1 Crises institucionais e o apoio ao Partido Popular Italiano.

Como muitos dos editoriais em funcionamento na serra gaúcha entre os anos de 1910 a 1930, o *Il Corriere d'Italia* geralmente desenvolvia um bom número de publicações com caráter político, defendendo representantes populares e ideologias através dos tempos.

Todavia, seu apoio variou um pouco desde sua origem, indo de uma permanente e quase exclusiva exaltação do rei italiano Vitor Emanuel III, para o posicionamento favorável ao PPI no início da década de 1920. É importante ressaltar que, em nenhum momento o monarca parou de ser apoiado pelo semanário, apesar de ter perdido um pouco de visibilidade com o fim da década de 1910 e que, em alguns períodos, outros partidos também foram estudados e, por vezes aprovados, pelo *Il Corriere d'Italia*<sup>249</sup>.

O PPI, como ressaltado anteriormente, chamou a atenção do *Il Corriere d'Italia* desde a sua formulação, como destacado na edição de 19 de abril de 1919, principalmente por sua identidade cristã e pela defesa de determinados valores tradicionais, como a família, a caridade e a propriedade<sup>250</sup>. Sua base de apoio só cresceu no ano seguinte, tendo em vista o aprofundamento da crise institucional italiana e a ascensão do partido socialista (PSI), onde o PPI foi identificado como alternativa de combate a perspectiva marxista, visto os seus contínuos manifestos em repúdio a esta ideologia em conformidade com a lógica defendida pela Santa Sé, que contrariava esta vertente, principalmente após 1904, quando ela passou a ter um crescimento eleitoral significativo<sup>251</sup>:

Contra as reivindicações exorbitantes e a indisciplina contínua dos bolcheviques, o partido popular italiano emitiu um solene manifesto à nação, proclamando que a Itália não tem nada de bom a esperar do comunismo, mas tudo do cooperativismo saudável e disciplinado. Reivindica uma investigação sobre as indústrias, a reforma agrária e apela para a consciência nacional, em busca do triunfo da moral cristã e a autoridade das leis.<sup>252</sup>

<sup>249</sup> A vitória do partido constitucional, nas eleições municipais de Torino e Milão, foi analisado como um mal menor para estas populações pelo *Il Corriere d'Italia* no dia 19 de novembro de 1920.

<sup>250</sup> Segundo Bertonha, em “Os Italianos”, 2014, p. 195, a criação do PPI “representou a entrada formal dos católicos no cenário político italiano, após a abstenção, ao menos teórica, entre 1970 e 1904, e a participação indireta depois dessa última data”. O PPI, por ventura da influência social e política da igreja, em conjunto com a crise presente em diversas esferas do estado italiano, possuiu bons resultados já nas eleições de 1919, recebendo ainda mais votos nos pleitos subsequentes.

<sup>251</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 193.

<sup>252</sup> *Il Corriere d'Italia*, 24 set. de 1920.

Pouco tempo depois, em 19 de novembro de 1920, o PPI perde as eleições para as prefeituras de Milão e Torino. As primeiras colocações nesta disputa ficaram com o partido constitucional e o PSI, respectivamente.

De um modo geral, este resultado preocupou o *Il Corriere d'Italia*, visto que os “bolcheviques” se apresentavam como uma ameaça aos valores e diretrizes defendidas pelo jornal, ainda mais que tal situação poderia incutir a ideia em solo colonial que os pareceres cristãos eram menos significativos e influentes do que as lógicas presentes no campo marxista na Itália, nação que deveria servir de vitrine aos movimentos políticos que ocorriam na região nordeste do Rio Grande do Sul.

Com a intenção de tranquilizar seus leitores e fortalecer ainda mais suas posições, o *Il Corriere d'Italia* mantém sua base de apoio em torno do PPI. Esta ação fica evidente, principalmente no fim da presente reportagem, quando o semanário apresentou os motivos da derrota do partido, destacando que esta situação só ocorreu pelo pioneirismo de seus princípios, que ainda estariam sendo compreendidos pela sociedade, dando a entender que resultados positivos iriam se concretizar com o passar do tempo, trazendo a ideia de que os leitores do jornal deveriam manter a sua confiança nos pareceres apropriados e defendidos pelo editorial carlista.

O ano de 1921 se iniciou com ainda mais turbulência do que os anteriores, vistas as confrontações ocorridas entre pessoas autodeclaradas socialistas e fascistas ao longo do mês de março, movimentos que se retroalimentavam e, segundo Hobsbawm, deram condições básicas para o próprio fortalecimento da direita radical, em virtude que diversos segmentos sociais se assustavam com as articulações, muitas vezes violentas, protagonizadas pela esquerda política<sup>253</sup>.

Em virtude da ampliação do Estado de crise no solo italiano, o *Il Corriere d'Italia* passou a desenvolver um conjunto de reportagens que visavam abordar soluções para resolver as problemáticas presentes no governo, das quais, a mais citada seria a ampliação da participação do PPI nos quadros políticos executivos e legislativos:

O partido católico vem às urnas em seu esplêndido isolamento... com seu programa inalterado. Não mendiga proteção, nem privilégios: não endossa nenhum partido, e nenhuma político. Ele deixa o país em sua liberdade de julgar o trabalho realizado. Se a Itália não for arrastada para um turbilhão de revolução, é devido, precisamente, se assegurar neste partido.<sup>254</sup>

<sup>253</sup> HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 127.

<sup>254</sup> *Il Corriere d'Italia*, 19 mai. de 1921.

Os resultados das eleições foram destacados na edição subsequente do *Il Corriere d'Italia*, que alardeou a vitória do PPI e de outras denominações católicas menores perante o FIC e o PCI<sup>255</sup>, partido oriundo da dissidência do PSI em 1919<sup>256</sup>, demonstrando, com isso, a vitória da sua perspectiva política perante o cunho colonial.

Nos meses seguintes, as atenções se voltaram novamente aos enfrentamentos provocados por socialistas e fascistas<sup>257</sup>. Esta situação, que será melhor trabalhada no tópico posterior, seria tão crítica que, segundo o *Il Corriere d'Italia*, estaria levando a Itália para a “guerra civil”<sup>258</sup>. O antídoto para esta realidade caótica seria a adoção de mais práticas políticas cristãs, encabeçadas na Itália pelo PPI, único capaz de pacificar o Estado e, conseqüentemente, a sociedade italiana, que teria sido abalada pela bestialidade fascista<sup>259</sup> e por ventura das corrupções morais inerentes da dita ideologia bolchevique<sup>260</sup>.

A esperança na capacidade de atuação do partido popular italiano se tornou ainda mais concreta com os eventos notificados pelo *Il Corriere d'Italia* em 19 de agosto de 1921, referentes a unificação dos partidos católicos sob a liderança do PPI. Tal alteração na formatação política italiana, criava uma forte base de sustentação católica no parlamento e ampliava a já significativa influência do PPI nos processos políticos subsequentes.

Todo este cenário acabava servindo como pano de fundo para os colonos que, segundo o editorial, deveriam compreender os perigos de adotar ou aceitar em seu meio pessoas que compactuavam com os preceitos fascistas ou marxistas, identificando conjuntamente, que apenas fundamentos cristãos permeados na política teriam condições de trazer a estabilidade e prosperidade a sociedade. Além disso, outro fundamento trabalhado era a ideia de unidade, visto que os imigrantes cristãos teriam mais facilidade em defender os posicionamentos ordenados pela Igreja caso se mantivessem juntos.

Todavia, apesar destes acontecimentos serem significativos no panorama italiano e tais assuntos possuírem potencial para a reflexão sobre a condução das coletividades italianas no exterior, o interesse do *Il Corriere d'Italia* sobre questões referentes à política acabou sendo reduzido no final do ano de 1921 e início de 1922, onde notificações sobre os atritos

---

<sup>255</sup> Os resultados salientados pelo *Il Corriere d'Italia* em 27 de maio de 1921 destacaram que 109 deputados católicos foram eleitos, perante 25 representantes fascistas e 14 comunistas. Porém o resultado ficou aquém aos 122 deputados eleitos pelo PSI e dos 225 acentos alcançados pelos constitucionalistas.

<sup>256</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 195.

<sup>257</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 out. de 1921.

<sup>258</sup> *Il Corriere d'Italia*, 12 ago. de 1921.

<sup>259</sup> *Il Corriere d'Italia*, 29 abr. de 1921.

<sup>260</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 ago. de 1920.

interpartidários e as ações promovidas por deputados perderam espaço para reportagens com cunho propriamente religioso. Esta alteração de foco só foi corrigida nos meses de junho e julho de 1922, quando as ações do, agora PNF e PSI, novamente passaram a ser estampadas na capa do jornal bento gonçalvense, embora outras legendas tenham sido relegadas ao ostracismo, entre elas o PPI, que só voltou a ter atenção do jornal nos primeiros meses de 1923.

De grande relevância dentre os fatos ocorridos na história política e social italiana, a grande marcha, sem contudo possuir esse nome para o *Il Corriere d'Italia*, fora relatada na edição de 03 de novembro de 1922, onde o jornal deixa claro o seu desespero com a escalada fascista, fato que já vinha demonstrando ainda antes da escalada das tensões em Roma, em publicações de datas anteriores<sup>261</sup>. Tal situação foi tão crítica que, segundo o editorial, talvez nem mesmo a monarquia teria condições de conduzir esta questão de forma que correspondesse aos interesses do jornal.

Este doloroso pós-guerra ainda é turbulento e agitado e o trabalho de reconstrução está ocorrendo quando de súbito e intenso ele é interrompido. Agora, os fascistas estão tentando substituir o governo e, de fato, se a notícia é verdadeira, eles teriam depostos as mesmas autoridades civis em várias cidades, como Florença, Pisa e Cremona. A serpente morde o charlatão que se aquece no seu seio: um homem de violência, sem fundamentos morais e com o único programa de força bruta, nunca pode gerar a ordem (...) talvez, até mesmo para a monarquia não sejam dias felizes.<sup>262</sup>

Com a articulação de um novo governo de coalizão<sup>263</sup>, reportagens políticas mais significativas acabaram sendo datadas de 1923, onde, em 20 de abril, o *Il Corriere d'Italia* buscou demonstrar o contínuo fortalecimento do partido popular e a manutenção de sua independência perante o avanço fascista:

No Congresso do P.P.I, realizada em Turim, o secretário político D. Sturzo realizou um admirável discurso sobre as condições e finalidades do Partido Popular Italiano. O discurso se constitui em um novo triunfo para os ideais do grande partido. A imprensa fascista, no entanto, se mostra irritada contra ele, pois foi aprovada uma moção, que sanciona a plena independência e distinção do partido popular frente ao fascismo (...)<sup>264</sup>

Sobre esta temática, mas de maneira implícita, o trecho anterior também destacou o pleno fortalecimento do PNF no cenário político italiano, fator que chegou a ameaçar outras legendas, até mesmo as com maior representatividade, como o PPI. Já de forma explícita, pode-

<sup>261</sup> *Il Corriere d'Italia*, 27 out. de 1922.

<sup>262</sup> *Il Corriere d'Italia*, 03 nov. de 1922.

<sup>263</sup> *Il Corriere d'Italia*, 10 nov. de 1922.

<sup>264</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 abr. de 1923.

se perceber uma clara aversão do *Il Corriere d'Italia* perante a ideologia fascista, situação que se agravou de forma contínua nos últimos anos da primeira metade da década de 1920.

Retornando a abril de 1923, uma nova reportagem sobre as relações entre o PNF e o PPI foi desenvolvida no dia 27 deste mês, com a finalidade de demonstrar a irritação fascista com as ações de independência promovidas pelos deputados populares. Todavia, apesar dos atritos entre as partes, uma ruptura ministerial ainda não havia ocorrido, tendo este desfecho apenas alguns dias depois, com a saída de ministros e secretários do PPI da cúpula governista chefiada por Mussolini. Ainda segundo o jornal, esta ação teria causado severo alvoroço nas lideranças do PNF, que teriam enxergado o ato como uma demonstração de insubordinação.

Todavia, em dissonância às perspectivas destas lideranças, o futuro *Duce* da Itália demonstrou, de certo modo, tranquilidade perante estes fatos instabilizadores, pelo menos essa é a ideia existente na edição de 04 de maio de 1923 do *Il Corriere d'Italia*:

Os ministros e o secretário do partido popular italiano demitiram-se do ministério de Mussolini, demissão que foi aceita pelo Presidente, que agradeceu a colaboração, apesar de, neste momento, ele querer uma dedicação completa, algo que o partido certo não poderia aceitar.<sup>265</sup>

Embora esta atitude demonstrasse certo respeito ao jogo político e a democracia italiana, Mussolini continuou sendo questionado pelos editores do *Il Corriere d'Italia*, principalmente após ele “suprimir as carteiras controladas até então pelos populares. Por poupança de despesas, por que não encontrou outros titulares ou para concentrar tudo em si mesmo, tornando-se cada dia mais autocrata (...)”<sup>266</sup>, evidenciando, pelo menos segundo o entendimento dos produtores do jornal, o caráter ditatorial<sup>267</sup> do seu governo.

Esta acusação se somava a tantas outras articuladas em tempos anteriores, que visavam desacreditar esta importante liderança do PNF, tanto por sua conduta privada<sup>268</sup>, quanto pelas ações de membros da sua legenda eleitoral<sup>269</sup>.

Em sua habitual contraparte estaria o PPI, que permaneceu em um patamar elevado, apesar da sua saída ministerial não trazer, conjuntamente, o rompimento das relações diplomáticas com a cúpula fascista.

---

<sup>265</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 mai. de 1923.

<sup>266</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 mai. de 1923.

<sup>267</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 mai. de 1923.

<sup>268</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 fev. de 1922.

<sup>269</sup> *Il Corriere d'Italia*, 27 out. de 1923.

A manutenção desta coligação, longe de ser constringedora, teria ocorrido com o intuito de possibilitar a “salvação italiana”<sup>270</sup>, visto que ela só seria possível a partir da preservação da estabilidade de governo. Esta atitude, conjuntamente com o que já havia sido desenvolvido pelo PPI, demonstrava como a honra seria inerente a esta sigla, visto que ela não buscaria a ampliação descabida dos seus poderes às custas do bom funcionamento do governo, se efetivando, deste modo, como um organismo claramente cristão e com ideias similares ao que o editorial carlista esperava dos colonos que habitavam o Rio Grande do Sul.

Ainda nesta publicação, talvez com o intuito de polarizar ainda mais o debate em questão, o *Il Corriere d'Italia* denomina como “bárbaras” as brigas internas do PNF, destacando o péssimo exemplo que os membros do partido davam para os demais segmentos da sociedade, colocações que se somavam às outras e demonstravam o constante descontentamento deste jornal de cunho religioso com a legenda fascista, por ventura, tanto de sua lógica de governo, como também pela postura demonstrada por este partido perante as ordens religiosas, principalmente para as voltadas ao trato com os imigrantes<sup>271</sup>. Como, por exemplo, era o caso dos scalabrinianos, buscando, por ventura de seus interesses privados, colocar este grupo de italianos e descendentes em uma posição contrária às políticas protagonizadas pelo partido fascista.

No decorrer do ano de 1923, críticas à legenda comandada por Benito Mussolini continuaram sendo desenvolvidas, porém, de maneira mais tênue, principalmente graças a melhora das relações com o PPI em junho daquele ano, fato acompanhado pela diminuição dos conflitos envolvendo lideranças do PNF e pela aplicação de medidas conservadoras desencadeadas por este partido no âmbito federal, como a restituição da matéria de ensino religioso nas escolas públicas da nação<sup>272</sup>. Este fato agradou muito o *Il Corriere d'Italia*, em virtude do mesmo defender uma aproximação maior entre Estado e Igreja em território brasileiro, corrigindo, de certo modo, as consequências causadas em virtude da oficialização do estado laico no Brasil<sup>273</sup>.

As questões referentes às instituições de ensino sempre foram um assunto sensível para os segmentos governamentais, tanto italianos como brasileiros, visto o potencial das escolas na consolidação de uma unidade cultural na nação, além de sua possível instrumentalização pelo

---

<sup>270</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 mai. de 1923.

<sup>271</sup> BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 50.

<sup>272</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 nov. de 1923.

<sup>273</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p.37.

governo para uma melhor avaliação deste, por segmentos da opinião pública. Este apoio era geralmente angariado por ventura da opinião promovida por setores mídia, atitude que pode ser percebida no caso citado acima, articulado pelo *Il Corriere d'Italia*.

Tendo em vista esta realidade da escola como instituição usual para os interesses governamentais, muitas diretrizes estatais italianas favoreceram o financiamento de colégios de caráter étnico em diferentes regiões do globo, principalmente em regiões habitadas por um número significativo de imigrantes. Isto se deu por meio de leis promovidas durante o governo Crispi, sendo estas reforçadas, posteriormente, em governos subsequentes, sejam eles de caráter pré-fascista ou fascista<sup>274</sup>. Estes fatos levaram a uma constante ampliação do número de indivíduos afetados nas colônias ou periferias, chegando ao número de 120 mil estudantes contemplados por instituições de caráter étnico italiano no exterior<sup>275</sup>, existindo um interesse maior do PNF pelos grupos que habitavam em regiões circunvizinhas, geralmente presentes na bacia do Mediterrâneo<sup>276</sup>.

Retornando para as questões referentes a política articulada em solo italiano, a aparente tranquilidade vigente neste segmento perdurou por muito tempo, graças a instabilidade provocada por socialistas e fascistas em todo o território nacional, movimentações muitas vezes agressivas, que culminaram na morte do político socialista Giacomo Matteoti, em 10 de junho de 1924<sup>277</sup>.

Durante este período de crise, que acarretou na prisão de membros do PNF, reportagens sobre o PPI novamente caíram no ostracismo, tendo em vista que as principais articulações eram promovidas por fascistas e socialistas. Apesar disso, em momentos circunstanciais, o *Il Corriere d'Italia* seguiu defendendo seus posicionamentos anteriores ao demonstrar seu apoio aos populares, como na reportagem de 25 de abril de 1924:

Os resultados definitivos das eleições em Itália ainda não se concretizaram, mas os últimos telegramas trazem os seguintes números; Ministerial 375, Popular 40, Socialistas Unitários 25, Socialistas Massimalistas 22, Comunistas 17, Liberais Democratas 17, Oposição Constitucional 12, Democratas 11, Republicanos 7, Minorias Étnicas 4, Partido Agrário 3, Partido Sardo 2. Assim, após a votação, quem triunfou nesta eleição foram precisamente os odiados, que reportaram ao Parlamento 40 homens, unidos e disciplinados. A união faz a força.<sup>278</sup>

Isto também fica visível na reportagem do mesmo jornal, datada de 04 de junho de 1925:

<sup>274</sup> BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 48.

<sup>275</sup> FLORIANI, Giorgio. **Cento anni di scuole italiane all'estero**. Roma: Armando Editore, 1974, p. 75.

<sup>276</sup> BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 49.

<sup>277</sup> *Il Corriere d'Italia*, 03 jul. de 1924.

<sup>278</sup> *Il Corriere d'Italia*, 25 abr. de 1924.

Em toda a política de nova geração, a ação popular Católica teve uma grande influência. A existência do P.P.I, partido de massa católico e democrático, revelou novas possibilidades da Ação Católica, que ninguém se atreve a se opor.

Um importante partido católico agora atua fortemente, a concepções de todos os jovens dos partidos de esquerda, é que eles aprenderam a encarar os democratas-cristãos sem a hostilização tradicional.<sup>279</sup>

Sobre estes fatos, cabe destacar a diminuição de políticos eleitos pelo partido popular italiano, quando se comparam os resultados obtidos pela legenda nas eleições de 1921<sup>280</sup> com as de 1924, apesar do *Il Corriere d'Italia* não destacar esta diminuição de representatividade, evitando, como relatado em outros momentos, um desalinhamento dos colonos perante os princípios expressos pelo jornal editado pelos scalabrinianos, situação ocorrida, em maior ou menor grau, na segunda metade da década de 1920 na serra gaúcha.

Além disso, outra informação a ser retirada desta publicação de 25 de abril de 1924, é um possível ódio existente em certos segmentos sociais contra o PPI, fato que pode corresponder ao retorno das hostilidades com o PNF no decorrer daquele ano<sup>281</sup>.

### **2.2.2 A articulação dos partidos socialista e comunista e o repúdio destas perspectivas ideológicas pelo *Il Corriere d'Italia*.**

“O Povo italiano se levanta contra o socialismo”<sup>282</sup>. Essa era a chamada principal da coluna de capa denominada “Telegrammi”, do jornal *Il Corriere d'Italia* de 30 de julho de 1920.

Desde que este tipo de coluna passou a ser desenvolvida, no terceiro ano de produção do jornal, mas com o nome de “Telegrammi della Guerra”, esta geralmente não vinha acompanhada de uma chamada principal, tendo apenas a função de agrupar diferentes assuntos e acontecimentos ocorridos em solo pátrio e de interesse italiano. Logo, é possível destacar que a inserção de um subtítulo principal, para uma das notícias articuladas no “Telegrammi”, pode não ter sido desenvolvida de maneira circunstancial, ou sem qualquer motivação, mas com o intuito de ser visualizada por um maior número de leitores.

Tal fato pode ter ocorrido pelo assunto que seria abordado pelo jornal, ou seja, o socialismo, doutrina que se evidenciava como um grande desafeto por parte do editorial carlista,

<sup>279</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 jun. de 1925.

<sup>280</sup> *Il Corriere d'Italia*, 27 mai. de 1921.

<sup>281</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 abr. de 1924.

<sup>282</sup> *Il Corriere d'Italia*, 30 jul. de 1920.

que a enxergava como, essencialmente anticristã e, conseqüentemente, permeadora de instabilidades revolucionárias<sup>283</sup>, sendo esta conduzida na Itália pelo PSI, desde 1892, caracterizando-se por ideais reformistas, acreditando nas vantagens que o operário adquiriria atuando nas engrenagens do Estado democrático e em uma transição longínqua e pacífica, porém segura, para o socialismo.<sup>284</sup>

Segundo o *Il Corriere d'Italia*, a aplicação dos princípios marxistas seriam devastadores, tanto para a nação quanto para os indivíduos que nela habitam, sendo estes afetados ao ponto de suas essências se corromperem. Com isso, um ex-socialista dificilmente se libertaria de ser constantemente julgado por seus pares, independente do indivíduo alterar sua postura perante as causas e movimentos de cunho marxista. Um exemplo que pode ser citado é o caso de Benito Mussolini, que durante diversos momentos de sua vida passou por contestações, tanto quando esteve envolvido com a causa socialista, trabalhando para o jornal *Avanti!*<sup>285</sup>, como em outras circunstâncias, já defendendo as perspectivas fascistas para o funcionamento do governo e da sociedade<sup>286</sup>.

Sobre o *Avanti!*, é imprescindível destacar que o jornal italiano possuiu uma versão similar em terras brasileiras, sediado na cidade de São Paulo<sup>287</sup>, tendo, ao manter este nome, o objetivo de demonstrar similaridade com a publicação desenvolvida na península pelo PSI. Este jornal, produzido em língua italiana e tendo uma periodicidade semanal, estaria comprometido em ressaltar os pareceres referentes às propostas marxistas e, conseqüentemente, buscaria difundir centros operários por todo o país<sup>288</sup>.

Retornando às tratativas inerentes a questão do *Il Corriere d'Italia*, é relevante destacar que esta contestação à ideologia socialista se tornou ainda mais constante no início da década de 1920, período onde a política italiana aparentou forte polarização, semelhante ao ocorrido em outras nações europeias no pós-guerra, como na Alemanha de Weimar<sup>289</sup>.

Com os ânimos aflorados e os interesses contrários às lógicas marxistas capitaneadas pelo PSI emergindo de forma latente, é possível acreditar que os acontecimentos registrados

<sup>283</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 ago. de 1920.

<sup>284</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 193.

<sup>285</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 jan. de 1915.

<sup>286</sup> *Il Corriere d'Italia*, 05 ago. de 1921.

<sup>287</sup> Em 1914, o *Avanti!* chegou a difundir 8000 cópias na cidade de São Paulo e nas cidades circunvizinhas, tiragem muito significativa quando comparada a tiragem de outras publicações étnicas reproduzidas nesta cidade brasileira e em outras localidades de significativa influência italiana. SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diáspora italiana e dell'immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010, p.62.

<sup>288</sup> BIONDI, Luigi. **Classe e Nação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 295.

<sup>289</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945**. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 41.

pelo jornal em 30 de julho de 1920 foram ansiados pela publicação, visto que eles demonstravam um certo descontentamento por parte de alguns segmentos sociais perante o PSI e sua doutrina, além de destacar a falta de capacidade da legenda em controlar movimentos grevistas, como já havia ocorrido em outros tempos<sup>290</sup>.

Esta realidade, amplamente enfatizada pelo jornal carlista, seja por meio do corpo do texto ou pelos elementos inéditos presentes nas reportagem, também demonstravam de forma latente, o recado que o semanário buscava transmitir aos segmentos coloniais, advertindo as problemáticas de permitir que os princípios difundidos por socialistas ganhassem corpo nas cidades gaúchas, ideologia com potencial de causar distúrbios, tanto no campo como nas fábricas, possibilitando, até mesmo, a morte de inocentes, da mesma forma como vinha ocorrendo no exemplo italiano:

Os levantes revolucionários, greves, as intrigas dos socialistas e as façanhas dos anarquistas começaram a cansar seriamente o povo, o que inaugurou uma represália terrível. A caça aos deputados socialistas, chefes e organizadores é geral em todo o país. Em Roma, após uma grande manifestação em honra da Rainha, os populares atacaram em massa a redação do jornal socialista - *Avanti* - revirando a maquinaria. Em seguida, foram aos distritos, enfrentando todos os socialistas que eles conheciam, ferindo o deputado Modigliani. Os socialistas declararam vingança por meio de uma greve geral de 24 horas ... greve que terminou em fiasco. Motoristas de bonde queriam, em protesto, sair com os bondes com bandeiras vermelhas. A multidão atacou os bondes, rasgou banners e bandeiras. No dia seguinte o povo assaltou o jornal - *Época* - onde se imprimi o - *Avanti* -. Há muitos mortos e feridos.<sup>291</sup>

Reportagens com este cunho, de aceitação à violência e, de certo modo, à censura, não eram comuns nas páginas do *Il Corriere d'Italia*, que, em nenhum outro momento, havia justificado ações deste perfil como se fossem retaliações sensatas às atitudes de determinados grupos que compunham a nação. Porém, neste dia, o ataque à redação do *Avanti!*<sup>292</sup> foi aceito com certa naturalidade e, posteriormente, não ocorreram quaisquer menções condenatórias em relação a atitude destes populares, fato incomum para um jornal que em diversos outros momentos se utilizou de notas editoriais para criticar ações promovidas por pessoas ou nações contra princípios que este julgava primordial, como a defesa das forças armadas italianas<sup>293</sup>, a italianidade<sup>294</sup>, o catolicismo, ou a defesa dos bons costumes e da ética cristã nas cidades coloniais.

---

<sup>290</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>291</sup> *Il Corriere d'Italia*, 30 jul. de 1920.

<sup>292</sup> Ressalta-se que este ataque provocado contra esta redação do jornal *Avanti!* não, foi de qualquer modo, algo inusitado na história italiana, sendo emblemática a destruição que a sua sede sofreu no ano de 1919, em Milão (PALLA, Marco. **A Itália Fascista**. São Paulo: Ática S.A. 1996, p.15).

<sup>293</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 ago. de 1918.

<sup>294</sup> *Il Corriere d'Italia*, 06 ago. de 1915.

Nos dias seguintes, novas publicações ressaltaram a ocorrência de tumultos promovidos por “socialistas”<sup>295</sup>, além de serem destacados os perigos que a nação sofria pela existência desta doutrina em suas terras.

Todavia, não faltaram situações em que o fantasma vermelho fosse desconsiderado, visto que não seria possível crer em um alinhamento do destino italiano com o que havia ocorrido com a Rússia em 1917. Isto se fundamentou na ancestralidade da Itália, passado que impossibilitaria a desmoralização do presente e a corrupção do futuro da nação, apesar de setores conservadores desta sociedade se mostrassem temerosos com a manutenção desta ideologia na Itália<sup>296</sup>:

Dois telegramas de Londres e Nova York têm feito soar o alarme sobre a situação italiana, afirmando que a qualquer momento, a bandeira bolchevique poderá ser hasteada em cada uma das cidades da nação. (...)

(...) Mas podem ficar tranquilos, britânicos e norte-americanos, apesar de suas manobras contra nós ... a Itália ainda é a Itália! Tudo o que o alarme tem a declarar é que os trabalhadores metalúrgicos ocuparam as fábricas dos patrões, impedindo o trabalho até que eles alterem as novas reformas propostas. Os industriais, aparentemente estão dispostos a ceder, e um acordo é iminente. Giolitti se declarou neutro sobre isso, na esperança de existir bom senso nos trabalhadores e boa vontade nos proprietários, possibilitando uma solução feliz, pronto para intervir e reprimir - com armas na mão - qualquer atentado à liberdade, e à ordem pública.<sup>297</sup>

Analisando as afirmações promovidas pelo *Il Corriere d'Italia* em 17 de setembro de 1920, pode-se perceber certa similaridade com o que foi articulado pelo jornal em 30 de julho deste mesmo ano, onde novamente é destacada a aceitação do uso da força para a manutenção da estabilidade do país, neste caso, na forma de uma alternativa viável para a recuperação das fábricas por parte do patronado nacional.

Embora fique evidente que o *Il Corriere d'Italia* não considere esta alternativa como a mais interessante para a resolução da questão grevista, salta aos olhos a naturalidade com que o discurso referente a utilização de armas contra trabalhadores italianos passa a ser aceito, algo aparentemente inviável em tempos anteriores.

Esta alteração de parecer sobre a validade destas vidas demonstra que, apesar da aura de confiança referente a uma Itália anticomunista ser aparente nas páginas deste jornal, em diversos momentos esta sobriedade acabava definhando, em virtude do medo de uma possível

<sup>295</sup>O termo “socialista” foi empregado de forma generalista na edição de 10 de setembro de 1920, quando foram abordados transtornos provocados por populares em favor do restabelecimento das relações internacionais entre Itália e Rússia.

<sup>296</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 46.

<sup>297</sup> *Il Corriere d'Italia*, 17 set. de 1920.

vitória marxista a nível federal, ou pior, que esse segmento político passasse a ser apoiado dentro das fileiras coloniais que, por ventura de estar sob a tutela dos scalabrinianos, evidenciaria a total falência da Ordem no zelo da moral e ética dos seus protegidos que, indiferente dos seus esforços, se inclinariam a toda lógica de práticas anti-cristãs, como eram consideradas as os princípios de cunho marxistas.

Tendo em vista tais circunstâncias, destaca-se que, entre todas as possibilidades políticas existentes tanto na Itália como Brasil, o comunismo acabava por se tornar a mais temida pelo jornal, apesar de serem evidentes as práticas negativas promovidas por membros de outras legendas políticas em solo italiano, como os distúrbios públicos<sup>298</sup> e assassinatos<sup>299</sup> provocados por indivíduos ligados ao FIC, fatos muitas vezes ignorados, ou minimizados em circunstâncias que este obscurecimento pudesse enfraquecer quaisquer possibilidade de ascensão socialista, que nos primeiros seis meses de 1920 já contava com 59 sedes e mais de 300 clubes e organizações culturais atacados, além da destruição do seu potencial de propaganda, tendo em vista o vandalismo que 17 gráficas e editoras de orientação marxista ou que aceitavam trabalhar com o partido haviam sofrido, inviabilizando, com isso, o seu trabalho<sup>300</sup>:

Turati, o verdadeiro socialista dos socialistas, em um discurso para a câmara, condenou a violência fascista contra os socialistas, apelando para a colaboração em nome da Itália e da humanidade .. Oh tantas besteiras faladas no púlpito! .. Turati envelheceu e perdeu a memória. Quem criou a violência fascista? A violência Socialista ... Esqueceu Turati as infâmias socialistas contra os pobres católicos, contra os populares? Hoje queixa-se, hoje condena, agora invoca união e colaboração ... depois de 30 anos pregando e praticando a violência.<sup>301</sup>

Em todo este contexto, dificilmente pode se encontrar situações em que um partido passou por mais questionamentos do que as legendas de cunho marxista, aonde, em diversos momentos, seus fracassos eleitorais foram exaltados, até mesmo em circunstâncias em que, nas urnas, o resultado não tenha sido insatisfatório.

Fora do ambiente das eleições, a conduta pública destes partidos, o socialista e o comunista, também passava por constante vigilância, principalmente entre os anos de 1921 a 1924, época onde os conflitos entre fascistas e os grupos de orientação marxista se mantiveram em clara evidência nas páginas do jornal scalabriniano da serra gaúcha<sup>302</sup>, em virtude dos seus

---

<sup>298</sup> *Il Corriere d'Italia*, 25 nov. de 1921.

<sup>299</sup> *Il Corriere d'Italia*, 17 jul. de 1924.

<sup>300</sup> PAXTON, Robert. **Anatomia do Fascismo**. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 110.

<sup>301</sup> *Il Corriere d'Italia*, 09 jul. de 1921.

<sup>302</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 out. de 1921.

inúmeros enfrentamentos em praticamente todos os grandes centros urbanos italianos. No campo administrativo, a pressão perpetuada pelo jornal também era significativa, visto que quaisquer problemas econômicos apresentados por municípios governados por socialistas<sup>303</sup> ou comunistas eram noticiados por ele, apesar deste comportamento não ocorrer em jurisdições controladas por fascistas, populares ou outras siglas que possuíssem maior aceitação política por parte do *Il Corriere d'Italia*.

Com o constante enfraquecimento das legendas marxistas, torna-se clara a criação de um vácuo de poder no seio político italiano, espaço que rapidamente foi ocupado por representantes ligados ao PNF, que em dois anos viu sua base de sustentação política ser ampliada exponencialmente, passando dos 31 *fasci* em dezembro de 1919, para os surpreendentes 2200 *fasci*, como mais de 320.000 inscritos em novembro de 1921<sup>304</sup>.

Este partido se fortaleceu por meio da articulação de um discurso ligado às frustrações de diversos setores da sociedade italiana e até mesmo das comunidades imigrante na serra gaúcha<sup>305</sup>, ao defender a obtenção de vantagens para a nação a partir da reanálise dos acordos de paz da Grande Guerra e, com isso, alcançar uma “vitória”<sup>306</sup> *de facto* para o país. Tal retórica era significativa, visto que, apesar dos triunfos militares obtidos nos confrontos serem percebidos como uma realidade consumada, o processo diplomático do pós-guerra teria sido maculado pelas poucas conquistas obtidas em Versalhes, fato que frustrou muitos cidadãos italianos que enxergavam os sacrifícios da guerra como mais relevantes do que as recompensas alcançadas por meio dela.

Este constante e vigoroso crescimento da presença fascista na Itália, apesar de ser apoiado por diversos segmentos sociais, acabou não agradando a todos os setores da Igreja, visto que muitos deles enxergavam que os frutos deste processo seria a constituição de uma organização que disputaria com a cúria romana a influência perante a sociedade civil<sup>307</sup>, algo

---

<sup>303</sup> *Il Corriere d'Italia*, 17 mar. de 1922.

<sup>304</sup> GENTILE, Emilio. Itália Fascista: do partido armado ao Estado Totalitário. in. GENTILE, Emilio & FELICE, Renzo de. **A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo**. Tradução de Fátima Conceição Murad. São Paulo: Ícone Editora, 1988, p. 8.

<sup>305</sup> Na reportagem do dia 17 de novembro de 1922, se percebe a defesa da perspectiva de que as populações italianas localizadas na América Latina ainda eram italianas, quando Mussolini as denominou desta maneira, diferente de outras lideranças que estiveram nesta situação, como o embaixador italiano no Rio Grande do Sul em 1918, Victor Luciani (**Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. 1918, p. 32, 33). Agindo desta maneira, a liderança fascista angariava apoio de imigrantes possuidores de certos problemas de identidade, visto que muitos desses não compreendiam ao certo se eram afiliados a cultura dos seus novos países ou ainda permaneciam ligados à pátria italiana.

<sup>306</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 abr. de 1921.

<sup>307</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 59.

que estava, aparentemente, sob controle quando a rivalidade se dava com as instâncias socialistas instauradas na Itália<sup>308</sup>.

Nesta lógica de ampliação da atuação fascista, percebe-se também um escalonamento da violência e da agressividade provocada pelo partido, tanto contra as vertentes marxistas como a dos demais segmentos políticos e sociais presentes em solo italiano. Conforme isso ocorria, os holofotes que antes estiveram presentes nos populares, socialistas e comunistas, migraram de forma abrupta para o mais relevante dos partidos políticos italianos da década de 1920, o ligado aos grupos fascistas, tendo em vista que o futuro desta legenda acabou por se fundir com as perspectivas de sucesso deste Estado nacional.

### 2.2.3 O fascismo de Benito Mussolini: A corrupção da ideologia liberal.

Em 11 de março de 1921 o *Il Corriere d'Italia* trouxe em suas páginas, mais um dos diversos distúrbios que sacudiram a sociedade italiana no pós-guerra. Desta vez, as ações teriam sido articuladas por segmentos fascistas e socialistas italianos, situação que teria sido permitida pelo Primeiro Ministro Giovanni Giolitti que, segundo o jornal, não contornava os atos provocados por estes grupos devido a existência de interesses políticos:

A luta entre os socialistas e fascistas está mais viva e sangrenta do que nunca. A Spezia, Pescia, e em Florença, há mortos e feridos. Os fascistas aumentaram a violência. E Giolitti, o que faz? Deixou que fizessem o que quisessem... Alguns dizem ser interessante, para ele, o inchaço desse vulcão. Para o triunfo do seu partido e... ele vai dissolver a Câmara. Esta é a política Giolittiana... tão nefasta para a Itália quanto a fascista e a socialista!...<sup>309</sup>

A problemática situação encontrada na Itália se tornou ainda mais complexa nas semanas que se seguiram, graças a ocorrência de uma onda de violência que varreu o país, repetindo situações que já haviam ocorrido em anos anteriores<sup>310</sup>.

Tais fatos foram desencadeados em virtude dos efeitos ocasionados pela participação italiana na Grande Guerra, que haviam levado a nação a possuir níveis crescentes de desemprego e miséria<sup>311</sup>. Em virtude destas ações, a câmara foi dissolvida e novas eleições foram convocadas, assuntos que ganharam grande importância nas páginas do *Il Corriere d'Italia*.

---

<sup>308</sup> PARIS, Robert. **As Origens do Fascismo**. Tradução de Elisabete Perez. São Paulo: Perspectiva S.A., 1976, p. 73.

<sup>309</sup> *Il Corriere d'Italia*, 11 mar. de 1921.

<sup>310</sup> BERTONHA, João. **Os Italianos**. São Paulo, Editora Contexto: 2014, p. 197.

<sup>311</sup> *Ibid.*, p. 195.

A luta entre fascistas e socialistas que parecia diminuir, teve um sobressalto terrível nos dias de hoje. Em Milão, uma bomba explodiu no teatro Diana. Há 30 mortos e 100 feridos. A bomba foi lançada por mãos socialistas e comunistas. Os fascistas em uma retaliação feroz atacaram o *Avanti*, um órgão dos socialistas, mas foram repelidos a força. Em seguida, eles foram para a elaboração do jornal Nova Humanidade dos comunistas malatestianos, e a destruíram.

Tendo se confirmado o rumor de que Giolitti dissolveria a câmara, o socialista Modigliani declarou que a Coroa não tinha o direito de promover esse ato. Contra sua afirmação, protestaram ferozmente Giolitti e ministros, reivindicando ao poder do rei e toda sua lealdade. Segundo Modigliani, não poderia existir decisão republicana mais infeliz. Giolitti, apesar de tudo que foi falado por Modigliani, dissolveu a câmara. Agora, mais bonito do que isso, você nunca vai encontrar. Socialistas batendo em fascistas, comunistas furiosos com os socialistas, um pouco de crise no extenso Partido Popular...

Giolitti sabe muito bem, por ter de viver em Roma, o ditado "dividir e governar, dividir e comandar". Bem, o velho não dorme em uma cama de rosas. Sua política interna, fraca e oportunista, dá seu amargo fruto hoje. Não veríamos na Itália a prepotência socialista, a agressividade fascista, e a insolência comunista se o governo possuísse um homem enérgico e verdadeiramente justo. Desgraçadamente, a Itália e o governo carecem de um homem assim.<sup>312</sup>

Neste dia, outras menções aos conflitos e atentados também foram reproduzidas, evidenciando o choque e a irritação das populações italianas com a barbárie promovida na cidade de Milão.

Curiosamente, a maioria destas declarações focavam no repúdio das massas perante as atrocidades que teriam sido causadas pelos socialistas. Em contrapartida, atos de violência e vandalismo articulado por fascistas, apesar de relatados, não eram declaradamente criticados, apesar de alvos deste movimento se repetirem ao longo da história, como o jornal *Avanti*, que desde os anos finais da década de 1910, se fazia vítima dos ataques proferidos pelos *camisas-negras*<sup>313</sup>.

Além disso, é preciso observar a postura do *Il Corriere d'Italia* em suas declarações do dia 01 de abril de 1921. Nelas, fica evidente, em praticamente todos os momentos, o descontentamento do jornal com a instabilidade causada pelos atos cometidos naquele dia. Todavia, segundo o jornal, existiram circunstâncias para se enxergar o lado positivo desta situação, visto que, por meio destes escândalos, fascistas, comunistas e socialistas tornaram suas relações ainda mais conflituosas na câmara de deputados, além de fragilizarem a sua imagem perante a opinião pública.

<sup>312</sup> *Il Corriere d'Italia*, 01 abr. de 1921.

<sup>313</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 32.

Sobre isso, é necessário destacar que, neste contexto, também é evidenciado pelo jornal que as circunstâncias em questão colocam o PPI em crise, apesar de não se dar muito enfoque nesta conjuntura, provavelmente em virtude deste partido receber constante apoio do *Il Corriere d'Italia* e pelo momento em que ocorria a presente instabilidade, ou seja, às vésperas da possível confirmação de novas eleições, que seriam marcadas para o dia 15 de maio.

Com a reabertura do processo eleitoral, o *Il Corriere d'Italia* voltou a se rearticular, geralmente condenando os projetos políticos encabeçados por socialistas e marxistas e, como visto em tempos anteriores, defendendo as perspectivas políticas desenvolvidas pelo PPI<sup>314</sup>.

Entretanto, é interessante deixar claro que, diferentemente de outras circunstâncias, os objetivos propostos pelos fascistas foram percebidos como positivos, ao defenderem a concretização de uma vitória de *facto* para a Itália na Grande Guerra de 1914, a partir da reanálise dos tratados de paz desenvolvidos após o fim das hostilidades.

Todavia, ainda nesta publicação favorável aos fascistas, o jornal também deixa claro o seu repúdio perante as suas lideranças, entre elas, Mussolini<sup>315</sup>, além de reiterar, posteriormente, que a essência liberal do movimento fascista havia se corrompido ao longo do tempo e, por causa disso, não apoiaria a sua causa, apesar de sua inclinação em rever os resultados obtidos com a conclusão da Grande Guerra:

Se as eleições nos derem uma câmara séria e disciplinada, Itália logo será curada de seus ferimentos, e recuperará sua glória que está armazenada no concerto das grandes nações... Alguns gostariam de atribuir a ação fascista a esta melhoria. Não... nós não compartilhamos desta opinião. As lutas selvagens e terríveis dos fascistas contra os socialistas são graves e afetam os homens justos... Todos concordam que o fascismo se desviou da sua linha primitiva que era a legítima defesa da liberdade, da vida, da propriedade, ameaçada pela insolência comunista. Mas agora o fascismo passou a atacar tudo o que não é o fascismo .. Com isso, a Itália se transformou em um vasto campo de guerra civil (...)<sup>316</sup>

É possível, por meio desta publicação, afirmar a probabilidade de existir um debate público sobre as virtudes dos fascistas em solo colonial, a partir do momento em que o jornal argumenta sobre a existência de pessoas que faziam relação entre uma hipotética recuperação da Itália perante a sua crise política e econômica e a atuação fascista, visto que, por meio destes acontecimentos, socialistas e comunistas estariam sendo enfraquecidos.

Permanentemente contrários a esta possibilidade, no dia 03 de junho de 1921 os editores do *Il Corriere d'Italia* dedicaram um espaço considerável do jornal para satirizar o discurso de

---

<sup>314</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 abr. de 1921.

<sup>315</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 abr. de 1921.

<sup>316</sup> *Il Corriere d'Italia*, 29 abr. de 1921.

Mussolini e dos demais fascistas na reabertura da câmara dos deputados, acusando suas argumentações republicanas de tendenciosas e seguidoras de interesses particulares, como se essas considerações de cunho democrático não combinassem com as ações anteriores destes indivíduos. Além disso, tal conduta estava alinhada com a disputa de poder existente na Itália entre setores da Igreja Católica e grupos fascistas, tendo em vista a perda progressiva de espaço que os primeiros sofriam perante os segundos<sup>317</sup>, fato que incomodou, de certo modo, as agremiações scalabrinianas que percebiam a evolução da presença fascista em sua área de atuação, balizada na questão imigrante<sup>318</sup>.

Esta animosidade entre as partes, ou seja, das lideranças fascistas e dos editores do *Il Corriere d'Italia*, poderia ter sido arrefecida em virtude do discurso proferido por Mussolini na câmara dos deputados em 01 de julho de 1921, onde este defendeu o restabelecimento das relações entre a Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado Italiano.

O interesse nesta retórica, por parte dos scalabrinianos, era gritante, visto que desde o surgimento da Ordem, existia um claro apelo pelo fim da hostilidade entre as partes:

O pensamento scalabriniano era basicamente marcado pelo objetivo de reconciliar o Estado italiano à Igreja, ruptura aprofundada com a unificação italiana e a instauração do estado liberal. O pensamento de D. Scalabrini convergia para a união entre pátria e religião, em um contexto histórico em que os dois campos encontravam-se em oposição.<sup>319</sup>

Como geralmente ocorria, o *Il Corriere d'Italia* demonstrou certa coerência ao verbalizar sobre a ação de Mussolini, exaltando ela como correta e, por causa disso, destrinchando elogios sobre a postura adotada pelo político na câmara dos deputados, apesar de inicialmente não compreender como um indivíduo que já havia sido contrário aos preceitos da Igreja e do Papa poderia defender os seus interesses no presente momento:

Na câmara italiana, o Srº Mussolini (o famoso blasfemador de Cristo e do Papa em 1917) fez um discurso sensacional, declarando que a Itália deve fazer a paz com o Papa, e que as relações devem ser estabelecidas entre o Quirinal e o Vaticano. Centenas de milhões de almas - gritou o orador - olham para a Roma católica como o centro do universo: e isso dá grande força moral para a Itália.<sup>320</sup>

<sup>317</sup> BERTONHA, João Fábio. **Sob o signo do fascio**: o fascismo, os imigrantes e o Brasil, 1922-1943. São Paulo: Tese de doutoramento, defendida na UNICAMP, 1998, p. 42.

<sup>318</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 59

<sup>319</sup> VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p.56.

<sup>320</sup> *Il Corriere d'Italia*, 01 jul. de 1921.

Uma reportagem neste sentido se mostrou inusitada, visto o ineditismo de elogios serem desferidos quanto as articulações de Mussolini, algo que nunca havia acontecido, dado que o *Il Corriere d'Italia* utilizava a maior parte do seu material para satirizar o deputado nos momentos em que sua figura era trabalhada, chegando ao ponto de até mesmo denomina-lo de “bobo da corte”<sup>321</sup> ainda na década de 1910, quando o mesmo não havia alçado a carreira política.

Porém, apesar desta inclinação mais positiva sobre a ação desencadeada pelo deputado, a desconfiança do *Il Corriere d'Italia* ainda se mantinha, realidade demonstrada na segunda parte da mesma reportagem:

(...) Mussolini falando assim? E em plena câmara italiana cheia? Estamos vendo a formação desta querida paz entre a Igreja e Itália, algo tão desejado por todo o espírito justo, tanto invocado pelos italianos? Seria um inimigo jurado que agita a oliveira? Se Deus quiser! Certos de que o nosso povo não vai por algum tempo começar a abrir seus olhos ... e ver como a Itália perde, tristemente, a relação com o Papa, e como seria honrosa a reconciliação (...)<sup>322</sup>

A despeito da não apreciação da sua imagem pública e de ser identificado como um dos inimigos da Igreja, possivelmente, Mussolini poderia passar a ser visto como uma opção política interessante, caso mantivesse o discurso favorável ao restabelecimento das relações entre a Igreja e o Estado italiano, além de diminuir o ímpeto das ações agressivas promovidas pelos membros do FIC.

Reforçando esta linha de raciocínio, em 12 de agosto de 1921, foi noticiado pelo *Il Corriere d'Italia* uma trégua entre fascistas e socialistas, movimento que poderia alavancar ainda mais as expectativas do jornal sobre os primeiros, apesar de ressalvas ainda serem feitas sobre o tempo que esta paz duraria, levando a crer que as inseguranças do editorial se mantiveram em níveis semelhantes a períodos anteriores, a despeito das alterações superficiais na conduta das lideranças fascistas.

Porém, ainda com estes passos em direção a estabilidade, esta nova conjuntura política não se manteve e, no alvorecer de outubro, o *Il Corriere d'Italia* abordou novas cenas de terror protagonizadas por fascistas e socialistas em diferentes localidades da nação. Tal fato demonstrou que seria muito complicado para o semanário apoiar os seguidores de Mussolini e que, apesar das alterações de conduta articuladas ao longo de 1921, este segmento continuava

---

<sup>321</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 jan. de 1915.

<sup>322</sup> *Il Corriere d'Italia*, 01 jul. de 1921.

por ter uma postura selvagem socialmente e politicamente, se distanciando cada vez mais das perspectivas liberais:

Infelizmente, a trégua entre fascistas e socialistas foi de curta duração. Em qualquer lugar ocorre o ressurgimento da luta sangrenta; Bari um deputado socialista morto, em Modena outro gravemente ferido e cinco ou seis fascistas mortos. O jornal do famigerado Nitti acusa ninguém menos que o Duque de Aosta como cúmplice dos movimentos fascistas. Em protesto contra a violência fascista e a morte de deputados socialistas foi implementado uma greve geral de 24 horas.<sup>323</sup>

Quanto a isso e trabalhando mais especificadamente o âmbito colonial, o debate sobre a aceitação de tais correntes, sejam elas fascistas ou até mesmo de cunho marxistas, podem ser identificadas como recorrentes, em virtude do volume de material produzido sobre estas temáticas, tanto pelo *Il Corriere d'Italia*, como por outros jornais regionais, caso do *Staffetta Riograndense*<sup>324</sup>.

Nestes semanários, como assinalado em diversos momentos desta dissertação, a análise realizada se dá sobre fatos ocorridos em solo italiano, muitas vezes sem relatar, de forma incisiva, o que era articulado politicamente nos municípios de Bento Gonçalves, Caxias do Sul ou Garibaldi.

Todavia, em virtude da localização do público leitor de tais jornais, o intuito de demonstrar fatos desenvolvidos no outro lado do Atlântico, além de notificar os imigrantes e descendentes sobre certos acontecimentos, também era orientar os mesmos sobre como estes deveriam se comportar perante o que ocorria na Itália.

Obviamente, o alinhamento dos colonos segundo os pareceres do jornal possuíram níveis variáveis de efetividade, visto que em diversas situações os objetivos mensurados pelas publicações acabaram obtendo um resultado irrisório, como a questão do fascismo que, apesar de ser constantemente bombardeado pelo semanário carlista, acabou por ter, ao longo do tempo, significativa aceitação dentro do seio colonial, fazendo com que o próprio jornal modificasse a sua maneira de conduzir reportagens sobre esta ideologia em seus últimos anos em circulação.

### **2.3 A Ascensão fascista e a crise da democracia italiana.**

Após os eventos da Primeira Guerra Mundial, é possível perceber uma constante na política italiana, que passou a ser marcada pelo acirramento dos ânimos e pela bipolarização.

---

<sup>323</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 out. de 1921.

<sup>324</sup> *Staffetta Riograndense*, 09 nov. de 1927.

Esta situação acabou por ampliar as tensões entre grupos presentes nos extremos ideológicos da nação, geralmente personificados por legendas políticas, as de esquerda lideradas principalmente pelo PSI e, do outro lado, as linhas fascistas, que passaram a ter um maior nível de organização e atuação por meio da criação do Partido Nacional Fascista (PNF), agremiação que ocupou o lugar do extinto PRF.

No decorrer das conflagrações promovidas por ambos os grupos, o *Il Corriere d'Italia*, como de costume, noticiou os eventos, geralmente demonstrando grande preocupação com a violência provocada por eles. Todavia, apesar do grau de agitação promovida ser similar, não podendo se distinguir de maneira gritante atos agressivos fomentados por militantes do PSI ou do PNF, a tendência inicial do jornal carlista era relatar de maneira mais crítica as ações acionadas por socialistas<sup>325</sup>, muito em virtude de seu histórico posicionamento antimarxista, sentimento que só seria articulado de maneira similar contra os membros do PNF na posteridade, principalmente quando estes passaram a afetar a agenda política de grupos cristãos, tanto no ambiente civil como no congresso, ação perceptível nos ataques promovidos por fascistas contra a independência política dos filiados ao PPI<sup>326</sup>.

A escalada de violência também acompanhou o crescimento do PNF nas seções eleitorais. Tal resultado se deu principalmente por meio de uma propaganda balizada em criticar o desgastado governo liberal, os resultados obtidos pela Itália na Primeira Guerra Mundial<sup>327</sup> e as greves generalizadas articuladas pelo PSI<sup>328</sup>, fatores que acabaram ampliando a influência da legenda fascista, que antes do fim da primeira metade da década de 1920, já conseguia controlar sozinha a Câmara legislativa italiana, colocando na pauta do seu governo, muitas das ações que já haviam sido articuladas pelo partido antes de sua chegada no poder, ou seja, atos de violência significativos, repressão de segmentos oposicionistas e censura a publicações identificadas como contrárias aos ideais objetificados pelo partido<sup>329</sup>.

Nesta conjuntura, de constante fortalecimento do *Duche* e de seus seguidores, tanto na Itália como nas colônias presentes no Brasil, outras agremiações acabaram sendo severamente enfraquecidas e o apoio desferido pelo *Il Corriere d'Italia* acabou minguando, sendo ampliado o foco do editorial em promover um jornalismo mais religioso e menos preocupado com o desenrolar político peninsular. Deste modo, diferentemente do que foi visto nos primeiros anos da década 1920, ao longo de 1924 e 1925, poucas reportagens sobre o PPI e outras bandeiras

---

<sup>325</sup> *Il Corriere d'Italia*, 09 jul. de 1921.

<sup>326</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 abr. de 1923.

<sup>327</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 abr. de 1921.

<sup>328</sup> *Il Corriere d'Italia*, 01 abr. de 1921.

<sup>329</sup> *Il Corriere d'Italia*, 09 jun. de 1925.

político-cristãs acabaram sendo desenvolvidas, apesar de algumas notícias sobre a figura do rei Vitor Emanuel III serem mantidas. Para este semanário pró-pátria e favorável à monarquia de Savóia, o representante da casa real italiana se evidenciava como a última barreira moral da Itália perante a ameaça promovida pelo PNF. Seus atos de poder eram ressaltados de maneira gritante pelo jornal, que evidenciava qualquer contenda que o mesmo tivesse com Mussolini e acabasse por sobrepujá-lo<sup>330</sup>.

Apesar de existirem algumas vitórias pessoais do monarca perante o *Duce*, se tornava inquestionável, tanto para publicações pró-fascista<sup>331</sup>, como pelo editorial scalabriniano, que após 1925, Mussolini, como nunca antes, exercia uma formidável liderança política dentro do Estado italiano e sua lógica de governo, tão defendida durante sua escalada de poder, seria aplicada de forma constante, tanto por ele quanto pelos militantes e afiliados do PNF.

### **2.3.1 Os Escândalos do partido fascista e o repúdio do *Il Corriere d'Italia*.**

Em 09 de novembro de 1921, Mussolini, em conjunto com as antigas lideranças do FIC, acabaram por criar um novo partido fascista na Itália. Esta legenda política que possuía o objetivo de substituir o FIC e, por meio disso, obter melhores resultados nas próximas eleições legislativas, foi batizada de Partido Nacional Fascista (PNF) e não diferia muito da sua antiga nomenclatura, visto que possui objetivos semelhantes, apesar de agora incorporar em suas fileiras os Grupos Italianos de Combate.

Este importante acontecimento foi registrado nas páginas do *Il Corriere d'Italia* no dia 18 de novembro de 1921 e, como de costume, veio acompanhada de novos escândalos comumente reproduzidos por socialistas e fascistas na Itália:

Foi realizado o Congresso Nacional dos fascistas, que foi transformado em um partido político. Ocorreu nesta ocasião, novos conflitos entre fascistas e comunistas, com mortos e feridos de ambos os lados. Os socialistas para protestar proclamaram uma greve geral em Roma e em várias regiões da Itália. O serviço sofreu um desligamento parcial. Pobre Itália, em cujas mãos você caiu!<sup>332</sup>

Além da já cotidiana indignação referente aos casos de violência provocados pelos conflitos ideológicos em toda a Itália, um novo fato se junta aos anteriores quando analisamos as últimas palavras reproduzidas nesta reportagem. Nela já é aparente um grau de nervosismo

---

<sup>330</sup> *Il Corriere d'Italia*, 05 fev. de 1925.

<sup>331</sup> *La Nuova Italia*, 01 jun. de 1933.

<sup>332</sup> *Il Corriere d'Italia*, 18 nov. de 1921.

quanto a realidade que se apresenta a nação italiana, cada vez mais envolta em distúrbios e instabilidades.

Esta inusitada situação acabava se contrastando com a apresentada em outros tempos, que apesar de terem sido marcadas pelos horrores da guerra ou da crise, não chegaram a abalar o *Il Corriere d'Italia* de uma maneira gritante, levando-o a concluir uma reportagem com um cunho pessimista sobre as perspectivas presentes da sua, em outros períodos, imponente nação.

Permeado por contínuos temores, o *Il Corriere d'Italia* altera o foco de suas produções jornalísticas nos meses iniciais de 1922, direcionando-o a assuntos referentes à fé e religiosidade cristã. Com isso, reportagens sobre a condução da Igreja Católica perante questões políticas<sup>333</sup> e a relevância das datas festivas<sup>334</sup> para a comunidade colonial passaram a ser o centro das produções do semanário, visto que as costumeiras problemáticas sobre a política e economia italiana teriam sido desconsideradas.

A normalidade só retornou ao *Il Corriere d'Italia* no início do segundo semestre de 1922, período crucial para ascensão do PNF no cenário político italiano e época onde seria impossível que um jornal étnico desconsiderasse as questões provenientes da pátria de origem.

Neste ínterim, na primeira quinzena de julho, assuntos sobre o fascismo estamparam a primeira página do jornal<sup>335</sup>, fato que se repetiu nos meses subsequentes, onde assuntos referentes aos problemas da macro política italiana se entrelaçaram com os conflitos ideológicos provocados por fascistas e socialistas, que, segundo o jornal, teriam sido os causadores de toda a instabilidade inicial:

A crise no ministério italiano ainda está se prolongando Após Facta, Orlando, De-Nicola também foi chamado Bonomi e Meda, o líder dos populares, mas até agora todos eles se recusam a submeter suas costas a este imenso peso. Infelizmente, o conflito entre fascistas e comunistas são filhos desta tempestade...<sup>336</sup>

A contrariedade do *Il Corriere d'Italia* se tornou mais constante a partir de setembro, onde as ações fascistas passaram a ganhar proporções progressivamente maiores. Isto se deu por diversos fatores, sendo um dos iniciais a instauração do corpo de polícia especial<sup>337</sup> sob o controle do PNF, que, para espanto do semanário, possibilitou que o partido tirasse do Estado,

---

<sup>333</sup> *Il Corriere d'Italia*, 27 jan. de 1922.

<sup>334</sup> *Il Corriere d'Italia*, 21 abr. de 1922.

<sup>335</sup> *Il Corriere d'Italia*, 14 jul. de 1922.

<sup>336</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 ago. de 1922.

<sup>337</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 set. de 1922.

pioneiramente, a exclusividade do uso da força. Posteriormente, novos conflitos provocados por fascistas foram destacados<sup>338</sup>, fato que foi mantido ao longo de todo o mês seguinte<sup>339</sup>.

Em 27 de outubro, publicação ocorrida às vésperas do evento denominado Marcha Sobre Roma, a crise parecia instaurada. Segundo o *Il Corriere d'Italia*, Giovanni Giolitti, líder do governo na câmara de deputados, buscou desenvolver um acordo de emergência com o PNF, enquanto que as brigadas fascistas continuavam promovendo a violência em diferentes localidades da Itália. Para a exasperação do jornal, seu partido político de referência, o PPI, estaria recebendo inúmeras críticas de jornais liberais, em um momento onde parecia imprescindível que ele fosse apoiado pelos demais setores políticos neste ambiente de calamidade pública.

Uma semana depois destes eventos, a antiga ordem política já não existia mais. Mussolini, agora líder do parlamento, passava a ter a missão de articular um governo de situação nos próximos dias, tendo a finalidade de restabelecer a estabilidade perdida desde o fim do conflito mundial, situação que ele e seus afiliados ajudaram a desenvolver.

Como esperado, a contrariedade do *Il Corriere d'Italia* foi demonstrada na primeira oportunidade possível, visto que, para a publicação, não existia esperança para um governo que possuía em sua liderança o PNF, partido que sequer tinha um projeto político viável, ou seja, que não se utilizasse da violência para angariar influência perante as instituições e a sociedade. Também receberam críticas as antigas lideranças da câmara, os partidos liberais, que teriam se aproveitado da ascensão fascista e, curiosamente, a monarquia que, ao impedir quaisquer reações à investida de Mussolini, acabou por induzir o semanário à perplexidade, levando-o a questionar a figura do rei e a sua atuação política, algo não usual para este jornal:

Os dolorosos acontecimentos ocorridos depois da guerra estão se tornando ainda piores, graças a turbulência ocasionada pelos constantes choques e interrupções. Agora, o ministério de *Facto* caiu novamente, devido a prepotência e a audácia dos fascistas (...)

(...) um partido de violência, nenhuma base moral e com apenas um programa de força bruta, nunca poderá gerar a ordem. Os liberais, ou melhor, os tubarões da guerra, tem aplaudido o que ocorreu, buscando ajudar o novo partido, que consideravam como o salvador de sua barriga e adversários dos socialistas (...)

(...) O Ministério teve a intenção de proclamar o estado de sítio, mas o rei se opôs a isso. Será verdade? Mas, talvez a monarquia já tenha tido dias melhores.<sup>340</sup>

<sup>338</sup> *Il Corriere d'Italia*, 29 set. de 1922.

<sup>339</sup> *Il Corriere d'Italia*, 13 out. de 1922.

<sup>340</sup> *Il Corriere d'Italia*, 03 nov. de 1922.

De todo modo, apesar de sua exasperação e contrariedade, a Itália liberal se via arruinada e um novo estilo de fazer política se articulava em suas fileiras, sendo este mais agressivo, unilateral e dogmático, onde seus anseios religiosos aparentemente não enxergavam limites e seu líder, figura quase sacralizada<sup>341</sup>, agora rivalizava com a monarquia o pleno controle da política nacional e os direcionamentos dos setores da micro e macroeconomia.

### 2.3.2 Censura e a ampliação da perseguição na Itália.

De forma semelhante ao ocorrido nos últimos 3 anos, os primeiros meses de 1923 demonstraram um constante crescimento do fascismo na política italiana, onde o PNF, legenda conduzida por Mussolini, continuava fortalecendo suas bases de sustentação, seja por caminhos convencionais que remetessem ao diálogo entre dirigentes do partido com as massas, como também de forma moralmente duvidosa, geralmente personificada por meio da violência.

Nesta conjuntura, o *Il Corriere d'Italia* desenvolveu uma reportagem com a intenção de destacar as principais particularidades de Benito Mussolini, buscando, com isso, alertar seus leitores sobre as problemáticas de apoiar um político de caráter dúbio e instável, volatilidade percebida tanto no campo comportamental, como no ideológico<sup>342</sup>.

Este quadro de críticas sistêmicas promovidas pelo editorial do *Il Corriere d'Italia* existia tanto em decorrência dos atos incivilizados provocados pelo *Duce* e seus comandados, como também pelo apoio do jornal ao PPI e do histórico posicionamento da Ordem scalabriniana quanto a defesa da moral cristã no seio colonial, perspectiva identificada como incompatível ao fascismo pelos carlistas ao longo do funcionamento do seu semanário.

Todavia, apesar dos apelos promovidos pela organização scalabriniana, que se tornaram ainda mais volumosos entre os anos de 1923 a 1925, pode-se perceber que as políticas protagonizadas pelo PNF em solo italiano ainda possuíam significativa aceitação para uma boa parte dos colonos que habitavam o Rio Grande do Sul, indo muito além dos elementos burgueses e, deste modo, compreendendo indivíduos de diferentes classes sociais. Tal realidade era percebida ainda nos anos de 1920 e ganhou mais força na década de 1930, já sem a presença do *Il Corriere d'Italia* na região, devido ao fechamento de suas operações em 1927.

---

<sup>341</sup> ROUX, G. **Organização do Estado Novo Italiano**: Estudo de Direito Político. São Paulo: Saraiva & Cia. Editores, 1937. p. 111.

<sup>342</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 fev. de 1923.

Esta situação de apoio demonstrada ao fascismo é percebida em virtude de várias lideranças serranas (como Bartholomeu Tacchini<sup>343</sup>, financiador do hospital homônimo na cidade Bento Gonçalves<sup>344</sup>) compactuarem com determinados ideais desta ideologia<sup>345</sup>, entre eles, a perspectiva da criação de uma poderosa nação italiana parecer muito difundida, graças as reportagens desenvolvidas, em grande parte, por uma imprensa fascista ou pró-fascista em diversos municípios do Estado.

Dentre os jornais que compactuavam com esta ideologia ou a apoiavam de maneira indireta por meio de reportagens esporádicas, podem ser citados o semanário *Staffeta RioGrandense*, o *La Voce D'Italia*<sup>346</sup>, *La Nuova Itália*, o *Correio do Povo*, entre outros, o último, como demonstrado a seguir:

A camisa negra que ele vestiu como símbolo venerado de patriotismo e de idealismo itálico foi por ele dignamente honrada com o perene cumprimento de todas as virtudes cívicas, tanto na paz como na Guerra. A ele, de direito, merece o supremo louvor que se possa fazer a um cidadão e a um fascista.<sup>347</sup>

Em uma conjuntura semelhante, uma nota do *La Nuova Itália*:

Um bom católico, um bom italiano e um bom fascista<sup>348</sup> [...] foi um herói e um santo.<sup>349</sup>

---

<sup>343</sup> VALDUGA, Gustavo. Exéquias de um funeral fascista: o falecimento de Bartholomeu Tacchini e a presença do Fascismo em Bento Gonçalves. In: RADÜNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 167.

<sup>344</sup> *Il Corriere d'Italia*, 23 abr. de 1925.

<sup>345</sup> GIRON, Loraine. **As Sombras do Littorio**: O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlanda. 1994, p. 15.

<sup>346</sup> VALDUGA, Gustavo. Exéquias de um funeral fascista: o falecimento de Bartholomeu Tacchini e a presença do Fascismo em Bento Gonçalves. In: RADÜNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 168.

<sup>347</sup> *Correio do Povo*, 1 dez. de 1936.

<sup>348</sup> Jornal se referia a Bartholomeu Tacchini.

<sup>349</sup> *La Voce d'Italia*, 9 dez de 1936.



Figura 05 – Fotografia do Fascio Hugo Pepe de Bento Gonçalves em 1930. Fonte: Acervo Museu Casa do Imigrante.



Figura 06 – Fotografia de Gino Battochio e outros simpatizantes fascistas em 1935. Fonte: Acervo Museu Casa do Imigrante.



Figura 07 - Fotografia de Pedro Tacchini, com representantes consulares italianos em Bento Gonçalves, 1936. Fonte: Acervo do Museu Casa do Imigrante.

A despeito das liberdades democráticas e de expressão que possibilitaram, de certo modo, o crescimento da ideologia fascista em diversas localidades globais<sup>350</sup>, entre elas, o Rio Grande do Sul, Mussolini teria se articulado em 1923, segundo o *Il Corriere d'Italia*, como um ditador, devido aos seus interesses em centralizar os poderes políticos italianos em sua pessoa ou do seu partido, além de promover ações que modificassem o funcionamento da câmara dos deputados<sup>351</sup> e das eleições nacionais, eventos noticiados, inicialmente em março do referido ano:

Os ministros do partido popular italiano demitiram-se do ministério de Mussolini, renúncias que foram aceitas pelo Presidente, o qual agradeceu-lhes a cooperação, mas que neste momento teria gostado de uma dedicação total, algo que o partido não podia aceitar. Parece que o Sr. Mussolini suprimira as carteiras até então controladas pelos populares. Para reduzir custos, por não ter outras indicações para ocupar as vagas ou para concentrar tudo em si mesmo, tornando-se cada dia mais autocrata e ditador? O

<sup>350</sup> Cazetta destaca que este processo teria sido organizado e articulado pelos “*fasci all'estero*, dos *dopolavoro all'estero* e das *Casas d'Italia*.” CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 59.

<sup>351</sup> *Il Corriere d'Italia*, 23 mar. de 1923.

Partido Popular, apesar de abdicar de seus ministros, continuará apoiando Mussolini, tendo a intenção de, com isso, salvar a Itália.<sup>352</sup>

E, posteriormente, em agosto:

O Sr. De Vacchi, subsecretário de Finanças, teve sua renúncia aceita pelo Sr. Mussolini. Como você explica essa renúncia - seu pedido e aceitação - de um dos fundadores e um dos mais influentes líderes fascistas? Amigos que estão isolando o ditador ou significa que este está cada vez mais concentrando poderes em si? Talvez o cargo de subsecretário seja apagado.<sup>353</sup>

O contínuo fortalecimento político de Mussolini, muitas vezes aceito por diversos grupos liberais da sociedade civil, dilatava sua capacidade de atuação, chegando ao ponto de levá-lo a consolidar um caráter mitológico em torno da sua imagem pública, tanto na esfera nacional, como internacional, se tornando uma figura tão ou mais proeminente que a do papa ou do rei. Para isso, muitas vezes o primeiro ministro italiano se utilizou de argumentações que conciliavam tanto pareceres científicos como ideias proféticas<sup>354</sup>, fatores que conferiam sentido à sua revolução política com traços cristalizados de nacionalismo arcaico, muito semelhante ao que fora desenvolvido por integralistas no Brasil durante a década de 1930<sup>355</sup>.

Neste processo de conquista e ampliação do poder político, até mesmo embates entre o monarca e o *Duce* se tornaram perceptíveis, tendo em vista os interesses destas lideranças em ampliar sua presença perante diferentes segmentos da sociedade civil<sup>356</sup>, questões significativas para a manutenção da sua posição nas esferas de poder da nação.

Porém, apesar do contínuo fortalecimento de Mussolini, pode-se destacar que em todos os períodos do governo fascista na Itália, Vitor Emanuel III conseguiu reter significativo apoio e respeito, tanto de grupos populares, como também de segmentos políticos e, até mesmo, do próprio *Duce*, pelo menos quando o mesmo promovia suas constantes aparições públicas:

O Sr. Mussolini conseguiu aprovar com a Casa o projeto de reforma eleitoral, que todos admitem que não pode ser implementado em breve. Apesar disso, os deputados, exceto os populares e socialistas, votaram nele. Coerência liberal!<sup>357</sup>

<sup>352</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 mai. de 1923.

<sup>353</sup> *Il Corriere d'Italia*, 11 mai. de 1923.

<sup>354</sup> CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011, p. 50.

<sup>355</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974, p. 106.

<sup>356</sup> *Il Corriere d'Italia*, 05 fev. de 1925.

<sup>357</sup> *Il Corriere d'Italia*, 17 ago. de 1925.

Cidadãos. Dentro de algumas horas terei não um ministério, mas um governo. Viva a Itália! Viva o Rei! Viva os fascistas! A multidão repetia os vivas do chefe fascista com frenético entusiasmo.<sup>358</sup>

Mostras da força do PNF permaneceram rotineiras em 1924, inicialmente por meio das eleições legislativas ocorridas no mês de abril<sup>359</sup> e posteriormente por ventura da manutenção da milícia fascista em junho<sup>360</sup> do mesmo ano. Este fato teria ocorrido, principalmente pela influência do *Duce* perante os deputados que compunham a sua base de sustentação política, apesar de os fascistas não necessitarem mais de coligações para aprovar quaisquer projetos neste período, visto seus expressivos resultados no último pleito, situação que fez a legenda compor 70% dos assentos da câmara.

Porém, apesar do constante apoio recebido pela legenda fascista, os eventos em torno do assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti, em 10 de junho de 1924<sup>361</sup>, acabaram se evidenciando como um entrave significativo para os objetivos propostos pelo partido e suas lideranças, para o segundo semestre do referido ano.

Muito em virtude do seu posicionamento crítico quanto ao PNF, o *Il Corriere d'Italia* dispensou seu tratamento habitual quanto aos ataques sofridos pelo partido socialistas<sup>362</sup> (muitas vezes relegadas ao ostracismo) e promoveu, de forma intensa, publicações sobre o caso do deputado assassinado. Estas reportagens tinham o claro interesse de degradar a imagem pública do PNF, evidenciando a atuação de militantes e deputados do partido neste escândalo e promovendo, durante boa parte do segundo semestre de 1924, notícias que demonstrassem estes indivíduos sendo acusados e presos pela participação neste crime:

Jornais britânicos tratam da situação política italiana, ao falarem sobre Mussolini, observaram que nenhum governo que se baseia na violência pode durar.  
(...) Foi preso um novo cúmplice, fascista, pelo assassinato do Sr. Matteotti.<sup>363</sup>

O comandante-geral da milícia nacional expulsou do fascismo muitos oficiais e soldados, que aparecem implicados no assassinato de Matteotti.<sup>364</sup>

<sup>358</sup> O Estado, 31 out. de 1922.

<sup>359</sup> *Il Corriere d'Italia*, 11 abr. de 1924.

<sup>360</sup> *Il Corriere d'Italia*, 19 jun. de 1924.

<sup>361</sup> CIUFOLETTI, Zeffiro. **Dentro la storia**: Eventi, testimonianze e interpretazioni. Firenze: Casa editrice G. D'Anna, 2008, p. 130.

<sup>362</sup> Durante muito tempo, foi comum para os editores do *Il Corriere d'Italia*, ignorar ou minimizar a participação de grupos políticos quando estes entravam em confronto como deputados de orientação marxista, visando, com isso, demonstrar um caráter violento de forma unilateral das legendas socialistas e/ou comunistas. Aparentemente, tal lógica foi reorientada em virtude do enfraquecimento das siglas marxistas e do fortalecimento constante do PNF, que ameaçava de forma muito mais significativa os interesses, tanto da monarquia, quanto do PPI. *Il Corriere d'Italia*, 01 abr. de 1921 - *Il Corriere d'Italia*, 09 jul. de 1921.

<sup>363</sup> *Il Corriere d'Italia*, 10 jul. de 1924.

<sup>364</sup> *Il Corriere d'Italia*, 17 jul. de 1924.

Em meio à crise política, movimentos fascistas e da oposição se somavam, os primeiros buscando a estabilidade, os segundos demonstrando que a agressividade e a censura fascista inviabilizavam este ideal objetificado pela situação, parecer ressaltado pelo *Il Corriere d'Italia*, que desconsiderava todas as ações pensadas pelo PNF<sup>365</sup>, criticando concomitantemente seus líderes e filiados<sup>366</sup>.

A despeito destas resistências e muito em virtude do poder angariado ao longo do tempo, os fascistas conseguiram contornar o escândalo ocasionado pelo assassinato do deputado Giacomo Matteotti, apesar deste ato ter sido um dos que mais colaboraram com o enfraquecimento da popularidade do partido e do seu líder entre os anos de 1924 e 1925.

Fora a morte de Matteotti, articulações que buscaram retirar um pouco do poder político fascista neste momento de fragilidade foram articuladas tanto pela oposição presente na câmara, como pelo rei Vítor Emanuel III, ambos noticiados pelo *Il Corriere d'Italia*.

Na primeira destas reportagens, fica destacado a mobilização da oposição contra os posicionamentos políticos promovidos pelo PNF, independente do partido expulsar de suas fileiras indivíduos que pudessem ter se relacionado com o ataque desferido ao político socialista. Já o monarca, teria intervido de forma direta no funcionamento da câmara, fato que teria desagradado o colegiado fascista e, conseqüentemente, demonstrado o poder de Vítor Emanuel III, que, como dito anteriormente, travava uma luta interna contra Mussolini para aquisição de mais influência política no fragilizado Estado italiano. Em virtude do seu posicionamento historicamente em favor do rei, tal ação agradou muito o editorial do *Il Corriere d'Italia*, enfatizando sua demonstração de força dentro das esferas de poder, apesar das fraquezas demonstradas por diversos setores e legendas oposicionistas:

130 deputados oposicionistas, dada a inutilidade da oposição ao governo na Câmara, se reuniram em um dos quartos e votaram uma moção de não confiança no governo.<sup>367</sup>

Para demonstrar o prestígio e força ainda desfrutadas pela monarquia na Itália, citaremos dois fatos significativos.

O primeiro é este. O Procurador do Rei em Milan pediu à Câmara dos Deputados a autorização para proceder contra o Sr (Francesco)<sup>368</sup> Giunta, vice Predidente da Casa, que é acusado de ser o instigador de lesões graves contra o Sr. (Cesare)<sup>369</sup> Forni. O conselho ofereceu sua renúncia; Mas os fascistas, sob as ordens de Mussolini, deram um basta nos interesses da oposição, e rejeitaram a renúncia do Executivo. Porém, após este choque, foi observado que quem mantinha a moção não era mais a oposição,

<sup>365</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 nov. de 1924.

<sup>366</sup> *Il Corriere d'Italia*, 18 dez. de 1924.

<sup>367</sup> *Il Corriere d'Italia*, 10 jul. de 1924.

<sup>368</sup> Entre parênteses, destacado pelo autor.

<sup>369</sup> Entre parênteses, destacado pelo autor.

mas o Judiciário, que, como afirmado pelo Estatuto, administra a justiça em nome do Rei. O grande sucesso foi então tratado ao Judiciário e, finalmente, para o mesmo Chefe de Estado: O Rei. O fato é que estas considerações tiveram tal peso que, 48 horas mais tarde, o mesmo Mussolini impôs a aceitação da renúncia de Giunta, e a justiça se satisfez.

[...] Em ambos os casos, o simples pensamento do Rei foi o suficiente para resolver a questão.<sup>370</sup>

Se aprofundando no campo da censura, o ano de 1925 foi definitivamente marcante, tendo em vista o alargamento das ações fascistas contra publicações ou articulações que pudessem contrariar seus interesses, sendo estes segmentos marxistas ou não, fato que demonstrou a escalada de poder do partido. Esta situação foi registrada em dois momentos pelo *Il Corriere d'Italia*, que apesar de estar a cada ano mais inclinado a noticiar elementos religiosos ao invés de políticos, acabou por dar espaço, esporadicamente, para destacar ações do PNF.

Na primeira destas reportagens, publicada em 09 de junho de 1925, o jornal satirizou Mussolini, alegando indiretamente, que apesar das afirmações do *Duce*, os direitos da imprensa estariam sendo suprimidos na Itália:

Sr. Mussolini enviou um telegrama para o jornal britânico "Times" negando que na Itália exista restrição à liberdade. Há apenas homens superados na oposição, isto é, em todas as partes, só sobraram combatentes cujas associações foram todas dissolvidas.

O *Corriere della Sera*, o jornal mais popular na Itália, foi avisado. Se receber uma segunda advertência, ele deverá cessar suas publicações. É uma prova de que a liberdade não foi suprimida!!<sup>371</sup>

Já em 13 de agosto do mesmo ano, um pouco mais de um mês após a publicação anterior, o *Il Corriere d'Italia* foi ainda mais contundente, ao condenar veemente a violência provocada por agentes da sociedade civil e do Estado, fato que limitava a liberdade de pensamento e expressão do povo italiano, cercando, com isso, os direitos básicos para a manutenção da oposição dentro deste Estado, seja ela articulada de diferentes formas, como por meio de um partido político ou a partir do desenvolvimento de um jornal.

O fato de existirem restrições à autonomia criativa, situação provocada por organizações como o PNF e suas brigadas, horrorizava o editorial do *Il Corriere d'Italia*, publicação que já desferia críticas abertas ao fascismo desde os seus primórdios, principalmente quando este passou a se configurar como uma ameaça ainda mais significativa que os marxistas ligados ao PSI. Além disso, os homens liderados por Mussolini e os membros da organização carlista também se confrontavam em diferentes momentos, devido ao seu interesse comum em ampliar

<sup>370</sup> *Il Corriere d'Italia*, 05 fev. de 1925.

<sup>371</sup> *Il Corriere d'Italia*, 09 jun. de 1925.

a influência de suas instituições nos círculos sociais imigrantes, além destes indivíduos possuírem visões distintas quanto ao funcionamento da máquina pública italiana.

Na efetivação desta crítica, o jornal dividiu a publicação em três partes. Na primeira delas, o *Il Corriere d'Italia* dedicou-se a trabalhar a relação de Mussolini com a violência, onde o mesmo identificou o diminuto interesse do *Duce* em combater os atos de agressividade que se mantinham em todo o país a mais de cinco anos.

Em uma segunda instância, a reportagem do *Il Corriere d'Italia*, relatou, por meio de um artigo presente no jornal paulista *Fanfulla*, como as atitudes repressivas mantidas ou permitidas pelo regime degradavam a imagem do país perante seus pares internacionais, onde a visão das demais nações e do círculo de italianos espalhados ao redor do mundo acabaria se reduzindo a postura política de determinados partidos, fazendo com que estes indivíduos e Estados enxergassem na Itália, uma nação moralmente fraca, maculando, deste modo, a sua história ancestral. Este apontamento também se efetiva implicitamente como uma colocação negativa ao PNF, visto que quando o jornal destaca a existência de legendas que estariam degradando a imagem italiana, provavelmente uma destas seria a que controlava majoritariamente, o legislativo e o executivo deste Estado, ou seja, o partido fascista:

#### Mussolini e a Violência

O Observador Romano escreve:

O Sr Mussolini, não está mais condenando a violência.

Assim, acreditamos ser importante argumentar com o homem; citando meios úteis para que ele consiga trabalhar no sentido de condenar a violência, de forma mais absoluta e implacável do que ele anda trabalhado habitualmente.

Ainda assim, não se pode dizer que de fato ele tenha exercido qualquer coisa para desencorajar atos violentos utilizando toda sua grande autoridade. Aqueles que por vezes são tentados a utilizar a violência, deveriam ter sua prática acompanhada da indignação implacável do *Duce*.

O primeiro desses argumentos é que a violência é sempre condenável, se ela é perpetuada tanto por interesse individual, como pelo coletivo.

#### A Violência e o Estado

O segundo argumento "ad hominem" é o de mostrar ao Sr. Mussolini tinha que esquecer que a violência dos indivíduos, embora impulsionado por uma ideia e não por cálculos vilmente pessoais, não só usurpa o direito do Estado, o que lhe é um valor tão caro, mas fornece a justiça repressiva para todas as formas de defesa dos interesses públicos, usurpando grandemente os interesses privados [...].

#### Violência Gera Violência.

É por isso que, mesmo para além da ortodoxia dos princípios, o Sr. Mussolini teria grande interesse de usar a violência contra as palavras muito mais fortes e mais claras.

<sup>372</sup>

---

<sup>372</sup> *Il Corriere d'Italia*, 13 ago. de 1925.

Por fim, devido ao descontrole existente da violência sequencial e da censura ocorrida por meio da repressão, seja ela feita contra veículos de informação<sup>373</sup>, legendas eleitorais e demais segmentos sociais, o *Il Corriere d'Italia* sentencia que a única alternativa para encerrar o ciclo vicioso de violência vivenciado pelo Estado só poderia ser articulado por meio dos apoiadores do fascismo na Itália que, por meio da sua possível influência política, deveriam interceder para que Mussolini limita-se o âmbito de atuação dos seus partidários, evitando mais cenas condenáveis, como ocorrido durante toda a história do PNF. Tal realidade também demonstrava a própria fraqueza do semanário, que já identificava poderes políticos gigantesco na figura do *Duce*, tanto pela sua influência na Itália, quanto pelo aliciamento de lideranças comunitárias locais ao espectro fascista, fatores que demonstravam as fragilidades dos preceitos defendidos pelos carlistas gaúchos, algo que, provavelmente, não passava despercebido pelo seu público leitor:

Em conclusão, os apoiadores deste governo, aqueles que livremente colocam na balança os títulos pró e contra ele, geralmente pendendo para os prós, são aqueles que têm de convencer Mussolini a pôr fim, e para sempre, na violência de seus partidários.<sup>374</sup>

Apesar de seus apelos, o *Il Corriere d'Italia* e outras publicações contrárias aos pareceres fascistas, aparentemente não tiveram seus apelos atendidos, visto que em nos anos finais da década de 1920, é redigido em solo italiano os “Dez Mandamentos do Miliciano fascista”<sup>375</sup>, documento que, entre suas orientações, deixa claro a postura passiva que os membros fascistas deveriam ter perante suas lideranças. Deste modo, seguindo uma postura já adotada no campo civil, Mussolini acaba por limitar, também, as liberdades criativas de indivíduos associados ao fascismo, relacionando de forma plena a lógica partidária de silenciar qualquer voz opositiva que pudesse surgir contra o *Duce*, posicionamento constantemente criticado pelo editorial presente em Bento Gonçalves.

### **2.3.3 O Rei e a fragilidade na democracia italiana.**

Nos últimos meses de 1924 e nos primórdios de 1925, o *Il Corriere d'Italia* acompanhou diversos processos políticos que demonstravam um severo enfraquecimento de suas posições

---

<sup>373</sup> *Il Corriere d'Italia*, 09 jun. de 1925.

<sup>374</sup> *Il Corriere d'Italia*, 13 ago. de 1925.

<sup>375</sup> ROUX, G. **Organização do Estado Novo Italiano**: Estudo de Direito Político. São Paulo: Saraiva & Cia. Editores, 1937. p. 106.

ideológicas quanto às perspectivas futuras do Estado italiano. Este fato se dava, pois, apesar do declínio eleitoral e popular evidenciado pelo PSI e outras legendas de cunho marxista (linhas políticas contrárias às lógicas defendidas pelos scalabrinianos), as vertentes democrático-cristãs exaltadas pela organização também tiveram resultados pífios nos últimos pleitos. Tais resultados se davam pelo apoio que o PNF havia angariado ao longo do tempo, muito em virtude de representar muitos dos apelos proclamados pelos membros de uma classe média temerosa do crescimento dos pareceres marxistas em meio ao proletariado nacional, além de sua política repressora, que acabou por limitar a atuação de outros segmentos políticos.

Imerso nesta situação delicada, restou aos editores carlistas responsáveis pelas produções do *Il Corriere d'Italia*, exaltarem a única figura política presente na Itália que resguardava certo poder e autonomia perante a presença fascista, que neste momento era personificada na imagem do monarca.

Vitor Emanuel III, desde o princípio das publicações scalabrinianas em 1913, sempre possuiu significativo apoio. Este fato se dava por ele representar a italianidade no alvorecer do novo século, sendo lógico que o jornal o defendesse, visto que o nacionalismo era um fator imperativo à imagem da organização carlista. Ademais, para enfatizar ainda mais a imagem deste representante político, não faltaram circunstâncias que demonstravam Vitor Emanuel III seguindo uma agenda que convergisse com os pareceres da Igreja, como o combate aos interesses da maçonaria, fato que agradava os scalabrinianos:

Nas celebrações de 20 de setembro, o rei, em um telegrama ao prefeito de Roma, convida os italianos para colocar um fim à discórdia. Sintomático este telegrama!.. A nação faz bem em pensar neste cinquentenário! É passado o tempo de desfrutar a data da Pátria dando lucro à Maçonaria.<sup>376</sup>

Com isso, em diferentes momentos, o rei acabou sendo retratado como o maior de todos os italianos<sup>377</sup>, se configurando como um exemplo para os demais cidadãos no Estado, além de ser considerado um símbolo da unidade do país, tanto para os imigrantes como para os que permaneciam na península, sempre preocupado em promover os interesses italianos quanto a sua política internacional, apesar de enfrentar, neste processo, as ações articuladas por representantes políticos de igual ou maior grandeza no cenário internacional global, como nos embates diplomáticos pelo controle de Fiume (Rijeka), onde, segundo os pareceres do *Il*

---

<sup>376</sup> *Il Corriere d'Italia*, 01 out. de 1920.

<sup>377</sup> *Il Corriere d'Italia*, 26 jun. de 1914.

*Corriere d'Italia*, o Rei conseguiu contornar os tratados articulados por Woodric Wilson, presidente estadunidense durante a Primeira Guerra Mundial:

O sonho, o desejo, a invocação de todo um povo é agora, finalmente, uma realidade. (...) com celebrações em toda a Itália e condolências impressionantes e extraordinárias em Fiume, na presença do Rei, foi proclamada a anexação de Fiume para a Itália. A viagem do Rei para Fiume e ao longo da costa da Dalmácia foi triunfante.<sup>378</sup>

Já no período de crise, a posição do rei foi ressignificada, tornando-o um dos últimos e mais poderosos bastiões da democracia, apesar das fraquezas que este modelo político apresentava no contexto da escalada de poder demonstrada por Mussolini e seus seguidores. Para enfatizar este novo papel explicitado pelo monarca, qualquer participação mais relevante que fosse articulada por Vitor Emanuel III era salientada, tendo o jornal o interesse de demonstrar que o rei ainda era significativo nos círculos de poder de uma Itália cada vez mais focada nos interesses e vontades apresentadas pelo *Duce* da nação, liderança política muito respeitada, tanto pelos seus concidadãos, como também por um contingente significativo de imigrantes espalhados ao redor do globo, entre eles, os que se situavam em terras brasileiras<sup>379</sup>:

O segundo caso é o seguinte. Mussolini de repente introduziu na Câmara um projeto para a reforma da lei eleitoral. Ele destina-se desta forma a propor ao rei a dissolução da Câmara e fazer novas eleições. Mas a oposição imediatamente declarou que se as eleições tivessem ocorrido sob Mussolini eles iriam se abster. Dada a sua força no país, pode ser que a maioria dos eleitores iriam se abster de votar. Este teria sido um resultado ruim, visto que se o rei de dissolvesse a Câmara e convocar novas eleições, onde os eleitores se absteriam em grande numero, tal situação poderia ser percebida como uma demonstração de não confiança no trabalho do Rei. Esta situação é tão problemática, que apesar de Mussolini ter o interesse em aprovar a nova lei eleitoral, o mesmo teve que desistir de dissolver a Câmara e terá de esperar um tempo de para a próxima eleição.<sup>380</sup>

Todavia, apesar do apoio atribuído à monarquia, que possuía festividades em nome da instituição anunciadas pelo jornal<sup>381</sup>, é importante salientar que em algumas circunstâncias, o *Il Corriere d'Italia* também demonstrou incredulidade perante determinadas ações promovidas pelo rei. Tais situações, marcadas pelo ineditismo destas posturas, conciliaram-se com períodos de severa crise institucional, fator único que levava o editorial a ir contra sua própria linha editorial, evidenciando a total descrença de um jornal que, sobretudo, almejava vida longa ao rei e a conciliação eterna entre a Igreja e o Estado italiano, firmando, com isso, a concretização

<sup>378</sup> *Il Corriere d'Italia*, 28 mar. de 1924.

<sup>379</sup> TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico**: Um Século da imigração italiana no Brasil. São Paulo: Studio Nobel. 1989, p. 296.

<sup>380</sup> *Il Corriere d'Italia*, 05 fev. de 1925.

<sup>381</sup> *Il Corriere d'Italia*, 11 jun. de 1925.

do seu ideal nacionalista e fortemente baseado no campo da fé, onde a monarquia sintetizaria tais pareceres.

O Ministério teve a intenção de proclamar o estado de sítio, mas o rei se opôs a isso. Será verdade? Mas, talvez a monarquia já tenha tido dias melhores.<sup>382</sup>

---

<sup>382</sup> *Il Corriere d'Italia*, 03 nov. de 1922.

### **3 COLÔNIA BRASILEIRA: O FOCO NO BRASIL E NA FÉ PELO *IL CORRIERE D'ITALIA* (1925 - 1927):**

#### **3.1 O Cinquentenário da Imigração italiana e as mudanças no *Il Corriere d'Italia* no fim do primeiro quinquênio da década de 1920.**

No fim do primeiro quinquênio da década de 1920, transformações passaram a ter uma maior profundidade nas colunas desenvolvidas pelo *Il Corriere d'Italia*, principal jornal católico oriundo de Bento Gonçalves que, nos últimos meses de atuação, chegou a capitalizar mais de 3000 assinantes<sup>383</sup>.

Tal semanário demonstrou, historicamente, certo interesse por assuntos que envolvessem questões políticas e nacionalistas, porém, o mesmo, gradativamente passou a ter uma preocupação cada vez mais acentuada com pareceres religiosos.

Sobre isso, é necessário ressaltar que as motivações religiosas partidas de um jornal com vocações baseadas na fé, se configurariam como pareces, no mínimo, redundantes, visto que devido às suas características básicas, era de se esperar um posicionamento como este partindo de um jornal carlista, localizado no interior da serra gaúcha. Todavia, o que se busca ressaltar é o espaço que esse tipo de publicação começou a reconquistar no presente semanário, algo que sempre teve certa significância, mas que nunca possuiu as proporções apresentadas nos últimos meses de 1925 e nos demais períodos em que a publicação se manteve em funcionamento.

Nesta lógica, reportagens sobre o cristianismo passaram a compor praticamente toda a página de capa do jornal, até mesmo em datas aleatórias<sup>384</sup>, visto que estas não detinham qualquer relevância dentro do calendário religioso da Igreja, permeado por datas como natal, páscoa ou demais feriados que remetessem à figura de Jesus Cristo.

Ao mesmo tempo que os exemplares do *Il Corriere d'Italia* passaram a possibilitar uma exaltação crescente dos pareceres cristãos, questões políticas sobre a realidade italiana foram realocadas para partes menos nobres do jornal<sup>385</sup>, como em sua contracapa ou em pequenas chamadas nos cantos das páginas. Aparentemente, esta situação teria ocorrido em virtude das ideias do jornal não surtirem efeito para um público que acompanhava o constante crescimento

---

<sup>383</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 123.

<sup>384</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 jul. de 1925.

<sup>385</sup> *Il Corriere d'Italia*, 12 ago. de 1926.

do PNF, fazendo com que reportagens que demonstrassem o desgosto do editorial quanto a ideologia parassem de ser tão atrativas, caindo no esquecimento em diversas circunstâncias.

Tal desinteresse pela figura de Mussolini e pela atuação fascista nos momentos finais de 1925 e nos anos seguintes, ocorreu até mesmo quando oportunidades de produção com significativa audiência se tornaram palpáveis, existindo destaque para o período em que o *Duce* teve certos problemas de saúde, ou quando se questionou a existência de um movimento para tirar a vida do mesmo. Ambas reportagens diminutas dentro do jornal, que em poucas situações se preocupou em desenvolver informações sobre esta retórica:

O Sr. Mussolini está um pouco doente, obrigando-o a manter-se em sua cama. Embora a febre ainda é forte, no entanto, é considerado que o mesmo esteja em processo de melhora.<sup>386</sup>

Notícias em jornais afirmam ter descoberto um complô para assassinar Mussolini. A notícia merece confirmação.<sup>387</sup>

Poderia ser que, devido a melhora apresentada no bem-estar do *Duce* e pela falta de informações referentes à possível articulação de um atentado contra o mesmo, o editorial do jornal em questão se eximisse de desenvolver apontamentos sobre a situação do primeiro ministro italiano. Porém, à título de comparação com o que já havia sido desenvolvido sobre Mussolini, tal explicação se evidenciaria como pouco convincente, visto que, anteriormente, qualquer oportunidade de se trabalhar a figura do líder fascista era utilizada pelo *Il Corriere d'Italia*, seja para retrata-lo como um político perigoso<sup>388</sup>, ou para retirar do mesmo qualquer sinal de culpa sobre o escândalo promovido, caso ocorrido quando este indivíduo ainda não havia ascendido a cargos dentro da câmara legislativa e muitos questionavam sua atuação nos certames trabalhistas do *Avanti!*<sup>389</sup>.

Na esteira deste processo de mudanças editoriais, o *Il Corriere d'Italia* também apresentou outras alterações no corpo de suas publicações, sendo uma das mais chamativas a ampliação dos interesses do jornal com acontecimentos promovidos em território brasileiro.

Tal situação, da mesma maneira como ocorrido quanto aos assuntos religiosos, não se configurava, de qualquer modo, como inédita, visto que em diversos momentos reportagens sobre acontecimentos articulados no Brasil foram noticiados, principalmente aqueles que aconteceram em cidades gaúchas, havendo destaque ainda maior para os movimentos

<sup>386</sup> *Il Corriere d'Italia*, 12 mar. de 1925.

<sup>387</sup> *Il Corriere d'Italia*, 12 nov. de 1925.

<sup>388</sup> *Il Corriere d'Italia*, 04 mai. de 1923.

<sup>389</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 jan. de 1915.

promovidos nos municípios situados na serra deste Estado. Todavia, em toda a década de 1910, fatos desencadeados na península possuíam preferências, sendo exibidos em toda a primeira página ou localizados no lado esquerdo/superior do documento, pontos primários na leitura deste jornal.

Mas, a partir do ano de 1920 e se acentuando gradativamente até o ano de 1923, os assuntos brasileiros passaram a receber tanta ou mais relevância que os intentos ocorridos na Itália, fazendo com que comemorações ocorridas no Brasil fossem destacadas e grandes eventos, como os acontecidos pelo centenário da independência brasileira, fossem noticiados incessantemente, com esplendorosas colunas felicitando a nação na data em que efetivou-se a sua emancipação<sup>390</sup>.

Porém, apesar desta nova apresentação tupiniquim, em nenhum momento o *Il Corriere d'Italia* deixou de utilizar a língua oficial do Estado italiano em suas publicações, salvo em certas ocasiões onde o mesmo tinha o interesse de comunicar determinados apontamentos à população nativa da serra gaúcha, onde o idioma português foi aplicado<sup>391</sup>. Entretanto, a manutenção linguística foi apenas um dos poucos pilares fundantes do *Il Corriere d'Italia* que permaneceram intactos ao longo do seu período de atuação, onde, as fraquezas demonstradas pela Itália no campo democrático, a aparente relação irreconciliável entre carlistas e fascistas, além da integração de imigrantes e descendentes nas colônias brasileiras, levaram, possivelmente, o jornal a alterar determinados aspectos de sua genética primária.

Apesar deste movimento de incredulidade perante as lideranças políticas mantidas em solo italiano, excluindo certas exceções, como o rei, e da inclusão de imigrantes na cultura local, o *Il Corriere d'Italia* valorizou de maneira estrondosa as comemorações referentes ao cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, noticiando em diversos momentos as festividades em torno deste evento, articulado ainda na década de 1870.

Nestas festividades, o foco geralmente girou entorno da valentia, trabalho e coragem do povo italiano, valores identificados como inerentes a estes indivíduos que atravessaram o Atlântico em busca de melhores condições de vida. Deste modo, se conjecturou dois pareceres antagônicos sobre um assunto em comum: A Itália.

Tal fato se deu em virtude de a pátria continuar sendo amada e adorada pelo editorial, seu povo permanecer permeado por gente bela, primorosa e digna de destaque. Porém, ao mesmo tempo, sua classe política passou a ser identificada como negativa nos primeiros anos da década de 1920 e, devido a isso, relegada ao ostracismo, motivo de descrença e de pouco

---

<sup>390</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 set. de 1922.

<sup>391</sup> *Il Corriere d'Italia*, 06 ago. de 1915.

crédito. Esta situação fez com que, aparentemente, o jornal ainda almejasse analisar o povo italiano, suas gloriosas cidades e suas belas tradições, mas, na contramão desta postura, seus governantes deveriam ser esquecidos, da mesma maneira que as reportagens sobre eles, pelo menos até os instantes finais do primeiro semestre de 1926:

Este livro demonstra o novo espírito que anima o governo atual<sup>392</sup>. Escrito por um pedagogo de renome, cheio de ilustrações e encadernado, com uma escrita elegante. "*Itália Lontana*" é um hino à nossa raça, espalhados por todo o mundo, que ilumina com o esplendor da sua civilização. Ele descreve a beleza da Itália; Ele celebra as glórias de seus filhos; Ele aumenta a sua fé; Ele os coloca sob a luz do papado; Ele está a verificar os lugares onde vivem a maior número de italianos. É um Livro muito útil à educação: Eu gostaria de ver não só nas mãos de crianças, mas também nas de cada italiano que sente o desejo de conhecer a grandeza de seu povo. É em dois volumes e custa 7 mil réis.<sup>393</sup>

### 3.1.1 As comemorações do cinquentenário em meio à crise italiana, segundo a perspectiva do *Il Corriere d'Italia*.

Desde os primórdios da intervenção scalabriniana no jornal *Il Corriere d'Italia*, pode-se destacar que os pareceres centrais do semanário eram, além do auxílio às comunidades italianas no exterior, ampliar as relações entre o novo Estado italiano com a igreja católica, situação muito delicada em virtude das perturbações ocorridas com a unificação do jovem país<sup>394</sup>.

Deste modo, pode-se destacar que, em virtude de sua base ideológica, a Ordem carlista na serra gaúcha tenderia sempre a relacionar em suas publicações, materiais que remetesse à aspectos presentes na teologia cristã, além de demonstrar como pátria mãe poderia manter, ou até mesmo ampliar seu poder, se esta se mantivesse nos caminhos ditados por esta fé norteadora. Logo, por efeito de serem majoritariamente cristãos e de terem o sangue dos seus antepassados correndo em suas veias, os italianos no exterior estariam predestinados a triunfar nas novas terras<sup>395</sup>, visto que era imperativo à eles a força, a coragem e o intuito de trabalhar incessantemente<sup>396</sup>, para a grandeza da terra acolhedora e para a própria pátria, que direta ou indiretamente recebia certos ganhos com o auxílio dos seus esforços, seja pela manutenção dos

<sup>392</sup> Em virtude de seus diversos elementos nacionalistas, provavelmente a publicação "*Itália Lontana*" agradou muito as lideranças do PNF.

<sup>393</sup> *Il Corriere d'Italia*, 01 abr. de 1926.

<sup>394</sup> MACHADO, Fernando dos Santos. **Racionalismo italiano (1926 – 1943) e o fascismo: Contradição ou Convergência**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, p. 17.

<sup>395</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 mai. de 1924.

<sup>396</sup> GIRON, Loraine. **As Sombras do Littorio: O fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda. 1994, p.15.

laços entre este Estado (a Itália) e o imigrante<sup>397</sup>, ou pela influência que estes indivíduos poderiam promover nos governos que passaram a ser subordinados.

Nestes contextos de êxtase, datas festivas que demonstrassem a ligação da Itália com os imigrantes eram retratadas com grandeza, onde praticamente todo o espaço do jornal passava a ser empregado para relatar os fatos ocorridos nestes acontecimentos<sup>398</sup>.

Quando estes festivais se configuravam como um sucesso perante as populações locais, o *Il Corriere d'Italia* tendia a não restringir suas notícias sobre o evento a apenas um volume das unidades distribuídas ao longo do mês de produção do jornal, geralmente articulando séries de reportagens para enfatizar a relevância destas cerimônias para os italianos presentes no Rio Grande do Sul.

Um exemplo deste tipo de produção pode ser conferido por meio da análise das edições articuladas pelo presente jornal entre os dias 9 a 16 de agosto de 1919, onde, em consequência da vinda da embaixada italiana ao Brasil, o *Il Corriere d'Italia* mobilizou diversos redatores para noticiar os passos da delegação, tanto na cidade de Bento Gonçalves, como também em outras localidades dentro do Estado.

De maneira semelhante ao ocorrido com a vinda da comitiva italiana para o Rio Grande do Sul, os festejos referentes ao cinquentenário da imigração italiana também foram intensamente noticiados pelo jornal carlista, tendo sua primeira produção datada de 02 de outubro de 1924, se antecipando em mais de um ano dos eventos comemorativos desta data histórica.

Nesta edição, como também na publicação de 16 de abril de 1925, fora enfatizada a relevância desta festa para o orgulho do italiano presente em solo gaúcho, sendo ela uma grande possibilidade de demonstrar novamente a força deste povo que, apesar de se concentrar majoritariamente no nordeste do Estado, iria se deslocar representativamente para o bairro Menino Deus em Porto Alegre<sup>399</sup>, onde apresentariam a capacidade de sua economia por meio

---

<sup>397</sup> Em sua obra, Marques, relata que “O entusiasmo da comunidade levou os imigrantes a organizarem-se para angariar fundos para o esforço de guerra da ‘Pátria Mãe’: movimento esse que obteve resultados consideráveis: 6 mil contos de réis em dinheiro e 1700 em mercadorias, somando cerca de 8 mil contos” quanto ao apoio dos italianos no exterior ao esforço de guerra do estado italiano na Abssínia (MARQUES, Alexandre. “**A Questão ítalo-abissínia**”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p.85.). De certo modo, Bertonha, por sua vez, colaboraria com este mesmo assunto ao destacar que tal ação não teria sido articulada apenas por empresários, apesar destes assegurarem a maior parte dos capitais encaminhados para o governo da Itália, mas de membros pertencentes dos mais variados níveis sociais das cidades com presença italiana (BERTONHA, João. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 255 – 256).

<sup>398</sup> *Il Corriere d'Italia*, 07 jun. de 1914.

<sup>399</sup> *Il Corriere d'Italia*, 29 jan. de 1925.

de demonstrações agrícolas e industriais. Porém, para que estes intentos se tornassem possíveis, todos os imigrantes e descendentes deveriam colaborar com a organização dos festejos do cinquentenário, demonstrando, como em outros tempos, a força das coletividades italianas em circunstâncias nas quais os valores nacionalistas fossem exacerbados:

Aos muitos italianos, seus filhos e descendentes que vivem no Rio Grande, fazemos um apelo para que estes possam contribuir generosamente para o sucesso das celebrações do quinquagésimo aniversário da nossa emigração, para as festividades que culminarão na maior feira agrícola - Industrial - artística de Porto Alegre. É o tempo de trabalho, ativo e intensivo, para a preparação do grande evento e todos nós temos que fazer um compromisso de honra de que faremos tudo que podemos fazer. Nenhum comerciante e nenhum industrial deve deixar de trazer a sua contribuição para a monografia e para a exposição; nenhum italiano, o filho e descendente de italiano, deve negar suas ofertas para as despesas das partes e exposição. Todo o ano o dever de participar da forma mais generosa. Se cada um dos italianos e os seus filhos ou descendentes - no Rio Grande são mais de 250.000 - oferecer, facilmente podemos recolher centenas de contos. (...) <sup>400</sup>



Figura 08 - Publicação sobre o cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, geralmente noticiadas no quadrante superior esquerdo do referido jornal. *Il Corriere d'Italia*, 05 de janeiro de 1925.

<sup>400</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 abr. de 1925.

Com a finalidade de manter a comunidade entusiasmada com as festividades do cinquentenário, em muitos momentos posteriores o *Il Corriere d'Italia* reutilizou textos de edições anteriores com pequenas alterações, mantendo cotidianamente notícias sobre os eventos que seriam articulados em Porto Alegre e os motivos que deveriam levar os imigrantes e descendentes a participar destas atividades.

Apesar da similaridade de textos, com seus *panos de fundo* nacionalistas e o constante apelo às coletividades, o editorial do jornal buscou trabalhar com uma variedade de temas, procurando trazer novidades aos seus leitores. Por ventura disso, edições que não abordassem diretamente o próprio evento começaram a circular nas folhas de capa nos últimos volumes lançados no mês de maio de 1925, onde fora destacado o processo de colonização articulado em 1875 e anos subsequentes, na região serrana e em outras localidades do Rio Grande do Sul.

Apesar destes relatos contarem com fatos históricos, evidenciados por meio da identificação dos grupos regionais italianos que teriam promovido a imigração para a serra gaúcha, o mesmo também abusou da dramaticidade, constituindo o parecer de que os grupos humanos provenientes da península teriam realizado verdadeiros feitos heróicos no processo de ocupação desta terra, cristalizando ainda mais os valores que foram definidos como identitários para os grupos italianos que colonizaram o Estado:

Mais de trinta anos atrás, a colônia italiana do Rio Grande do Sul ainda era uma criança. Ela, que foi iniciada em 1875, começou a engrossar suas fileiras em torno de 1882, quando imigrantes partiram das terras venezianas e lombardas, (...) <sup>401</sup>

Obviamente, não se busca, de qualquer modo, diminuir o que havia sido realizado pelos colonos, visto as dificuldades que os mesmos haviam transposto, tanto na viagem pelo Atlântico, como também na colonização da serra gaúcha, muitas vezes com pouco suporte fornecido por instituições governamentais<sup>402</sup>. Entretanto, salienta-se a necessidade do *Il Corriere d'Italia* remeter em praticamente todos os parágrafos tal heroísmo, como se fosse necessário reafirmar esta realidade constantemente, com o intuito de que a mesma adquirisse legitimidade, mesmo que bruscamente, visto que parece buscar forças para ressignificar uma história repleta de documentos que mostravam a satisfação de certos imigrantes com as possibilidades futuras alcançadas nas novas terras:

---

<sup>401</sup> *Il Corriere d'Italia*, 21 mai. de 1925.

<sup>402</sup> STORMOWSKI, Marcia Sancki. **Crescimento econômico e desigualdade social**: O caso da ex-colônia Caxias (1875-1910). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, p. 14.

Eles, desacostumados com a vitória, lutaram e venceram.

Eles ganharam, na verdade, os nossos italianos por toda as regiões coloniais do Rio Grande do Sul, com a sua indomável ferocidade, em silêncio; quase esquecido pela Pátria longínqua, eles repetiram os feitos inteiramente.<sup>403</sup>

Caro pai, você deveria ver que bela colônia comprei! Está bem situada e deve ser boa. E se visse quanta lenha existe nela! Em Valdagno seria rico quem tivesse tanta madeira. Estou ansioso que venham meus irmãos e toda a família. Lá éramos servos<sup>404</sup> e aqui somos senhores.<sup>405</sup>

No final de novembro, as atenções serranas se voltavam definitivamente para Porto Alegre, visto que em menos de um mês o maior evento do ano para italianos e descendentes situados no Rio Grande do Sul seria iniciado.

Neste sentimento, o editorial do *Il Corriere d'Italia* desenvolveu sua última reportagem antes do grande dia, utilizando-se de um espaço nobre do jornal, além de organizar a reportagem de uma maneira semelhante às notícias que eram promovidas quando o semanário divulgava anúncios do Estado geral italiano<sup>406</sup>. Deste modo, se tornava perceptível para o público leitor a alteração no estilo de letra na coluna em questão e a existência de bordas em torno do curto texto, que visavam enaltecer os responsáveis pelas festividades, além de salientar a importância do evento para a população colonial, concentrada principalmente nas cidades de Caxias do Sul e Bento Gonçalves<sup>407</sup>.

No dia 10 de dezembro, o *Il Corriere d'Italia* desenvolveu uma reportagem com proporções poucas vezes vista. Ela ocupava toda a página inicial, além de espaços presentes na folha de verso, sendo estes campos divididos em subtópicos relacionados à exposição propriamente dita, aos festejos da inauguração e à presença de nomes relevantes, tanto para os setores políticos, como para os econômicos, contando com a presença do governador do Estado Borges de Medeiros, que discursou em conjunto com outras personalidades.

No fim da primeira página do presente jornal, em negrito, caixa alta e com um tamanho de fonte maior do que o padrão para as reportagens do *Il Corriere d'Italia*, o título *Superbo Trionfo* demonstrou como os festejos foram analisados pelo editorial, que estavam

<sup>403</sup> *Il Corriere d'Italia*, 28 mai. de 1925.

<sup>404</sup> Bordão que acabou servindo de alcinha para a dissertação de Maria Inês Vendrame sobre a organização dos imigrantes italianos na colônia de Silveira Martins (VENDRAME, Maria Inês. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, defendida na PUCRS, 2007).

<sup>405</sup> Paulo Rossato, 24/04/1884. In: DE BONI, Luis. **La Mérica**: escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1971, p. 35.

<sup>406</sup> *Il Corriere d'Italia*, 05 nov. de 1915.

<sup>407</sup> *Il Corriere d'Italia*, 26 nov. de 1925.

completamente agraciados pelo que foi visto e contentes com as perspectivas futuras das coletividades italianas no Estado:

Um tumulto de emoções capaz de elevar-nos com nosso hino ao triunfo soberbo do trabalho italiano após o cinquentenário da colonização; tal foi o ímpeto de emoção que sentimos em frente ao grandioso espetáculo oferecido no sábado, em Porto Alegre. Mas nós sentimos que isso ultrapassou, sentimos que qualquer vitória que tínhamos imaginado, que qualquer emoção que poderíamos desejar foi excedida, graças a um grupo de homens enérgicos, para os quais a vitória é sempre certa. Porto Alegre marca uma etapa brilhante na história da colonização italiana. De um lado, havia um povo que tinha generosamente entregado sua terra para outro povo fraterno, que possuía desejo em demonstrar como corresponderia a esta generosidade, o recebimento desta hospitalidade. (...) <sup>408</sup>

### 3.1.2 O interesse no Brasil e o aprofundamento nas novas tendências pelo jornal *Il Corriere d'Italia*.

Durante a análise do jornal *Il Corriere d'Italia*, foram constatadas alterações na apresentação do jornal, como também no teor de suas reportagens. Esta situação, obviamente, não se configura como algo anômalo ou exclusivo desta publicação, tendo em vista que, ao longo da história do jornalismo, diversos periódicos passaram por processos semelhantes, alterando tanto seu processo estético como também sua linha ideológica <sup>409</sup>.

Dentro deste movimento articulado pelo editorial carlista presente na cidade de Bento Gonçalves, é visível o tratamento dado pelo jornal a determinados elementos, sendo os principais firmados nas questões da fé e da identidade colonial.

Quanto ao primeiro destes segmentos, a religiosidade cristã, fica evidente ao longo dos anos uma constante e vigorosa ampliação das relações entre o *Il Corriere d'Italia* e a teologia católica, sendo ampliado vertiginosamente o espaço disponibilizado pelos scalabrinianos a temas deste interesse.

Como foi relatado anteriormente, é aparentemente lógico que o presente jornal trabalhasse fundamentos de uma crença que consistia em um dos seus pilares fundamentais <sup>410</sup>. Porém, o volume destas reportagens ganha uma presença gritante nos últimos anos da produção do semanário, contando com calendários anuais, livretos religiosos distribuídos em conjunto com volumes do jornal, além de uma constante diminuição no trabalho realizados sobre outros

<sup>408</sup> *Il Corriere d'Italia*, 10 dez. de 1925.

<sup>409</sup> PIVETTI, Michaela. **Planejamento e representação gráfica no jornalismo** impresso: A linguagem jornalística e a experiência nacional. São Paulo: Dissertação de Mestrado, defendida na USP, 2006, p. 43 - 44.

<sup>410</sup> *Il Corriere d'Italia*, 08 out. de 1915.

assuntos, permitindo que o editorial tivesse mais espaço para desenvolver matérias de natureza espiritual e, deste modo, ampliar ainda mais a vocação evangelística da Ordem carlista.



Figura 09 – Livreto que entrou em circulação em janeiro de 1925, de autoria scalabriniana e disponibilizado em conjunto com unidades do *Il Corriere d'Italia*.

O outro segmento que passou por bruscas transformações ao longo da história do *Il Corriere d'Italia*, foi a questão referente à identidade colonial. Tal fato se mostra coerente quando se analisam determinados elementos presentes no jornal carlista, antes e depois das turbulências provocadas na nação italiana e a ascensão do fascismo neste Estado.

Anteriormente a estes processos, elementos nacionalistas estavam extremamente presentes e, em diversas situações, expressões como “nós e eles” foram trabalhadas para diferenciar os cidadãos italianos dos vistos como brasileiros nas cidades rio grandenses<sup>411</sup>. Além disso, reportagens referentes à Itália se multiplicavam nas páginas do presente jornal, existindo uma grande cobertura dos eventos ocorridos neste país e nos demais grandes centros do continente europeu<sup>412</sup>. Já reportagens sobre fatos ocorridos no Rio Grande do Sul eram relegadas a páginas secundárias, enquanto que notícias de outras regiões do país dificilmente eram reproduzidas pelos editores do semanário.

<sup>411</sup> *Il Corriere d'Italia*, 06 ago. de 1915.

<sup>412</sup> *Il Corriere d'Italia*, 12 set. de 1913.

Por fim, a noção sobre qual era a primeira pátria dos imigrantes, a quem os mesmos deveriam ser leais em uma última análise, sempre era relacionada com a Itália e, em diversos momentos, esta preferência da nação europeia perante a americana ficava ressaltada na organização do texto presente no semanário, visto que em inúmeras vezes, o Brasil era citado posteriormente quando ambos os Estados eram comentados dentro de uma mesma reportagem<sup>413</sup>.

Todavia, esta situação acabou sendo alterada ao longo do tempo. Em 1920, reportagens sobre o Brasil já ocupavam a primeira página na maioria das edições desenvolvidas ao longo deste ano. Já no ano de 1923, notícias sobre fatos ocorridos em solo brasileiro passaram a receber muito mais destaque do que os acontecimentos promovidos na Itália, a não ser em circunstâncias extraordinárias, como em alguns escândalos praticados por governistas e oposicionistas, geralmente capitaneados por fascistas e socialistas, ou em atos articulados pelo papa. Marca desta transformação já era perceptível anos antes, principalmente nas notícias desenvolvidas sobre o centenário da independência do Brasil, festejos que receberam espaço semelhante aos eventos italianos promovidos na década anterior.

Obviamente, independente destas mudanças, certas situações se mantiveram, como a manutenção da língua italiana como o idioma oficial do jornal, tendo em vista que mesmo quando o editorial do semanário trabalhava assuntos relacionados a temáticas brasileiras, ainda assim o mesmo não escrevia suas reportagens em português, salvo alguma situação excepcional. Ademais, a ideia da preservação da italianidade, apesar de muitos dos ditos italianos terem nascido no Brasil, ainda persistia, como ficará explícito nas notícias construídas sobre o cinquentenário da imigração italiana e em outras reportagens que mostravam a relação dos imigrantes e descendentes com os nativos, demonstrando certos estranhamentos entre as partes, fruto de uma integração que ainda não havia sido consolidada:

Gringos?

Nós novamente ouvimos este qualificativo de "gringos"?

Embora isso seja infelizmente aplicado em geral para italianos e filhos de país de origem italiana como dissemos em outro momento. Alguns pronunciam a palavra "Gringos" como uma piada; outros por hábito ou ignorância; outros as vezes usam o vocábulo com sentimento veementemente anti-italiano. Como em nossas veias ainda há sangue da pátria distante, assim como o nosso coração é nutrido pelos sentimentos nobres daquela terra doce. Sim, soa e vai refletir o heroísmo e a ciência de um povo que, há cerca de setenta anos atrás, foi dividido e brutalmente esmagado sem misericórdia pelos seus invasores e agora renasce para uma nova vida, reunido forte e poderoso, reconquistando a sua unidade e independência, que com o sangue glorioso de seus mártires era capaz de resgatar a Bandeira amada por tantos irmãos e irmãs que

---

<sup>413</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 ago. de 1918.

ainda viviam no estrangeiro; será que seremos dignos de você? Muito triste, porque acreditamos e afirmamos ser um povo de trabalho, progresso e paz onde quer que no estabelecemos, tanto no Brasil quanto fora.<sup>414</sup>

De forma conclusiva, apesar desta fluidez aparente, certas coisas certamente haviam mudado no panorama social das colônias, fato demonstrado tanto pela orientação do jornalismo articulado pelo *Il Corriere d'Italia*, como também por outras alterações nos costumes dos habitantes de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e outras comunidades. Entre estas, a proximidade de muitos dos seus habitantes de descendência italiana com as perspectivas integralistas, ao invés das conotações fascistas, geralmente abraçadas por muitos dos imigrantes que haviam nascido em solo italiano<sup>415</sup>.

### **3.2 O *Corriere D'Italia* no final da década de 1920.**

Da mesma forma que em outros anos, o *Il Corriere d'Italia* finalizou suas ações em 1925 sem qualquer demonstração de que mudaria drasticamente o seu direcionamento editorial. Sendo assim, aparentemente, o jornal permaneceria focando em assuntos de cunho religioso, demonstrando a necessidade moral que diferentes populações tinham de aspectos presentes no cristianismo, enquanto que, em assuntos políticos, permaneceria com a mesma linha editorial apresentada no ano anterior, mantendo em regiões menos significativas da publicação, situações protagonizadas por lideranças nacionais ocorridas em solo italiano, enquanto que movimentos promovidos no Brasil receberiam certo destaque. Além disso, caso mantivesse a lógica que fora desenvolvida em anos anteriores, o presente jornal também exaltaria movimentos políticos católicos, rechaçando qualquer iniciativa de cunho marxista ou protagonizada por militantes fascistas.

Sobre tais perspectivas, muitas acabaram se concretizando, principalmente as que seguiam direcionamentos religiosos, podendo ocorrer de forma esporádica ou relacionada com um evento articulado em alguma localidade global, como no caso da Guerra Cristera, evento ocorrido em solo mexicano nos anos finais da década de 1920, local onde “camponeses e organizações católicas lutaram contra as posições anticlericais do Estado mexicano,

---

<sup>414</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 mai. de 1924.

<sup>415</sup> BERTONHA, João. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. In: GERTZ, René (Org.). **Estudos Ibero-Americanos**. (revista), PUCRS, Porto Alegre, v.24, n. 2, 1998, p. 264.

contestando assim o regime revolucionário instituído”<sup>416</sup>, situação narrada em diversos momentos pelo *Il Corriere d'Italia*<sup>417</sup><sup>418</sup>.

Ainda envolto em uma temática religiosa, a conversão de cristãos protestantes ao catolicismo em países onde estes grupos se configuravam como maioria, como Estados Unidos da América e Inglaterra, também foi alardeada pelo jornal, fato que, pela quantidade de notícias expostas, acabou sendo o assunto mais citado pelo jornal em seus últimos anos de atividade, buscando demonstrar, com isso, o contínuo fortalecimento da Igreja Romana, fora dos seus principais centros de poder:

Nos Estados Unidos, os católicos eram 40 mil em 1908; agora são 22 milhões e 250 mil. Número impressionante, tão grande quanto o das quatro principais denominações protestantes somadas, que contam com 22.426.227 membros.  
(...) Na Inglaterra, excluindo a Irlanda, os católicos no século XIX eram de 120 mil; hoje há 2 milhões e 300 mil; as conversões são de cerca de 10000 por ano e nas classes mais instruídas.<sup>419</sup>

Quanto o afastamento perante assuntos políticos, o distanciamento do *Il Corriere d'Italia* permaneceu notável, existindo diminutas circunstâncias em que o mesmo possibilitou o debate sobre figuras públicas influentes no cenário global, geralmente se limitando a verbalizar sobre as possibilidades apresentadas a Santa Sé nos anos finais da década de 1920<sup>420</sup>

Alusivo à italianidade, o tratamento se assemelhou ao visto com a política, com poucas relações promovidas entre o jornal e os aspectos indenitários que mantinham ligados imigrantes e descendentes com as populações que habitavam a península itálica. Tal situação, foi aparente até mesmo na última edição do jornal de 1924, unidade dedicada a ressaltar os interesses do jornal para o ano que alvorecia. Nela, reiteradamente o *Il Corriere d'Italia* demonstrou seu compromisso com o catolicismo e o Papa, destacando em poucas circunstâncias seu apreço pela identidade italiana<sup>421</sup>.

Acerca das festividades ocorridas em 1925, referentes ao cinquentenário da imigração italiana, algumas citações foram destacadas pelo jornal, geralmente quando alguma publicação sobre o evento acabava por ser concluída:

---

<sup>416</sup> SILVA, Caio Pedrosa da. "**Soldados de Cristo Rey**": representações da Cristera entre a historiografia e a literatura (México, 1930-2000). São Paulo: Dissertação de Mestrado, defendida na Unicamp, 2009.

<sup>417</sup> *Il Corriere d'Italia*, 24 fev. de 1927.

<sup>418</sup> *Il Corriere d'Italia*, 02 mar. de 1927.

<sup>419</sup> *Il Corriere d'Italia*, 22 jul. de 1926.

<sup>420</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 jan. de 1927.

<sup>421</sup> *Il Corriere d'Italia*, 30 dez. de 1926.

A propósito, queríamos esperar para falar sobre isso, para manter a flama viva e o desejo de adquirir esse volume esplêndido, que permanecerá como um monumento perene e indelével das festividades de cinquenta anos da emigração do nosso povo na capital desta terra generosa.

E dizemos imediatamente: toda família proveniente da Itália e em cujas veias ainda está fluindo forte, o sangue itálico, deve procurar sempre em casa, esse belo volume que tão bem descreve nossa vitalidade e energia.<sup>422</sup>

Sobre isso e de uma maneira geral, a partir do que fora apresentado nesta dissertação, pode-se concluir que o ser imigrante proveniente da Itália continuava, de certo modo, muito significativo para o imaginário, tanto do jornal, como dos imigrantes, porém, não com a mesma força percebida em anos anteriores, onde a integração com os elementos brasileiros ainda não se evidenciava como tão significativa e, muitas vezes, nem sequer possível. Em virtude disso, os laços entre os grupos que atravessavam o Atlântico demonstravam ser o caminho mais fácil para a prosperidade, apesar desta unidade se apresentar, inicialmente, como complicada por diversos aspectos<sup>423</sup>:

Deslocados espaço e temporalmente, viram-se em meio a uma geografia desconhecida, fabulosa e hostil, sem vínculos históricos com a sociedade receptora. Socialmente segregados e expulsos da pátria-mãe, não foram de imediato absorvidos pela de adoção; sem direitos políticos, tornaram-se cidadãos de segunda classe.<sup>424</sup>

Por fim, destaca-se o posicionamento do *Il Corriere d'Italia* quanto ao PNF e suas lideranças nos últimos anos em que o mesmo esteve em funcionamento, em virtude do jornal apresentar uma postura mais respeitosa perante o partido e suas políticas públicas.

Tal ineditismo ocorreu por, historicamente, os scalabrinianos de Bento Gonçalves desenvolverem notícias condenatórias às práticas promovidas por Benito Mussolini e seus aliados ideológicos, algo que não pode ser percebido nas publicações articuladas entre 1926 e 1927.

Em contrapartida a estas ações, reportagens demonstrando a força do governo e realçando o apoio colonial ao *Duce*, apesar de pouco aparentes, acabaram por ser perceptíveis. Este fato demonstra que, pelo menos de forma sutil, os posicionamentos fascistas passavam a ser melhor recebidos pelo editorial do *Il Corriere d'Italia*, que sem mostrar qualquer sinal de esgotamento, findou suas atividades em 30 de junho de 1927.

<sup>422</sup> *Il Corriere d'Italia*, 19 ago. de 1926.

<sup>423</sup> GIRON, Loraine. **As Sombras do Littorio**: O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda. 1994, p.31.

<sup>424</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 09.

### 3.2.1 Entre cristãos e protestantes: A conversão ao catolicismo como grande pauta em 1926 e 1927.

Em sua dissertação de mestrado, Angela Pomatti relatou a relação entre imigrantes e religiosidade, reiterando a importância que a mesma possuía para as comunidades italianas que se fixaram na região de Pelotas. Para evidenciar este fato, a mesma destacava como a fé era demonstrada materialmente, principalmente por meio da construção de capelas, um dos primeiros atos articulados por estas comunidades nas diferentes colônias espalhadas pelo Estado<sup>425</sup>, construção que se tornava um grande centro da vida comunitária.

Esta proximidade entre imigrante e a sua fé era tão diferenciada, que levou o historiador Leandro Batemps a aludir uma separação entre as comunidades italianas dos demais grupos étnicos que habitavam as colônias próximas a Pelotas no final do século XIX, pelo menos quando o espectro religioso era posto em destaque<sup>426</sup>.

Tal situação de forte vinculação entre os pressupostos defendidos e articulados pela Igreja Católica e os imigrantes e descendentes de origem itálica presentes na região de Pelotas, apesar de possuírem possíveis disparidades regionais, se assemelhava com o que fora articulado pelos italianos que se fixaram na serra gaúcha, tendo em vista que estes demonstraram, em diferentes momentos, sua forte convicção nas ideias defendidas pelas lideranças do clero local.

Em virtude disto, os jornais presentes nestas localidades, principalmente os de caráter religioso, noticiaram posicionamentos promovidos ou defendidos pela cúria romana, como também processos evangelizadores que estivessem ocorrendo nas mais diversas instâncias globais, como foi o caso do *Il Corriere d'Italia*<sup>427</sup> e o *Il Colono Italiano*<sup>428</sup>, além de sua versão posterior, o *Staffetta Riograndense*<sup>429</sup>, que possuíam significativas tiragens, tanto em suas cidades de origem, como nas demais localidades da região nordeste do Rio Grande do Sul.

Sobre o *Il Corriere d'Italia*, em seus primórdios, o jornal reiterava um discurso de aproximação entre a fé católica e o seu fiel, como também a relação plena entre a pátria e esta crença, demonstrada tanto pela construção de colunas que relacionavam estes temas<sup>430</sup>, como

---

<sup>425</sup> POMATTI, Angela. **Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura – 1890 a 1930**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2011, p. 09.

<sup>426</sup> BATEMPS, Leandro. **A Colônia francesa de Pelotas e os seus acervos culturais: Memória, história e etnia**. Pelotas: Dissertação de Mestrado, defendida na UFPEL, 2009, p. 74 - 75.

<sup>427</sup> *Il Corriere d'Italia*, 20 jul. de 1925.

<sup>428</sup> *Il Colono Italiano*, 04 mar. de 1911.

<sup>429</sup> *Staffetta Riograndense*, 05 jul. de 1917.

<sup>430</sup> *Il Corriere d'Italia*, 09 ago. de 1918.

pelo desenvolvimento de reportagens com estes cunhos em espaços subsequentes dentro do semanário.

Porém, ao longo do tempo, tal publicação mudou sua maneira de desenvolver reportagens, visto que em um primeiro momento, suas análises se voltavam ao cunho moral do seu público, retratando elementos da vida cotidiana e encontrando como inimigo, os elementos presentes na maçonaria<sup>431</sup>. Já posteriormente, passou a trabalhar o cristianismo voltado às questões políticas, principalmente encabeçado pelas articulações promovidas pelo PPI<sup>432</sup>, além do constante combate ao marxismo.

Deste modo, tais assuntos se tornaram a pauta principal do jornal no fim dos anos 1910 e início dos anos 1920, fato que demonstrou as claras tensões ideológicas em que estavam imersos os italianos ainda nos anos finais da Primeira Guerra Mundial, fato agravado com a conclusão dos conflitos e que separou em linhas claramente opostas, liberais e democratas cristãos, das vertentes socialistas e comunistas na Itália<sup>433</sup>.

Além da conduta claramente anti-bolchevique, o fascismo italiano também se tornou um movimento pária para o editorial do *Il Corriere d'Italia* naquele período, onde o mesmo enxergava a ação de Benito Mussolini e de outros políticos seguidores desta corrente como antidemocráticas e incivilizadas.

Os embates provocados por estas lideranças, principalmente contra os seguidores de linhas marxistas, foram constantemente divulgados pelo jornal em questão, que relatava os estragos provocados por esta corrente contra a sociedade civil, apesar deste tipo de reportagem ser menos frequente do que as que noticiavam as ações do PSI e outras vertentes socialistas.

O ápice das produções sobre o fascismo ocorre anos depois, quando a corrente já era personificada pela legenda PNF e possuía significativa influência em amplos setores da política e da economia estatal. Os assuntos abordados, como costumeiro em outros tempos, eram os escândalos protagonizados por militantes do partido, porém com um fator amplificador, que era o atentado à vida do deputado socialista Giacomo Matteotti, ocorrido em 10 de junho de 1924.

Apesar de purgar do partido alguns envolvidos responsabilizados pelo assassinato<sup>434</sup>, o PNF recebe constantes críticas por diversos veículos de informação, entre eles o *Il Corriere*

---

<sup>431</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 102.

<sup>432</sup> *Il Corriere d'Italia*, 24 set. de 1920.

<sup>433</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal *Correio-Riograndense* (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 104.

<sup>434</sup> *Il Corriere d'Italia*, 17 jul. de 1924.

*d'Italia*, que em praticamente todo ano de 1924, desenvolveu conteúdos com a intenção de diminuir o apoio da sigla entre os italianos e descendentes que habitavam a região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, sendo estes consumidores do conteúdo do semanário.

Entretanto, principalmente nos últimos 24 meses de circulação do *Il Corriere d'Italia*, se torna perceptível uma nova alteração no material desenvolvido pelo semanário, que retornava, de certo modo, ao estilo de produção original do jornal, ao se trabalhar de maneira aprofundada os assuntos de ordem religiosa. Porém, neste momento, tratou-se de uma forma mais abrangente e menos italianizada, se referindo a uma fé universal e não mais como uma faceta fundamental do Estado italiano.

Envolto a esta lógica, em 1926, séries sobre conversões em massa ao catolicismo dominaram a produção editorial do *Il Corriere d'Italia*, principalmente os que ocorreram em regiões de maioria protestante, como a Inglaterra ou os Estados Unidos<sup>435</sup>.

Tal situação se assemelhava a uma grande corrida em nome da fé, que realçou consideravelmente o aspecto evangelizador presente no jornal. Em virtude do favorecimento desta identidade, o veículo acabou por relegar assuntos de outras naturezas ao esquecimento ou a uma considerável diminuição de importância, como o caso do ambiente político italiano, paradoxalmente pouco retratado em um contexto de grande agitação, tanto no ambiente interno como no campo internacional.

### **3.2.2 Entre a indiferença e a simpatia: A posição do *Il Corriere d'Italia* quanto ao fascismo em seus últimos anos de produção.**

Em 15 de abril de 1926, de uma forma inusitada para o período em questão, o *Il Corriere d'Italia* desenvolveu uma reportagem de capa para trabalhar questões relevantes à figura de Benito Mussolini, algo raro em um momento que assuntos de natureza política eram relegadas a partes menos significativas do jornal e, constantemente, matérias sobre assuntos italianos eram alocados em outras páginas do semanário.

Indo além em seu ineditismo, as informações desenvolvidas pelo editorial carlista davam a entender um certo apreço a imagem do *Duce*, demonstrando grande preocupação com seu estado de saúde (em virtude do atentado sofrido pelo mesmo e fato motivador da matéria em questão), além de reiterar a importância que Mussolini possuía para o projeto de poder

---

<sup>435</sup> *Il Corriere d'Italia*, 22 jul. de 1926.

italiano, algo incompatível com o que já havia sido produzido por este jornal em seus últimos seis anos em que esteve em funcionamento.

Esta anomalia foi seguida em outras matérias produzidas pelo *Il Corriere D'Italia*, como as articuladas em 03 de junho de 1926 e em 16 de setembro do mesmo ano, que evidenciaram o apoio massivo que Mussolini tinha em diferentes contextos, tendo em vista os milhares de indivíduos que se mostravam muito preocupados com a saúde e bem-estar do seu líder político:

Agradecemos fervorosamente a Deus por não permitir que o chefe de governo se tornasse uma vítima fatal do atentado criminoso ocorrido, que a nossa Itália não foi atingida por um maior infortúnio, rezamos para que Deus sempre deseje manter sua mão vigilante no homem que, com a vontade tenaz mais maravilhosa, trabalha para trazer a Itália o seu passado de glória.<sup>436</sup>

O anarquista, cujo nome não deve ser lembrado por ninguém, teve outras bombas com ele e foi repatriado pela França por alguns dias. Mesmo assim, o vilão assassino não alcançou seu objetivo; A bomba, além de bater contra o carro, não o explodiu imediatamente. Agradecemos a Deus que mais uma vez poupou a vida do primeiro ministro, que recebeu milhares e milhares de telegramas de felicidades por escapar do perigo, sendo elas vindas da Itália ou do exterior.<sup>437</sup>

Apesar desta alteração de posicionamento sobre a causa fascista, o *Il Corriere d'Italia* continuou não valorizando reportagens de cunho político, mantendo em sua pauta, primordialmente, assuntos de natureza religiosa. Tal fato é evidente, visto que a produção desenvolvida em 16 de setembro de 1926 fora colocada na contracapa do semanário, apesar de seu assunto ser muito significativo para a causa de Mussolini, já que a mesma demonstrava a simpatia dos italianos a sua vida, sejam estes presentes na Itália, em outras localidades espalhadas pelo continente europeu ou em outras regiões com presença itálica.

A modificação da postura sobre o *Duce*, apesar de não ser acompanhada de uma transformação maior em outros setores do jornal, fomenta diversas reflexões, que vão desde mudanças na equipe diretiva do jornal, a possíveis alterações no perfil do público leitor, além de perspectivas futuras quanto a fusão do *Il Corriere d'Italia* com o semanário *Staffetta Riograndense*.

Sobre a primeira questão, não existem registros que demonstrem modificações significativas no quadro diretivo do jornal após 1921, ano que José Foscallo substituiu Carlos Porini como responsável pela produção do mesmo. Além disso, o semanário permaneceu sob a jurisdição scalabriniana em todo o seu período de produção, algo que, em última análise, limitaria a liberdade criativa segundo os interesses ideológicos desta Ordem.

---

<sup>436</sup> *Il Corriere d'Italia*, 15 abr. de 1926.

<sup>437</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 set. de 1926.

Quanto ao público leitor, é possível crer em uma ampliação do apoio deste nicho de imigrantes às políticas promovidas por Mussolini na Itália, tendo em vista as diversas demonstrações que o PNF passou a receber em diversas localidades da serra gaúcha, ainda antes das reportagens favoráveis ao *Duce* passarem a ser reproduzidas pelo *Il Corriere d'Italia*<sup>438</sup>.

Por fim, em virtude dos acontecimentos ocorridos posteriormente, poderia se questionar se a futura fusão do jornal sediado em Bento Gonçalves com sua contraparte garibaldiana não poderia ter influenciado na mudança de tom do *Il Corriere d'Italia* perante Benito Mussolini. Tal fato mostraria certa lógica, em virtude de os capuchinhos desta região possuírem uma visão mais positiva do *Duce* ao longo de toda a década de 1920 e, uma possível união dos jornais ocorreria de forma mais coerente, caso ambos os veículos de informação trabalhassem segundo os mesmos pareceres.

Tal posicionamento pode possuir certo sentido, todavia, a edição comemorativa de 108 anos de história do Correio Riograndense destaca, em suas páginas, que a fusão dos dois maiores elementos do jornalismo católico da serra gaúcha já era uma ação pensada pelas lideranças de ambas as produções nos primórdios da década de 1920<sup>439</sup>.

Esta circunstância de nenhum modo teria impedido que apenas em 1926 alinhamentos ideológicos sobre o PNF tivessem ocorrido, porém geram reflexões sobre os motivos que levaram esta ação a ter um desfecho tão tardio, visto que as discussões sobre a união destes jornais já eram bem anteriores às reportagens sobre o atentado a vida de Benito Mussolini, articuladas pelo *Il Corriere d'Italia*, inicialmente, em 15 de abril de 1926.

Retornando às publicações desenvolvidas pelos scalabrinianos de Bento Gonçalves, ainda em 1926 reportagens pontuais abordaram a imagem do *Duce*, geralmente o distanciando do homem político e relatando aspectos de sua vida privada, apresentando, com isso, um homem familiar, honroso e claramente apoiado por seguidores espalhados pelo mundo:

Em 29 de julho, no 43º aniversário de seu nascimento, o Sr Mussolini recebeu de todas as partes da Itália e dos fascistas do exterior, telegramas com felicitações e votos. A data foi celebrada em todos os lugares com grandes festas em honra do Duce. Ele passou um dia na intimidade da sua família porque sua filha, Edda, estava muito doente, mas logo estará completamente estável.<sup>440</sup>

---

<sup>438</sup> VALDUGA, Gustavo. Exéquias de um funeral fascista: o falecimento de Bartholomeu Tacchini e a presença do Fascismo em Bento Gonçalves. In: RADÚNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 163.

<sup>439</sup> Correio Riograndense, 08 fev. de 2017.

<sup>440</sup> *Il Corriere d'Italia*, 12 ago. de 1926.

Em seu último ano de produção, acompanhando o que já havia sendo articulado em 1926, o *Il Corriere d'Italia* não demonstrou qualquer interesse em atacar a figura pública do *Duce* ou de desenvolver séries de colunas que abordassem assuntos políticos, independente destes ocorrerem em solo italiano ou brasileiro.

Tal situação contrastou ainda mais quando comparado ao tratamento dispensado a assuntos de ordem religiosa, que nas últimas semanas de produção do jornal, passou a reter mais um espaço do mesmo, agora na parte principal da contracapa do veículo, com a coluna denominada de *Página Religiosa*, apesar do assunto ainda ser desenvolvido em outras áreas do *Il Corriere d'Italia*.

Dentro de um espectro positivo, Mussolini fora relatado em duas circunstâncias, ambas em páginas de verso a partir de um mesmo assunto, ou seja, as relações internacionais da Itália com outras nações.

A primeira destas ocasiões ocorreu em 09 de junho de 1927, onde foram demonstradas as boas conexões entre o governo capitaneado pelo *Duce* e a Argentina. Posteriormente, em 16 de junho de 1927, foram celebrados os esforços de Mussolini para o estreitamento dos laços com o Japão, situação que levou o líder italiano a receber a medalha da Ordem do Sol Nascente do governo nipônico:

O imperador Hirohito concedeu a condecoração da Ordem do Sol Nascente a Mussolini, em reconhecimento aos ótimos serviços para o estreitamento das relações com o governo japonês.<sup>441</sup>

Em 30 de junho de 1927, como em outras situações, Mussolini não fora relatado nas reportagens do *Il Corriere d'Italia*, um jornal que em diversas ocasiões o atacou, mas que em suas últimas edições aparentou pouco interessado na imagem do líder italiano, o tratando com certa neutralidade, talvez até mesmo com alguma empatia.

### **3.2.3 Queda repentina: As alegações oficiais para o fim do *Il Corriere d'Italia*.**

A primeira edição anual de qualquer veículo de informação tende a ocorrer em seu ano vigente e, para o *Il Corriere d'Italia*, não foi diferente, sendo esta datada de 06 de janeiro de 1927.

---

<sup>441</sup> *Il Corriere d'Italia*, 16 jun. de 1927.

Todavia, apesar de ainda estar nas unidades respectivas ao período correspondente à 1926, a edição 52 do presente ano visava demonstrar uma prévia do que seria desenvolvido sequencialmente, mostrando um jornal claramente voltado às questões católicas e focado em levar seus leitores a refletir a utilidade deste veículo de informação para a expansão da crença em diferentes localidades.<sup>442</sup>

Logo, esta unidade não apresentava dados que demonstrassem qualquer queda no número de assinantes do jornal ou indicava um possível fim do semanário, além de não demonstrar alterações em seu corpo diretivo ou editorial.

Deste modo, apesar das transformações no trato dos conteúdos apresentados por este veículo de informação ao longo de sua história, o *Il Corriere d'Italia* não assinalava um fim iminente nas suas produções e, curiosamente, tais manifestações de desgaste não foram sinalizadas em nenhum outro momento de funcionamento do editorial.

Por ventura destes fatos, o semanário abala significativamente os seus leitores ao finalizar oficialmente seus trabalhos em 30 de junho de 1927, se configurando como um dos jornais de maior vida útil da serra gaúcha.

Sua conclusão, segundo o editorial carlista, teria ocorrido com a intenção de fortalecer o jornalismo católico gaúcho, ao centrar os interesses da causa em um único grande título, apesar das significativas desavenças existente entre estes religiosos e os capuchinhos garibaldianos em outros tempos, principalmente quanto as questões ideológicas perante o posicionamento da Itália na Primeira Grande Guerra<sup>443</sup>.

Como destacado pelo *Il Corriere d'Italia*:

COM O OBJETIVO: de dar maior firmeza, vigor e unidade à imprensa católica colonial, de se aprofundar melhor na vida local, de oferecer um serviço mais perfeito na informação com as mais variadas matérias, de diminuir o tempo e as despesas necessárias pela existência, de duas redações distintas e independentes as redações dos dois semanários IL CORRIERE D'ITALIA e STAFFETTA RIOGRANDENSE - considerando ser único e o objetivo dos dois jornais - decidiram por unir-se efetuando o quanto antes este projeto.

CÔM O PRIMEIRO NÚMERO DO MÊS DE JULHO A NOSSA COLÔNIA ITALIANA TERÁ UM ÚNICO JORNAL COM O TÍTULO

**“STAFFETTA RIOGRANDENSE”**

“Corriere d'Italia”

O qual concentrando em um só grupo as forças intelectuais e financeiras dos velhos semanários, será o porta-voz dos sentimentos católicos dos nossos bravos colonos. Ao novo, mais grande e mais forte semanário que estará concentrado em Garibaldi, não faltará o aplauso e o apoio daqueles que sentem a necessidade da boa palavra que continuará a levar entre nossas famílias a sã formação religiosa e moral.<sup>444</sup>

<sup>442</sup> *Il Corriere d'Italia*, 30 dez. de 1926.

<sup>443</sup> *Il Corriere d'Italia*, 18 set. de 1914.

<sup>444</sup> *Il Corriere d'Italia*, 30 jun. de 1927.

Como relatado na edição especial do Correio Riograndense, após a união entre os maiores representantes da imprensa étnica católica, o *Staffetta* trouxe em sua primeira página os nomes das duas produções, até que, por fim, suprimiu a denominação do *Il Corriere d'Italia* e passou a atuar apenas com sua nomenclatura<sup>445</sup>.

Concomitante à dominação da identidade visual, o *Staffetta* também passou a controlar os direcionamentos ideológicos do que seria produzido pelo presente jornal, como os assuntos de ordem política ou religiosa.

Quanto a perspectiva política, se percebe uma aproximação gradual do ideal fascista ao longo da maior parte da década de 1930, de forma semelhante ao que já era promovido pelo *Staffetta* enquanto este esteve em uma órbita plenamente capuchinha. Quanto a religião, as alterações foram meramente superficiais, sendo alteradas apenas quando assuntos referentes a causa de Mussolini fossem retratados, tendo em vista que nestes momentos a Igreja passava a ser utilizada como um verdadeiro porta-voz da causa fascista<sup>446</sup>.

Por fim, às vésperas da avassaladora década de 1930, a serra gaúcha ficava sem um dos seus mais importantes semanários, possuidora de significativa tiragem e muito influente em diversos núcleos coloniais, ao mesmo tempo em que se observa o crescimento dos pareceres do *Steffetta* em meio ao público leitor.

Deste modo, dentro do cenário apresentado, pode-se concluir que, possivelmente, a principal voz contrária ao fascismo proveniente de veículos de informação católicos finalmente se silenciava, apesar de já não compor plenamente este papel em seus últimos anos.

Em contrapartida e por ventura do vazio de poder criado, o *Staffetta* poderia contemplar com ainda mais facilidade sua agenda política e religiosa mais inclinada à causa fascista, revigorado pela fusão dos editoriais e, conseqüentemente, fortalecido nos principais centros da região nordeste do Rio Grande do Sul.

---

<sup>445</sup> Correio Riograndense, 08 fev. de 2017.

<sup>446</sup> VALDUGA, Gustavo. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945). Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007, p. 123.

## CONCLUSÃO

O século XIX marcou profundamente a história da península itálica, tendo em vista as transformações ocorridas a nível organizacional nos estados e instituições que se localizavam nesta influente região da Europa. Neste contexto, os antigos reinos italianos foram unificados, a independência territorial da Igreja foi maculada e as tradicionais migrações dos povos da região ganharam as águas do Atlântico, levando ao surgimento de coletividades fora da bacia do Mediterrâneo, principalmente em países como Estados Unidos da América, Argentina, Uruguai e Brasil.

Em virtude destas intensas transformações, os indivíduos que passaram a compor essas comunidades imigrantes se perceberam imersos em uma situação delicada, que perpassava sua compreensão sobre o mundo e até mesmo deles mesmos. Tal fato se dava em virtude de muitos destes sujeitos não compreenderem bem os diversos aspectos que teciam a sua identidade, quais segmentos religiosos deveriam ser seguidos em uma Igreja em crise e de que forma os mesmos se integrariam nas novas pátrias acolhedoras.

No nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, precisamente em sua região serrana, os imigrantes e seus descendentes, em virtude das especificidades desta localidade, passaram a adotar continuamente a identidade italiana, pelo menos segundo o que os mesmos julgavam ser os italianos. Tal conjuntura aparenta estranheza, visto que a vinda destes ocorre em um profundo cenário de instabilidades, onde a própria italianidade estaria sendo construída em terras europeias.

Todavia, muito em virtude de serem considerados diferentes dos locais e de suas particularidades não serem tão latentes dentro dos núcleos coloniais, a unidade entre os mesmos acabou dando força à lógica de pertencerem a uma mesma pátria originária, ainda na primeira década do século XX. Com o intuito de guarnecer ainda mais estes pareceres unitários, também ocorre a adoção de valores considerados universais por parte dos colonos, como o senso do trabalho e a honra, além do pilar religioso, tendo em vista a forte ligação entre tais indivíduos e a Igreja local, instituição que angariou força significativa em diversas cidades, entre elas, Caxias do Sul, Cond'Eu e Princesa Isabel, sendo que as últimas tiveram seus nomes alterados com o fim do período imperial brasileiro, sendo denominadas, atualmente, de Garibaldi e Bento Gonçalves.

Nestes três municípios, as organizações de caráter religioso passaram a ser o centro aglutinador da vida social, sendo espaço tanto para os festejos locais, como também para a

realização dos estudos dos imigrantes e de seus descendentes, além de âmago para a regulamentação da moral e da ética comunal. Deste modo, em virtude da forte presença da fé no seio colonial, ordens religiosas passaram a ocupar progressivamente espaços relativos nas atividades públicas e privadas das cidades serranas, principalmente por meio das articulações promovidas por scalabrinianos e capuchinhos, ordens que tiveram destaque nesta região e que, por ventura de seu potencial econômico e influência política, detiveram por tempo significativo a presença na imprensa religiosa local, sendo que o segmento capuchinho ainda possui espaço dentro desta conjuntura.

As produções desenvolvidas em Bento Gonçalves pela Ordem carlista, como as vinculadas em Garibaldi, por sua contraparte capuchinha, eram produzidas em italiano e trabalhavam uma grande variedade de assuntos, principalmente questões vinculadas à moral e ao comportamento de seus leitores, além de debater assuntos voltados às ideologias e aos partidos políticos em funcionamento, tanto no Brasil como na Itália.

Claramente parciais, seus editoriais não demonstravam qualquer receio em destrinchar suas opiniões, o que, conseqüentemente, aproximou os veículos jornalísticos de instituições que demonstrassem valores similares aos seus. De forma proporcionalmente contrária, tais direcionamentos também os distanciaram de elementos que possuíssem visões de mundo díspares, como os segmentos maçônicos na década de 1910 e as linhas comunistas, principalmente nos anos 1920.

Relatando mais especificadamente a atuação do semanário scalabriniano, pode-se destacar que o jornal *Il Corriere d'Italia* cumpriu, ao longo de toda o seu período em funcionamento, os pareceres do fundador de sua ordem, João Batista Scalabrini. Como um bom ultramontano transigente, Scalabrini sempre buscou demonstrar as vantagens de uma boa relação entre a Igreja e o nascente Estado italiano, defendendo, com isso, a união entre pátria e a fé católica. Logo, segundo os pareceres do semanário, o bom italiano era crente nos pareceres de Cristo e o reino da Itália só encontraria as glórias do seu destino ao abraçar a fé eterna dos seguidores de Jesus.

Ao longo de toda a sua primeira década em funcionamento, tais orientações eclesiásticas foram articuladas no *Il Corriere d'Italia*, sendo esta a pedra angular em que o jornal se assentava. No fim deste primeiro período, assuntos de ordem política passaram a ser relatados com mais consistência, principalmente em virtude da ascensão da ideologia socialista nos territórios da Itália e a formação do Partido Popular Italiano, legenda que nutriu grande apoio carlista na serra gaúcha e que visava combater as instituições seguidoras de linhas marxistas.

Além dos dois segmentos ideológicos destacados, a orientação fascista também ocupou relativo espaço das publicações do correio carlista, principalmente no primeiro quinquênio de 1920, onde o semanário desenvolveu uma forte campanha, tanto contra as suas lideranças, como para a sua militância. Deste modo, não era raro a publicação de reportagens que condenassem a atuação de Mussolini e outros elementos fascistas, muitas vezes consideradas incivilizadas pelo jornal, que reiterava, constantemente, que os imigrantes italianos e seus descendentes deveriam se desvincular desta linha política bárbara e abraçar outras correntes em funcionamento na Itália, principalmente a capitaneada pelo PPI.

O epicentro de publicações com este cunho ocorreu ao longo do ano de 1924, em virtude do assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti, onde se destacou uma das últimas séries desenvolvidas pelo *Il Corriere d'Italia* com o intuito de diminuir o apoio que o partido fascista possuía nas regiões serranas.

A partir de 1925, o grande semanário religioso de Bento Gonçalves passa por uma nova alteração no desenvolvimento de seu conteúdo informativo, praticamente deixando de abordar assuntos de natureza política e passando a focar em pautas referentes a religiosidade, direcionamento criativo, que se acentuou nos anos seguintes.

Concomitantemente, assuntos referentes à Itália também perdem força, relegando notícias com esta conotação a partes menos nobres do semanário, fato ocorrido principalmente devido ao maior interesse dos seus leitores com acontecimentos ocorridos em sua região de atuação do que com os eventos promovidos no outro lado do Atlântico, muito em virtude da maior inserção dos descendentes de imigrantes na sociedade local.

No fim de 1926 e no início de 1927, novamente de forma surpreendente, a conduta do *Il Corriere d'Italia* se modifica ainda mais, aceitando em suas reportagens, notícias com singelo apoio a Mussolini. Tal conduta, apesar de não ter uma franca relação com a posterior união com o *Staffetta Riograndense*, demonstra um alinhamento ideológico entre os diferentes semanários, visto que a contraparte capuchinha tendia a aceitar com mais normalidade a postura do líder italiano. Além disso, esta alteração também parece acompanhar os pareceres dos leitores do jornal sobre o Duce, político que passava a angariar apoio de forma contínua em diversas cidades da serra gaúcha.

Em virtude da fusão entre os semanários, o fascismo, de um modo geral, ganhou ainda mais espaço nas regiões serranas, praticamente não contando com qualquer oposição da imprensa de cunho religioso nestas localidades. Por outro lado, apesar do fim do seu jornal, muitos scalabrinanos gaúchos puderam ver, poucos anos depois, a união das bandeiras católicas e italianas, selada por ventura da ação de antigos inimigos, que por inúmeros interesses políticos

assinaram com a Igreja o polêmico tratado de Latrão, findando com os diversos embates provocados com o desenrolar da unificação italiana e o fim dos Estados Pontífices, ainda nos intensos anos do século XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, João. **História de Caxias do Sul: 1864-1962**. t. 1. Caxias do Sul: São Miguel, 1971.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México, D. F.: Colección Popular, 1993.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: Teoria e Método**. Bauru: Edusc, 2006.

AZZI, Riolando. **A Igreja e os Imigrantes: a imigração italiana e os primórdios da obra scalabriniana no Brasil (1904 – 1924)**. V. 2. São Paulo: Paulinas, 1987.

BAUER, Otto. A Nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1ª edição. 2000, p. 45 – 81.

BELUSSO, Gisele. Colégio Nossa Senhora de Lourdes, alternativa educacional através da fé para imigrantes italianos (1917 – 1943). In: RADÜNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 152 – 161.

BENEDUZI, Luís. **Imigração Italiana e Catolicismo: Entrecruzando olhares, discutindo mitos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

\_\_\_\_\_. Staffetta Riograndense, fascismo e italianidade na Serra gaúcha In: RADÜNZ, Roberto (org.). **Imigração e Sociedade: Fontes e acervos da imigração no Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 288 – 309.

\_\_\_\_\_. Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias & Carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001, p. 683 – 697.

BERLIN, Isaiah. **Estudos sobre a Humanidade: Uma antologia de Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BATEMPS, Leandro. **A Colonia francesa de Pelotas e os seus acervos culturais: Memória, história e etnia**. Pelotas: Dissertação de Mestrado, defendida na UFPEL, 2009, p. 74 - 75.

BERTONHA, João. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. In: GERTZ, René (Org.). **Estudos Ibero-Americanos**. (revista), PUCRS, Porto Alegre, v.24, n. 2, 1998, p. 247 – 268.

\_\_\_\_\_. Nacionalismos e Impérios: o caso da Itália fascista. In: PAREDES, Marçal (org). **Dimensões do Poder: História, Política e Relações Internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 97 – 114.

\_\_\_\_\_. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001.

\_\_\_\_\_. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sob o signo do fascio: o fascismo, os imigrantes e o Brasil, 1922-1943**. São Paulo: Tese de doutoramento, defendida na UNICAMP, 1998.

BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. **Relações de poder coronelistas na região colonial italiana do Rio Grande do Sul durante o período borgista (1903-1928)**. Porto Alegre: Tese de Doutorado em História, defendida na PUCRS, 2008.

BIONDI, Luigi. **Classe e Nação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Trento, Angelo: Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX-XX**. São Carlos: Ed. UFScar, 2013.

BORGES, João Baptista Pereira. **Italianos no mundo rural paulista**. São Paulo: Pioneira/ Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1974.

CATROGA, Fernando. **Nação, Mito e Rito**. Fortaleza: NUDOC-UFC, 2005.

CARDOSO, Ciro. RONALDO, Vainfas. História e Análise de textos. In: CARDOSO, Ciro. RONALDO, Vainfas (org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier. 1997, p. 377 – 399.

CARNIERI, Christopher Augusto. **A italianidade em movimento: travessias e olhares**. Curitiba: Dissertação de Mestrado, defendida na UFRS, 2013.

CASALI, Alípio. **Elite Intelectual e restauração da Igreja**. Petrópolis: Vozes. 1995.

CAZETTA, Felipe Azevedo. **Fascismos e autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo - fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945**. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, defendida na UFJF, 2011.

*Cinquentenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1872 – 1925 (v.1)*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

CIUFOLETTI, Zeffiro. **Dentro la storia: Eventi, testimonianze e interpretazioni**. Firenze: Casa editrice G. D'Anna, 2008,

CHIESA, Vicente Martins Della. **As vinhas da ira: o metodismo e a vitivinicultura na colônia italiana da serra gaúcha**. In: RADÜNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 281 – 297.

COELHO, Tatiana. **Discurso ultramontano no Brasil do século XIX: Os bispados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro**. Niteroi: Tese de doutorado, defendida na UFF, 2016,

CORTEZE, Dilse Piccin. **Ulisses va in América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. Passo Fundo: Ediupef, 2002.

CRESCIANI, Gianfausto. **Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945**. Roma: Bonacci, 1979.

CUSANO, Alfredo. **Il Brasile, gl'italiani e la guerra**. Roma/São Paulo/Buenos Aires: L'Italo-Sud-Americana, 1921.

D'APREMONT, Bernardino. Convento de Nova Trento. In: DE BONI. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 51 - 52.

DE BONI, Luís. **La Mérica**: escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1971.

\_\_\_\_\_. O catolicismo da imigração: Do triunfo a crise. In: DACANAL, José H. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996.

DE GILLONNAY, Bruno. Conde d'Eu, onde tudo começou. In: DE BONI. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996, p. 22 - 28.

DE RUGGIERO, Antonio. “Ouro e Sangue pela pátria”: a contribuição dos ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial. In: DE RUGGIERO, Antonio. **Vivências da Primeira Guerra Mundial**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015. p. 79 – 102.

FLORIANI, Giorgio. **Cento anni di scuole italiane all'estero**. Roma: Armando Editore, 1974, p. 75.

FRANZINA, Emilio. **Italiani del Brasile ed italobrasileiani durante il Primo Conflitto Mondiale (1914 – 1918)**. Passo Fundo: História: Debates e Tendências, v. 5, n.1, 2004, p. 225 – 267.

\_\_\_\_\_. **Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America latina (1876-1902)**. Nord est: Cierre Edizioni, 1994.

FICHTE, Johann. **Discursos à Nação Alemã**. Lisboa: Circulo de Leitores / Temas e debates. 2009.

GARAMBONE, Sydney. **A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2014.

GENTILE, Emilio. Itália Fascista: do partido armado ao Estado Totalitário. in. GENTILE, Emilio. **A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo**. Tradução de Fátima Conceição Murad. São Paulo: Ícone Editora, 1988, p. 7-64.

GIRON, Loraine. A imigração italiana no Rs: fatores determinantes. In: DACANAL, José. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

\_\_\_\_\_. **As Sombras do Littorio: O fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlanda. 1994.

\_\_\_\_\_. **Colônia: um conceito controverso**. Caxias do Sul: EDUCS. 1996.

\_\_\_\_\_. **100 Anos de Imprensa Regional 1897 – 1997**. Caxias do Sul: EDUCS. 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IOTTI, Luiza. **O olhar do poder**. 2. ed, Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

ISNENGHI, Mario. **I luoghi della memoria**. Roma: Laterza, 1997.

LACOUTURE, JEAN. **Os Jesuítas: Os conquistadores**. Vol 1, Porto Alegre: L&PM.

**Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. 1918.

LUCHESE, Terciane Ângela. Catolicidade e Italianidade no Jornal *Il Corriere d'Italia*, RS, Brasil (1913 – 1927). In: DE RUGGIERO, Antonio. **História e Narrativas Transculturais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017, p. 277 – 300.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Os bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983.

MACHADO, Fernando dos Santos. **Racionalismo italiano (1926 – 1943) e o fascismo: Contradição ou Convergência**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MARQUES, Alexandre. **“A Questão ítalo-abissínia”**: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

PARIS, Robert. **As Origens do Fascismo**. Tradução de Elisabete Perez. São Paulo: Perspectiva S.A., 1976, p. 73.

PALLA, Marco. **A Itália Fascista**. São Paulo: Ática S.A. 1996.

PAXTON, Robert. **Anatomia do Fascismo**. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PETRONE, Maria Tereza. Imigração. In: FAUSTO, Boris. **História geral da imigração brasileira**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 93 - 134.

PIVETTI, Michaela. **Planejamento e representação gráfica no jornalismo** impresso: A linguagem jornalística e a experiência nacional. São Paulo: Dissertação de Mestrado, defendida na USP, 2006.

POMATTI, Angela. **Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura – 1890 a 1930**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2011.

POSSAMAI, Paulo. Imprensa e italianidade: RS (1875-1937). In: DREHER, Martin Norberto (org.). **Imigração & imprensa**. Porto Alegre: EST, 2004. p. 561 - 584.

RECH, Gelson. Professor Gino Battocchio e as aulas gratuitas de italiano nos ginásios da capital do RS. in: RADÜNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 116 – 133.

RELA, Eliana. **Nossa fé, nossa vitória: Igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

ROSOLI, Gianfausto. L'opera della Chiesa a favore degli emigrati italiani nel mondo. In. MAFIOLETI, Gianmario; SANFILIPPO, Matteo (orgs). **Un grande viaggio. Oltre.... Un secolo di emigrazione italiana**. Centro Studi Emigrazione: Roma, 2001.

ROUX, G. **Organização do Estado Novo Italiano: Estudo de Direito Político**. São Paulo: Saraiva & Cia. Editores, 1937.

ROWE, Harper. **Mediterranean Fascism 1919-1945**. Tradução Charles F. Delzel. 1970.

SANMARTIN, Olyntho. **Escola da Morte**. Porto Alegre: Globo. 1957.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCALABRINI, Joao Batista. **A emigração italiana na América**. Trad. Redovino Rizzardo. Porto Alegre: EST/CEPAM; Caxias do Sul: UCS, 1979. p. 27.

SCHMIDT, Guilherme Temp. **Maçonaria no Rio Grande do Sul: a relação com as religiões espírita e protestantes (1900-1930)**. Artigo publicado no xxii simpósio nacional de história: João Pessoa, 2003.

SERGI, Pantaleone, **Stampa Migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell'immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010.

SIGNOR, Maria Lice. **João Batista Scalabrini e a migração italiana: um projeto sóciopastoral**. Porto Alegre: Pallotti, 1986.

\_\_\_\_\_. **Irmãs missionárias de São Carlos, Scalabrinianas: 1895-1934**. Brasília: CSEM, 2005.

SILVA, Caio Pedrosa da. **"Soldados de Cristo Rey": representações da cristera entre a historiografia e a literatura (México, 1930-2000)**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, defendida na Unicamp, 2009.

SMITH, Anthony. **Identidade Nacional**. Tradução de Cláudia Britorev. Científica João Marques de Almeida. - 1ª edição - Lisboa: Gradiva, 1997.

SOARES, Caio. **Sartre e o pensamento mítico: Revelação arquetípica da liberdade em As Moscas**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, defendida na USP, 2005.

SOUZA, Wlaumir Doniseti. Imigração italiana e Igreja: Ultramontanismo e Neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin Norberto. **500 anos de Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST/CEHILA, 2002.

STORMOWSKI, Marcia Sancki. **Crescimento econômico e desigualdade social: O caso da ex-colônia Caxias (1875-1910)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

TRENTO, Angelo. **Fascismo Italiano**. São Paulo: Ática S.A, 1986

\_\_\_\_\_. **Do Outro Lado do Atlântico: Um Século da imigração italiana no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel. 1989.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.** São Paulo: Difel, 1974.

VALDUGA, Gustavo. **Para além do coronelismo: italianos e descendentes na administração dos poderes executivos da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1924-1945)** Porto Alegre: Tese de Doutorado, defendida na PUCRS em 2012.

\_\_\_\_\_. **"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945).** Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, defendida na PUCRS, 2007.

\_\_\_\_\_. Exéquias de um funeral fascista: o falecimento de Bartholomeu Tacchini e a presença do Fascismo em Bento Gonçalves. In: RADÜNZ, Roberto (org.). **140 anos da imigração da imigração italiana no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: EDUCS, 2015. p. 162 – 173.

VENDRAME, Maria Inês. **"Lá éramos servos, aqui somos senhores": a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914.** Porto Alegre: Dissertação de mestrado, defendida na PUCRS, 2007.

\_\_\_\_\_. Viva a Itália e seu glorioso exército! A imaginação italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885 – 1915). In: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A primeira guerra mundial e suas repercussões no Brasil.** (Dossiê) Oficina do Historiador, Porto Alegre, v.8, n. 1, 2015, p. 22 – 42.

VANNINI, Ismael Antônio. **História, sexualidade e crime: imigrantes e descendentes na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1938/1958).** Porto Alegre: Tese de Doutorado em História, defendida na PUCRS, 2008.

ZANINI, Maria Catarina. **Italianidade no Brasil Meridional: A Construção da identidade Étnica na Região de Santa Maria-RS.** Santa Maria: Editoraufsm. 2006.

\_\_\_\_\_. Italo-brasileiros na Itália no século XXI: “retorno” à terra dos antepassados, impasses e expectativas. In: EQUIPE CSEM (Edit.). **Retorno e circularidade.** (Revista) REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, jul./dez. 2013, p. 139 -162.

### **JORNAIS CONSULTADOS (PERÍODO DE ANÁLISE)**

Correio do Povo – janeiro de 1936 a dezembro de 1936.

Correrio Riograndense – 8 de fevereiro de 2007.

*Il Colono Italiano* – janeiro de 1898 a agosto de 1898.

*Il Colono Italiano* – janeiro de 1915 a julho de 1917.

*Il Corriere d'Italia* – julho de 1913 a junho de 1927.

*Il Giornale dell'Agricoltore* – fevereiro de 1934 a agosto de 1938.

*La Libertà* – fevereiro de 1909 a dezembro de 1909.

*La Nuova Itália* – janeiro de 1933 a dezembro de 1933.

O Estado – janeiro de 1921 a dezembro de 1922.

### **ARQUIVOS, MUSEUS E BIBLIOTECAS**

Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, Caxias do Sul/RS.

Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi, Garibaldi/RS.

Biblioteca Pública de Santa Catarina, Florianópolis/SC.

Museu Histórico Casa do Imigrante, Bento Gonçalves/RS.